INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

AMARILIS AGUIAR DE SOUZA

AS CANTIGAS DE CALANGO DO CAPARAÓ NA SALA DE AULA: CULTURA LOCAL COM EPILINGUAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vitória - ES

2024

AMARILIS AGUIAR DE SOUZA

AS CANTIGAS DE CALANGO DO CAPARAÓ NA SALA DE AULA: CULTURA LOCAL COM EPILINGUAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCF) apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes – Campus Vitória, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes

Vitória - ES

2024

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S729c Souza, Amarilis Aguiar de.
As cantigas de calango do Caparaó na sala de aula: cultura local com epilinguagem nos anos finais do ensino fundamental / Amarilis Aguiar de Souza. – 2024.
160 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Antônio Carlos Gomes.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2024.

1.Cantigas e rodas infantis - Ensino. 2. Escrita - Estudo e ensino. 3. Linguagem e educação. I. Gomes, Antônio Carlos. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título

CDD: 372.4

Elaborada por Wagner Ayrão de Castro – CRB-6/ES – 1.005

AMARILIS AGUIAR DE SOUZA

AS CANTIGAS DE CALANGO DO CAPARAÓ NA SALA DE AULA: CULTURA LOCAL COM EPILINGUAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 04 de julho de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
ANTONIO CARLOS GOMES
Data: 12/07/2024 09:20:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Doutor Antonio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Orientador
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

gov.br Documento assinado digitalmente
ANTONIO CARLOS GOMES
Data: 12/07/2024 09:24:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Doutor Lucas dos Passos e Silva
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

gov.br Documento assinado digitalmente
ANTONIO CARLOS GOMES
Data: 12/07/2024 09:26:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Doutora Sandra Soares Della Fonte
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

AMARILIS AGUIAR DE SOUZA

SOUZA, Amarilis Aguiar de; GOMES, Antonio Carlos. **As cantigas de calango na sala de aula**: atividades de leitura e escrita com a cultura do Caparaó. Vitória: Ifes, 2024. 51 p. (Produto de natureza didática).

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 04 de julho de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
ANTONIO CARLOS GOMES
Data: 12/07/2024 09:20:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Doutor Lucas dos Passos e Silva
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

gov.br Documento assinado digitalmente
ANTONIO CARLOS GOMES
Data: 12/07/2024 09:24:32-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Doutora Sandra Soares Della Fonte
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

Para Osmar e Rosária, poesia perene em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Jesus por ter permitido que eu chegasse até aqui. Às Marias, minhas mãezinhas e filha que cuidaram e cuidam de tudo com ternura, sabedoria e zelo. Ao Thássio e à Lhara por trazerem a Jade para os meus recreios. Ao meu pai, às minhas irmãs e demais familiares e amigos que me olham com olhar de quem reza. À minha irmã de coração e amiga, Dra. Penha, que acreditou desde o início que eu seria capaz e me ajudou em tudo que precisei. Aos irmãos e irmãs da Comunidade Santo Antônio de Caparaó que, além de me concederem muitas “folgas” para a realização deste trabalho, rezaram comigo e por mim.

À CAPES, por financiar e apoiar o Mestrado Profissional em Letras.

A todas as pessoas da Escola Estadual Professor Francisco Lentz, pela acolhida e refúgio, desde 1999. Ao atual diretor e sempre amigo Valter Martins da Silva, cuja crença inabalável na educação o torna um notável exemplo de mestre. A todos os alunos e alunas, meus Portos de Passagem da sabedoria; de maneira especial, aos oitavos anos A e B do ano de 2023, que demonstraram compromisso exemplar ao abraçar esta pesquisa com entusiasmo e dedicação.

Às minhas amigas, Cláudia e Marcella, pela ajuda nas horas difíceis, pelos conselhos e pela inspiradora determinação e garra que me motivam diariamente. Quando pedi a Jesus, diante do Santíssimo Sacramento, que fizesse tudo conforme a vontade d’Ele nesse mestrado, eu pensava apenas em um curso, muitos estudos e um diploma... Ele sabia muito mais e me entregou amigas: Cláudia, Marcella, Monize, Isla, Vaderciléia e Andreia. E os demais colegas do Profletras, minha família capixaba.

Ao meu orientador e mestre, professor Dr. Antônio Carlos Gomes pela paciência, pela generosidade, por ter me adotado com carinho e, sobretudo, por compartilhar comigo a sua sabedoria no trabalho e ensinamentos que me guiarão na vida. Aos professores Dr. Lucas dos Passos e Silva e Dra. Sandra Soares Della Fonte, membros da banca examinadora, pelas preciosas considerações e por aceitarem socializar seus conhecimentos, por meio dos quais também demonstram

compromisso e amor pelo trabalho que realizam. A propósito, as palavras doces e generosas da Dra. Sandra no dia da minha defesa foram um marco em minha vida. Sem falsa modéstia, sempre fui uma professora dedicada e estudiosa, mas as palavras de Sandra (assim, sem pronome de tratamento, me aproximo e me delicio com a possibilidade da amizade e a desobrigação de quem foi “examinada”), não sei se pela delicadeza como as proferiu, ou se pela maneira sincera que percebi em cada detalhe, ou por eu estar esperando mais críticas do que elogios, elas fizeram crescer em mim, novamente, a crença na educação. Parece simples, mas não é. Fazer crescer tal sentimento em uma professora de escola pública com mais de vinte e cinco anos de dedicação em uma carreira tão subalternizada (em todos os sentidos!) como a do magistério é ter em si o dom do “cultivo”. E enquanto eu me lembrar do mimo de tais palavras, quero semear, regar e cultivar o gosto pela educação nas pessoas que cruzarem a minha vida assim como Sandra fez por mim. Provavelmente eu já vinha fazendo esse cultivo, mas sem perceber o quanto tudo isso era “refinado” e bem fundamentado. E o fundamento e “refinamento” do trabalho que realizo hoje, é graças a gigantes como Paulo Freire mas, sobretudo, aos educadores e educadoras que, na prática, me fizeram ser quem sou. Uma tentação citar nomes, mas não o farei. Mas, nas idas e vindas da vida, gratidão a todos os meus mestres. Inclusive aqueles e aquelas que não têm diplomas.

Ao IFES – Campus Vitória por não se limitar a sediar o Profletras, mas por acolher com carinho a todos nós – estudantes, pesquisadores, professores – em suas dependências. Aos meus professores de agora e de sempre que mostram nos olhos e nas atitudes que vale a pena acreditar na educação. Um agradecimento especial à professora Dra. Edenize e ao professor Dr. Antônio Carlos que ofereceram suas próprias casas para me acolher. Nunca sequer imaginei que eu fosse encontrar gestos tão hospitaleiros.

Tenho certeza de minhas limitações e sei que colocar aqui alguns nomes pode ter sido uma fraqueza da essência humana. Mas no coração e na alma, sei que muitas pessoas que não foram aqui mencionadas também me ajudaram nesse processo. Inclusive aquelas que nem conheço os nomes, porém foram gentis e representaram os cuidados de Deus em minha trajetória.

A Jesus, mais uma vez, e todas as vezes que for necessário repetir: porque Ele é o princípio, Ele permite o presente e plantou em meu coração a semente da eternidade. Obrigada, Senhor!

.

Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma investigação de estratégias para abordar os calangos[1] e a valorização da cultura local na sala de aula, devido à importância de se conhecer e difundir o patrimônio imaterial como forma de resgatar e preservar a memória ancestral da comunidade. Nessa perspectiva, trabalhamos os calangos nos anos finais do Ensino Fundamental, por meio de atividades que envolveram a oralidade, leitura e produção escrita, sob uma abordagem epilinguística, proporcionando reflexões com e sobre a língua(gem) em uso. A fim de ancorar a pesquisa a um aporte teórico, utilizamos os linguistas Franchi (1991, 2011), Gomes (2007), Rezende (2008, 2011) e outros autores filiados à Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas – TOPE, gênese da epilinguagem. Também buscamos subsídios em estudiosos da educação e da linguagem como Freire (1979, 1981,1992, 1994, 1996, 2000, 2001), Fávero et al. (2000), Geraldi (2003, 2004, 2015) Schneuwly e Dolz (2011) e pesquisadores da antropologia cultural como Rezende (2009), Boas (2010), entre outros, para evidenciar o contexto sociocultural dos estudantes e suas peculiaridades linguísticas. Na empreitada, nosso estudo adotou os procedimentos metodológicos de uma abordagem qualitativa, inspirando-se em aspectos da pesquisa participante. Ao final da investigação, elaboramos um produto educacional em forma de caderno pedagógico digital, no qual foram reunidos alguns calangos resgatados pela pesquisa e as atividades trabalhadas nas operações de linguagem.

Palavras-chave: calango. Cultura. Ensino. Epilinguagem. Oralidade.

---

[1] “O calango[...], também chamado de lera em algumas localidades, é um evento poético-musical, performativo, coreográfico e festivo, no qual os cantadores, geralmente em dupla ou maior número (raramente um solista), entoam versos, quase sempre setissílabos, rimados aos pares, dispostos em quadras, sextilhas ou estrofes maiores. Uns versos são oriundos da tradição; outros, criados durante a performance. Há ainda a mistura de versos decorados e inéditos, num procedimento que, assim como a utilização de versos inteiramente originais, é entendido pelos praticantes como improviso.” (FERNANDES, 2012, p. 1). Abordaremos nesse trabalho o conceito do calango enquanto gênero textual e o termo será explicitado com maior precisão, na seção 2.3.

ABSTRACT

This work is an investigation of strategies for addressing calangos and the valorization of local culture in the classroom, due to the importance of knowing and disseminating intangible heritage as a way to rescue and preserve the ancestral memory of the community. In this perspective, we worked with calangos in the final years of Elementary School, through activities involving orality, reading, and writing production, under an epilinguistic approach, providing reflections with and about the language in use. To anchor the research to a theoretical framework, we used linguists such as Franchi (1991, 2011), Gomes (2007), Rezende (2008, 2011), and other authors affiliated with the Theory of Predicative or Enunciative Operations – TOPE, the genesis of epilinguistics. We also sought contributions from scholars in education and language such as Freire (1979, 1981, 1992, 1994, 1996, 2000, 2001), Fávero et al. (2000), Geraldi (2003, 2004, 2015), Schneuwly and Dolz (2011), and researchers in cultural anthropology such as Rezende (2009), Boas (2010), among others, to highlight the socio-cultural context of the students and their linguistic peculiarities. In this endeavor, our study adopted methodological procedures of a qualitative approach, drawing inspiration from aspects of participatory research. At the end of the investigation, we developed an educational product in the form of a digital pedagogical notebook, in which some "calangos" rescued by the research and the activities worked on in language operations were gathered.

Keywords: calango. Culture. Teaching. Epilinguage. Orality

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: cultura local e ensino da língua portuguesa 19
Quadro 02: leitura e escrita na abordagem epilinguística 20
Quadro 03: tradição do calango.....24

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: procedência geográfica dos alunos.....50
Figura 2: alunos que já ouviram calango.....51
Figura 3: lugar onde viram e/ou ouviram calangos.....52
Figura 4: apreciação dos alunos pelos calangos que viram ou ouviram.....53
Figura 5: esquema de uma sequência didática.....55
Figura 6: sequência didática realizada.....56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 14
1 DIÁLOGO COM OS PARES..... 23
1.1 CULTURA LOCAL E PRÁTICAS DE ENSINO..... 23
1.2 LEITURA E ESCRITA NA ABORDAGEM EPILINGUÍSTICA..... 25
1.3 TRADIÇÃO DO CALANGO..... 27
2 APORTE TEÓRICO..... 30
2.1 ENSINO-APRENDIZAGEM E CULTURA..... 30
2.2 ORALIDADE E GÊNERO TEXTUAL..... 36
2.3 O CALANGO NA ESCOLA..... 40
2.4 OPERAÇÕES DE LINGUAGEM COM OS CALANGOS..... 44
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA..... 51
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA..... 51
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA E SEUS PARTICIPANTES..... 53
3.3 ETAPAS DA PESQUISA..... 59
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS OFICINAS..... 62
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... 63
4.1 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO: DIÁLOGO COM OS ALUNOS..... 63
4.1.1 Apresentação do tema "Calangos do Caparaó"..... 63
4.1.2 Produção Inicial..... 72
4.1.2.1 Contato com o calango na fonte..... 72
4.2 MÓDULO 1: DIÁLOGO SOBRE A PESQUISA..... 77
4.2.1 Oficina 1: "Por que estudar calangos?"..... 78
4.2.2 Oficina 2: "O que os calangos nos dizem?"..... 87
4.2.3 Oficina 3: Calangos de Caparaó – Valorização e crítica..... 91
4.2.4 Oficina 4: O que nos falaram os calangueiros?..... 102
4.3 MÓDULO 2: DIÁLOGO COM A LÍNGUA..... 116
4.3.1 Oficina 01: "A linguagem dos calangos"..... 116
4.3.2 Oficina 2: Produção de Calangos..... 123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 132
REFERÊNCIAS..... 135
APÊNDICES..... 139
ANEXOS..... 142

1 INTRODUÇÃO

Há trinta e seis anos, minha primeira experiência no chão da escola foi a da menina da roça que fugiu da primeira aula e saiu correndo atrás da irmã que a trouxera na garupa do cavalo. Provavelmente, tal atitude tenha se dado pelo total desconhecimento dos benefícios que aquele ambiente proporcionaria, dentre eles, o mais belo: o contato com a leitura. Naquela época, muitas histórias já moravam em mim; todas com sua origem na fala doce e mansa da minha mãe, nas rimas de calango do meu pai ou nos causos de assombração contados por amigos e familiares. Eu não era capaz de perceber, durante a infância, que todas aquelas manifestações culturais das quais participava pudessem ter tanta importância e influência sobre minha futura formação estudantil e humana.

Os livros, cheios de letras e gravuras, com histórias, ora conhecidas, ora totalmente inéditas, foram sendo apresentados a mim, aos poucos, inicialmente pela professora do pré-escolar e, posteriormente, por tantos outros professores, em medidas que me pareciam sempre insuficientes. Percebi, desde cedo, que aquelas páginas completavam o meu mundo e eram capazes de ressignificar a existência das pessoas.

No decorrer de toda a educação básica, tornou-se cada vez mais notório o quanto a arte da palavra me contagiava. Minha professora de língua portuguesa da quinta à oitava série – hoje, do sexto ao nono ano – continuou e complementou com maestria aquele prazer pela leitura e pela escrita já despertado nos anos iniciais.

As aulas de leitura na biblioteca traziam à tona algumas observações. Embora para mim lá fosse o melhor lugar da escola, para alguns colegas, aqueles cinquenta minutos eram como um castigo. Como uma experiência tão agradável e libertadora poderia não agradar a todos?

E, como “o tempo não para”[2], a trajetória escolar também seguiu seu fluxo. Ao ingressar no ensino médio, optei por cursar o magistério, pois o desejo de

[2] O uso da expressão **“***O tempo não para*” é uma referência à música de 1988 que deu título ao primeiro álbum ao vivo da carreira solo do cantor Cazuza e um dos sucessos mais marcantes de sua obra.

ensinar/aprender jamais seria tão exercitado em qualquer outro curso. No primeiro ano, foram-me apresentadas as disciplinas básicas. Já o segundo e o terceiro anos foram completamente voltados para a formação profissional do magistério. Alguns professores daquele período tornaram-se exemplos que, ainda hoje, procuro seguir. A didática, o estudo da história da educação, as metodologias de ensino conquistaram lugar especial em minha formação. Muitos questionamentos surgiram nessa fase e eles sempre me motivaram a seguir. Onde há espaço para as dúvidas e para as indagações, há caminhos abertos para novas aprendizagens.

Foi neste período que despertei um olhar mais atento, mais crítico, e diria até mais solidário e compreensivo, para aqueles que diziam não gostar da leitura. O fato é que havia, em minha própria turma, colegas com imensa dificuldade. E o que, nos anos iniciais, em minha visão ingênua, apresentava-se como desinteresse ou até mesmo pura indisciplina, era a maneira que aqueles alunos encontravam de não assumir e nem expor as suas dificuldades e/ou deficiências de aprendizagem.

Em 1997, ao ingressar no ensino superior, as inquietações sobre o abismo percebido entre os deleites da leitura e a heterogeneidade de interesses dos alunos nas turmas da escola pública foram trazidas comigo ao iniciar a graduação dos meus sonhos: o curso de Letras.

As oportunidades de emprego, naquela época, surgiam logo após os primeiros dias de efetuarmos a matrícula. Por isso, no segundo período da faculdade lá estava eu, no chão da escola, ensinando e aprendendo. Observadora incondicional das práticas de leitura, ainda que estivesse ministrando aulas de língua inglesa, a preocupação com aqueles que não usufruíam do mundo das letras foi tornando-se para mim uma necessidade de buscar alternativas que ajudassem a mudar aquela realidade.

Diante de tais desafios, ao encerrar a graduação, vi-me na obrigação de procurar por um curso que me ajudasse a compreender e resolver, pedagogicamente, as dificuldades encontradas ao ensinar em turmas tão heterogêneas. Foi quando, em 2002, ingressei no curso de pós-graduação em psicopedagogia. A pós-graduação foi um meio propício para minimizar minhas angústias. Estudar mais profundamente a

obra de Piaget e de Vygotsky, conhecer teorias de Sigmund Freud, entre tantos outros nomes tão respeitáveis, trouxe mais luz para o meu fazer pedagógico.

Concomitantemente a essa pós-graduação, participei de um grupo de estudos e formação de projetos (2001-2006), desenvolvido em nossa pequena cidade por professores do Coltec - BH, denominado: “Educação, saúde e meio ambiente: para a construção de uma comunidade de aprendizagem”.

No ano de 2007, o sonho de passar no concurso público para, finalmente, atuar como professora de língua portuguesa tornou-se realidade. E, a cada ano, as experiências nas aulas de Língua Portuguesa foram se tornando maiores e mais significativas. Os questionamentos foram muitos, assim como foram numerosas as críticas, as lutas acerca de metodologias para o ensino, as formas de avaliação, as parcerias em prol do alcance de níveis de proficiência mais avançados dos alunos, entre tantos outros desafios que o ensinar/aprender a língua materna impõem a quem se aventura em tal jornada.

É importante ressaltar que, dentre todos esses desafios, um deles se destacou de maneira singular: a chegada nos anos finais do Ensino Fundamental, cada vez mais constante, de alunos desestimulados com a leitura, e até mesmo semialfabetizados. E, mais uma vez, coloquei-me à procura de respostas e soluções, em processo de investigação sobre tal fato. A maioria dos casos, tratava-se de estudantes oriundos da área rural que, em sala de aula, não via sentido nas leituras e nem se identificavam com os textos oferecidos pela escola, que, embora estivesse localizada na área urbana, registrava em suas matrículas cinquenta e cinco por cento de alunos provenientes das comunidades rurais, conforme dados do censo escolar 2018 (PPP 2019/2020, p. 6).

A partir dessas observações, comecei a dar mais atenção aos interesses de cada um daqueles meninos e meninas e a motivá-los a contar sobre suas experiências acerca da vida no campo. No exercício do direito de dizer a sua palavra (FREIRE, 1992), ouvi deles histórias tão comoventes quanto as dos livros. A partir de tais trocas, o aluno/texto foi me ensinando e moldando minhas práticas, de modo que, no decorrer das experiências construídas, lá estávamos nós nos completando: enquanto eu aprendia com as lições que eles sempre traziam, eles também

adentravam no desejo de ler as obras que eu costumava propor. Dessa maneira, fomos amadurecendo, construindo intimidade com a leitura.

E foi bem tarde que aprendi com os meus alunos o quanto meu velho pai havia me ensinado de paixão por arte em seus simples versos de calango. Eis alguns deles que me vêm à memória:

Calango tango
No calango tererá
Nunca vi dançar calango
Sem o corpo balançá.

Joguei meu chapéu pra cima
Meu chapéu parou no ar
Eu rezei pra Santo Antõe
E meu chapéu tornou vortá.

Na vorta que eu dô no corpo
A garota tamém dá
Eu danço com meia dúzia
Deixo meia descansá.

Eu pedi peneira fina
Me deram peneira pá
Enquanto peneira chega
Meu chapéu coou fubá.

É um deleite acrescido de amor e apreciação à poesia, trazer à tona tais recordações. Foi observando e valorizando a leitura de mundo dos meus alunos e lhes permitindo “o direito de dizer a sua palavra”, que descobri, tardiamente, o valor do meu mundo e do mundo “iletrado” dos meus pais que fora, sem dúvida, o berço doce da leitura, do ensino e da aprendizagem em minha vida. Nesses diálogos, acabei descobrindo que o calango, tão repetidamente cantado por meu pai durante a minha infância, já não se encontrava presente na memória de meus alunos. Estariam eles com vergonha de se exporem? Ou estaríamos diante da extinção de tal manifestação?

Essa experiência, dentre outras, fizeram-me pensar e instigaram-me a ir além de algumas constatações, pois, agora, juntamente com os questionamentos que sempre me acompanharam em minha trajetória como professora, surgiu o desejo de pesquisar um pouco mais sobre o calango, ou seja, investigar se ele ainda está presente na cultura da cidade de Caparaó, a partir de informações dos estudantes a respeito de tal manifestação e encontrar possibilidades para introduzir, nas aulas de língua portuguesa, a vivência dos alunos a fim de valorizar suas experiências,

motivar as leituras, explorar falas e fazer com eles operações com e sobre a língua(gem).

É com essa esperança, nesse contexto, que ouso afirmar que mesmo que esses alunos fujam e queiram voltar para a garupa do cavalo, haverá razão que os motive a pisar novamente o chão da escola, a prosseguir e a conduzir com firmeza a sua própria existência. A motivação deles deve estar pautada no prazer pela leitura e pela escrita e no direito de aprender partindo de seus próprios conhecimentos e da valorização da sua cultura.

Nessa perspectiva, o meu ingresso no Mestrado Profissional em Letras foi uma oportunidade necessária para fomentar a motivação de investir em um estudo mais aprofundado sobre o calango – elemento da cultura que traz uma conexão entre mim e os alunos – na expectativa de utilizá-lo e descobrir estratégias de ensino/aprendizagem que resultassem em conhecimentos com e para os estudantes, ao revisitar como pesquisadora a realidade do ambiente educacional onde convivemos e no qual eu atuo. O Profletras propiciou teoricamente as condições para que na prática, em colaboração com outros profissionais do Programa, da escola e dos próprios estudantes, pudéssemos investigar o ambiente escolar e, a partir de nossos problemas, buscar caminhos possíveis para solucionar ou amenizar as dificuldades do cotidiano em sala de aula.

Ressaltamos[3], entretanto, que a dificuldade de alunos do Ensino Fundamental II acerca da leitura e da escrita é um problema antigo que parece ter ganhado ainda mais visibilidade na Pandemia de Covid-19. As reflexões que pretendemos realizar no decorrer desta pesquisa visam, de certa forma, trabalhar essas dificuldades. Para despertar no estudante o desejo de ler e escrever, enquanto docente temos colocado em prática duas atitudes com resultados positivos: a escuta ativa e a valorização da trajetória do aluno, dessa forma garantimos aos alunos o lugar de

[3] A partir deste parágrafo podemos retomar algumas falas, mas nosso texto assume um caráter polifônico, pois apresenta as contribuições de meu orientador e as suas cuidadosas sugestões, encaminhamentos, referências e parceria, tanto na teoria quanto na prática. Conta também com as orientações da Banca Avaliadora do IV Seminário de Pesquisas do Profletras/ 2022 e da Banca Examinadora da Qualificação realizada em 21/06/2023. Portanto, o texto trará a primeira pessoa do plural, visto que este trabalho não seria o mesmo e nem teria a roupagem aqui apresentada se não fosse tecido também por outras mãos e se nele não ecoassem outras vozes que vão além, inclusive, das anteriormente citadas.

fala[4] para que possam se manifestar e serem ouvidos. Nesse sentido, Freire (1992) nos diz que

> Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver e encarnar esta construção evidente, enquanto educador ou educadora, significa conhecer nos outros – não importa se alfabetizandos ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles (FREIRE, 1992, p. 26).

Conforme explicitado pelo autor, escutar o aluno, conhecer suas experiências, possibilitar que ele manifeste e até justifique seu desinteresse pela leitura e pela escrita é dar a ele e a nós mesmos a possibilidade da reflexão. Nesta interação, ouvir o outro é, sobretudo, uma oportunidade de investigar pontos de vista diferentes, frutos de experiências particulares e distintas da nossa. Na nossa visão, ninguém deveria chegar aos anos finais do Ensino Fundamental sem dominar leitura e escrita. No entanto, cada um tem sua história e essa história é uma aventura singular de investigação, reflexão e crítica. Entendemos que, no exercício do direito de “dizer a sua palavra”, cabe a nós ouvirmos de nossos alunos as suas histórias, os seus versos, as suas músicas. E que tudo isso seja tão comovente quanto as histórias, os versos e as músicas dos livros.

Nessa perspectiva, partindo das observações abstraídas de diálogos na escola, tanto alunos quanto textos vão nos ensinando e moldando nossas práticas, ao ponto de, no decorrer das experiências partilhadas, complementarmo-nos, ou seja, enquanto nós aprendemos com as lições que eles sempre trazem das suas individualidades, eles também desbloqueiam o desejo de ler os textos escritos que costumamos lhes propor.

Vale ressaltar que há muitas situações em que os estudantes se sentem oprimidos e desencorajados a se manifestar por meio da fala. Tal intimidação se reflete, consequentemente, também na leitura e na escrita. Em nosso contexto, trata-se, na

---

[4] “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta.” (RIBEIRO, 2019, p. 68).

maioria das vezes, de alunos da área rural e com pouco domínio da norma culta da língua.

Essas abstrações envolvendo linguagem, ensino e subjetividade dos alunos, nos levam ao seguinte questionamento: como explorar os calangos em sala de aula para evidenciar a cultura local, trabalhar a oralidade e as dificuldades na leitura e produção escrita? Para buscar possíveis respostas para esse problema, o objetivo geral da nossa pesquisa é investigar estratégias para abordar os calangos em sala de aula, a fim de ressaltar seu valor cultural e trabalhar por meio deles operações de linguagem com estudantes do Ensino Fundamental II, envolvendo a oralidade, a leitura e a produção escrita. Para alcançarmos esse objetivo, perseguiremos outros objetivos mais específicos que são:

(i) conhecer a origem, características e peculiaridades relativas ao calango como manifestação cultural; (ii) entender fundamentos da oralidade e da noção de cultura; (iii) tematizar a análise linguística e a reflexão sobre a língua, pela via de uma perspectiva epilinguística[5], no sentido de subsidiar uma abordagem reflexiva em sala de aula; (iv) produzir uma sequência de atividades com ou a partir dos calangos para trabalhar operações de linguagem por meio da leitura, oralidade e escrita; (v) elaborar um produto educacional em forma de e-book.

Nessa perspectiva, pretendemos nos apoiar em estudiosos que tragam substancialidade a este trabalho e, sobretudo, possibilitem-nos estabelecer a ancoragem teórica necessária à construção de conhecimentos dos sujeitos da sala de aula – professores e alunos – que participam conosco da busca por caminhos para enfrentar as dificuldades com a leitura e com a representação escrita.

Desenvolver uma pesquisa com embasamentos e alinhar as teorias com práticas que valorizem o conhecimento prévio do aluno e sua leitura de mundo e da vida (FREIRE, 2001) pode minimizar as dificuldades e aumentar o interesse dos estudantes por outras leituras para além do seu próprio contexto e dos muros da escola.

---

[5] O termo será explicitado na seção 2.4.

Em um levantamento junto aos alunos, foi constatado que eles não foram capazes de identificar como calangos os pequenos poemas a eles apresentados em uma das aulas de introdução à pesquisa. No entanto, após o contato com o mesmo texto cantado pela professora e, em seguida, a proposta de pesquisa sobre o gênero junto a seus amigos e familiares, foram recorrentes os depoimentos que atestaram a sobrevivência das manifestações culturais de tradição oral denominadas calangos. Essas são pequenos poemas cantadas e/ou declamadas pelos moradores mais antigos e até mesmo pelos próprios alunos e familiares. Foi nosso propósito motivar os estudantes a pesquisarem tais manifestações, na expectativa de contribuir para uma consciência de valorização e de resgate cultural, ao fazermos a representação escrita de textos em versos coletados na pesquisa.

A escolha do calango para objeto de estudo, se deve ao fato de ele ser um gênero predominantemente oral, da cultura popular, que tende a se perder com o passar do tempo. Além disso, estamos em uma escola que registra nas matrículas a boa parte de alunos provenientes da zona rural, local onde os calangos na nossa suposição seriam mais recorrentes. Outra razão que justifica nossa escolha é o entendimento de que a escola é o espaço ideal para dar visibilidade a gêneros pouco conhecidos ou prestigiados socialmente. Compreendemos, enfim, que um trabalho voltado à valorização cultural pode também potencializar a atenção dos alunos para a leitura e a escrita, na medida que os discentes se perceberem sujeitos nas operações de linguagem e na pesquisa dos textos que circulam no lugar onde eles vivem, uma vez que os calangos serão colhidos entre seus próprios amigos e familiares.

Esperamos que esta pesquisa nos permita repensar o trabalho com a língua(gem), com reflexões e propostas práticas que apontem possibilidades para minimizarmos as dificuldades em leitura e escrita. A nossa expectativa é de que a valorização da cultura local, da palavra falada e escrita pelos alunos e seus pares sejam instrumentos eficazes no processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental.

Com o intuito de concretizar nosso propósito, estruturamos este trabalho em quatro capítulos distintos e as considerações finais. No primeiro capítulo, abordamos a revisão de literatura, reunindo extratos de fichamento das dissertações e pesquisas

nas quais identificamos alguma relação direta ou indireta com nosso trabalho, tomando por base os estudos sobre a cultura local e as práticas de ensino, bem como estudos sobre leitura e escrita em uma abordagem epilinguística, além de estudos sobre a tradição do calango.

No segundo capítulo, buscamos embasamento teórico por meio dos linguistas Franchi (1991, 2011), Gomes (2007), Rezende (2008, 2011) e outros autores ou pesquisadores filiados à Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas – TOPE, fonte da abordagem epilinguística por nós adotada. Também recorremos a estudiosos da educação e da linguagem, tais como Freire (1979, 1981,1992, 1994, 1996, 2000, 2001), Fávero et al. (2000), Geraldi (2003, 2004, 2015) Schneuwly e Dolz (2011). Por fim estabelecemos ancoragem nos antropólogos culturais Rezende (2009), Boas (2010) e outros que nos ajudaram evidenciar o contexto sociocultural dos estudantes.

No terceiro capítulo, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa inspirada na pesquisa participante e apresentamos o contexto da pesquisa, as características dos participantes, assim como as etapas da pesquisa.

No quarto capítulo, discutimos os resultados obtidos com a realização da pesquisa empírica. Descrevemos o que foi possível realizar dentro das limitações decorrentes da escassez do tempo e apontamos as alterações necessárias ao longo do percurso.

A seguir, apresentamos uma breve revisão de literatura, ressaltando uma seleção de estudos elaborados por pesquisadores brasileiros, os quais se encontram em consonância ou não com o escopo de nossa investigação.

1 DIÁLOGO COM OS PARES

Na perspectiva de investigar estratégias para abordar os calangos em sala de aula, a fim de evidenciar seu valor cultural e trabalhar por meio deles operações de linguagem com estudantes do Ensino Fundamental II, envolvendo a oralidade, a leitura e a produção escrita, buscamos referências em outras produções acadêmicas com as quais pudemos dialogar. Nossa pretensão era realizar uma pesquisa que se tratava do uso oral da língua materna nas manifestações culturais locais –sobre as cantigas conhecidos na cidade de Caparaó[6] como calangos – a fim de ampliar a capacidade leitora e escritora dos estudantes e refletir sobre a linguagem em uma abordagem epilinguística. Nessa empreitada, para construir o estado de arte da nossa investigação, pesquisamos teses e dissertações do IFES[7] – Repositório Institucional, Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES[8] e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizando para as buscas os descritores que são apontados neste capítulo, em forma de tópicos.

1.1 CULTURA LOCAL E PRÁTICAS DE ENSINO

Ao investigarmos as teses e dissertações disponíveis nos seguintes recursos: IFES – Repositório Institucional, Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, sem estabelecer restrições temporais, identificamos vinte e quatro resultados referentes ao descritor "cultura local e ensino aprendizagem em língua portuguesa". A maioria desses trabalhos pareciam não estar diretamente vinculados ao ensino da Língua Portuguesa, contudo, após leitura dos sumários e resumos, identificamos que apenas dois deles abordavam o ensino de língua e eram pertinentes à nossa pesquisa. São eles:

Quadro 01: cultura local e ensino da língua portuguesa

Autor	Título	Instituição	Cidade	Ano

[6] Caparaó é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país. Localiza-se na Zona da Mata mineira, onde essa pesquisa será desenvolvida.

[7] Instituto Federal do Espírito Santo.

[8] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

SODRÉ, Cristiane Santana	“Língua e cultura trançadas na palha: relação entre ensino aprendizagem e representações identitárias em Porto de Sauípe”	UFBA	Porto do Sauipe/BA	2013
RAMALHO, Maria José Silva	“Em busca dos tesouros de Ceará-Mirim: (re)escrevendo histórias, valorizando culturas”	UFRN	Natal/RN	2017

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O trabalho de Sodré (2013) teve como objetivo principal descrever práticas culturais, notadamente, as narrativas cantadas realizadas pelas senhoras artesãs, trançadeiras da palha em Porto do Sauipe e, ao mesmo tempo, descrever e analisar a experiência de inserção das narrativas cantadas como objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa; tema que se aproxima do nosso objeto de pesquisa.

Outra característica bastante próxima de nossa pesquisa e que também pretendemos alcançar, conforme está relatado no trabalho de Sodré (2013), é o fato de tal estudo fazer-se na expectativa de que possa auxiliar professores a construir um trabalho pedagógico que dialogue com a diversidade cultural, incentivando-os a conhecer os processos históricos e artísticos do espaço em que vivem para que possam desenvolver juntamente com os estudantes um respeito maior pelas tradições culturais dos mais velhos.

Embora todo o foco do trabalho esteja voltado para a valorização cultural e o resgate histórico das narrativas cantadas e contadas pelas trançadeiras de palha, o trabalho diverge do nosso em relação ao objeto da pesquisa que, no caso de Sodré, são as narrativas e, em nosso trabalho, serão os calangos. Essa dissertação também acrescenta muito à nossa pesquisa por dar ênfase à tradição oral e abordar aspectos da reescrita de tais manifestações. No que se refere à oralidade, temos contribuições significativas nas propostas metodológicas da pesquisadora e em referenciais teóricos.

O trabalho de Ramalho (2017) “Em busca dos tesouros de Ceará-Mirim: (re)escrevendo histórias, valorizando culturas”, teve como objetivo desenvolver práticas de escrita que visassem a (re)descobrir e, assim a dar visibilidade a determinados bens da cultura patrimonializada. Ele se aproxima do nosso trabalho

devido à valorização cultural, mas se distancia pelo tipo de patrimônio cultural evidenciado. Observamos também que Ramalho (2017) apresenta um conceito de cultura e coloca em destaque propostas de uma escrita de cunho social que dialoga com o nosso projeto e contribui com nossa pesquisa.

1.2 LEITURA E ESCRITA NA ABORDAGEM EPILINGUÍSTICA

Já em relação ao descritor: “desenvolvimento da leitura e da escrita em uma abordagem epilinguística”, embora tenhamos um resultado de vinte e um trabalhos no Repositório Institucional do Ifes, selecionamos dois, devido aos referenciais teóricos mais próximos de nosso tema.

Quadro 02: leitura e escrita na abordagem epilinguística

Autor	Título	Instituição	Cidade	Ano
BARCELLOS, Janaína Bichi de	“A formação de leitor crítico a partir de círculos de cultura freirianos: oficinas de leitura junto a educandos da EJA”	IFES	Vitória/ES	2018
CASTANHI, Yaralice Fabri Pereira	“A leitura de mundo em humanidades: discutindo os preconceitos com operações de linguagem na educação de jovens e adultos”	IFES	Vitória/ES	2020

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A pesquisa de Barcellos (2018), embasada principalmente no teórico Paulo Freire, trouxe a proposta de investigar práticas de ensino de leitura crítica no Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisadora defende a necessidade de um trabalho efetivo com a leitura a partir do interesse dos alunos, pois entende que o hábito de leitura é essencial para o desvelamento da realidade e construção de propostas para sua transformação.

As aproximações da pesquisa de Barcellos (2018) com a nossa estão na importância do ouvir e dar voz aos alunos na sala de aula, na importância da leitura como caminho para transformação do pensamento e na prática de atividades que valorizem o conhecimento dos alunos de modo que se possa associar a leitura de mundo dos sujeitos com conhecimentos trabalhados na escola, para levar a uma

revisão da nossa realidade e dos nossos interesses. O distanciamento está não só na temática, como no público escolhido para a pesquisa. Ela trabalhou com turmas da EJA., enquanto nossa proposta envolveu alunos do ensino regular.

A pesquisa de Castanhi (2020) buscou investigar a leitura de mundo dos alunos da educação de jovens e adultos, utilizando-se das operações de linguagem para discutir os diversos tipos de preconceitos presentes na sociedade e, mais precisamente, no ambiente onde esses alunos vivem e se relacionam. Nosso tema aproxima-se dessa pesquisa no que tange à abordagem epilinguística e pela abrangência: procura impactar e levar à reflexão alunos de escola pública, mesmo tratando de assuntos diferentes. Enquanto Castanhi aborda os preconceitos observados por jovens e adultos, nós abordamos a valorização de uma manifestação cultural advinda de indivíduos socialmente silenciados que foi pesquisada por adolescentes de uma faixa etária entre doze e treze anos de idade com o intuito de levá-los a refletir acerca do tema em tela.

O trabalho de Castanhi (2020) traz como objetivo descrever e analisar o desenvolvimento de oficinas que se inspirem no referencial freiriano, para potencializar a criticidade na leitura e a criatividade na representação escrita de alunos jovens e adultos, por meio de atividades sob uma abordagem epilinguística com o tema preconceitos. Esse objetivo é bem próximo do nosso no que se refere à abordagem epilinguística no ensino-aprendizagem de leitura e escrita e no embasamento teórico firmado em Paulo Freire. Dentre os objetivos específicos apresentados nesse trabalho, destacamos aqui aqueles que dialogam com nossa pesquisa:

(I) explicar a abordagem epilinguística e os conceitos que envolvem as operações de linguagem;
(II) elaborar um produto educativo, em forma de e-book, reunindo as atividades utilizadas na pesquisa empírica com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em relação aos objetivos específicos, podemos observar semelhanças nas propostas de ação, ainda que o nosso assunto não seja o mesmo. Está evidente, para nós, que os pontos de convergência entre os objetivos específicos estão na

reflexão da língua em uma abordagem epilinguística e na elaboração de produto educacional em forma de e-book.

É importante ressaltar que, no que se refere aos referenciais teóricos, nossa pesquisa também se ancora em Freire (1979, 1981,1992, 1994, 1996, 2000, 2001) como estudioso da educação e linguagem e em Franchi (1991, 2011) e Rezende (2008, 2011), autores filiados à Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas, para dar suporte aos estudos epilinguísticos.

Tal como o nosso trabalho, as reflexões de Castanhi (2020) foram amparadas por conceitos freirianos e construídas com e para os alunos. Nesse contexto, as propostas de produção escrita e o estudo da língua tiveram abordagem epilinguística, no sentido de operar e refletir sobre a língua.

Conforme pudemos observar, a análise das oficinas e o relato cuidadoso dos resultados alcançados foram muito contundentes. Buscamos, após a aplicação de nossa pesquisa, alcançar os níveis de exposição e análise dos nossos resultados tais quais pudemos observar no trabalho de Castanhi (2020).

1.3 TRADIÇÃO DO CALANGO

Na investigação do descritor "Tradição do Calango", examinamos teses e dissertações disponíveis no IFES – Repositório Institucional, Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, resultando em apenas dois registros. Destes, apenas um estava relacionado com o objeto de nossa pesquisa. Durante a análise da dissertação, nos chamaram a atenção algumas citações que remetiam a um trabalho localizado no Repositório BC – UNIRIO, o qual também incluímos nesta revisão bibliográfica.

Quadro 03: Tradição do ‘Calango

Autor	Título	Instituiçã o	Cidade	Ano
COSTA, André Willian Jardim da.	“Calangos e calangueiros: um canto marginal no caminho do ouro”.	UFJF	Juiz de Fora/ MG	2018

FERNANDES, Daniel Costa.	“O calango no Vale do Paraíba – estudos etnográficos em Duas Barras e Vassouras (RJ)”	UNIRIO	Rio de Janeiro/RJ	2012

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O trabalho de Costa (2018) apresentou o objetivo de clarificar padrões de comportamento que singularizem um ser/fazer específico, como reflexo consequente das identidades que se rearticulam, espelhando as influências das pluralidades iniciais e a continuidade de complexos processos de multissignificação do canto dos calangueiros.

Devido ao fato de a dissertação de Costa ter sido apresentada a um programa de pós-graduação em música, diferentemente do nosso trabalho, que será apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, os objetivos de ambos não convergem entre si.

A contribuição principal da obra “Calangos e calangueiros: um canto marginal no caminho do ouro” para a presente pesquisa está em sua relação direta com o nosso tema devido ao objeto de investigação – o calango – apresentado como manifestação cultural. As definições de tal objeto e investigações realizadas por Costa são necessárias e úteis ao nosso trabalho, visto que o gênero não é citado em livros didáticos e há poucas publicações que tratam do assunto.

A pesquisa de Fernandes (2012) tem como objetivo principal estudar o calango enquanto manifestação cultural, social, poético-musical, performativa, coreográfica e festiva e analisar performances calangueiras em duas cidades fluminenses, Duas Barras e Vassouras, e em Cataguases, Minas Gerais, colocando em relevo os contextos sociais onde se realizam e o entendimento que os participantes têm dessa prática.

A obra “O calango no Vale do Paraíba – estudos etnográficos em Duas Barras e Vassouras (RJ)” apresenta aproximação com a nossa investigação porque busca evidenciar o calango enquanto cultura local e tal propósito está presente em nosso objetivo principal.

Outro objetivo desta dissertação é demonstrar que o calango não deve ser entendido como um evento isolado, mas como parte de um amplo contexto social e cultural. Por meio dessa expressão artística, numerosas pessoas constroem sua visão de mundo, estabelecem seus laços de interação e constituem formas de pertencimento social.

Em consonância com Fernandes, investigamos os calangos conhecidos pelos alunos e seus pares, transcrevemos da oralidade para a escrita, refletimos sobre sua importância para a nossa comunidade e operamos com o uso da língua em seus versos e estrofes.

Vale ressaltar que nossa busca foi bastante criteriosa e, mesmo que tenhamos encontrado alguns trabalhos relacionados à cultura, aos estudos epilinguísticos, aos calangos e ancorados em referenciais teóricos que dialogam com os nossos, não há estudos em que tais elementos estejam entrelaçados no campo educacional e voltados para a prática de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental – Anos Finais. O que encontramos foram trabalhos que abordaram esses elementos de maneira isolada ou relacionados a outros fatores. Foi, portanto, bastante desafiador desenvolver uma pesquisa que levou em conta a valorização e a preservação da cultura local e, para além disso, refletiu e operou com e sobre a língua usando os calangos como objeto de reflexão capazes de contribuir para ampliar a capacidade leitora, escritora e reflexiva de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Após análise dos trabalhos, por intermédio da leitura cuidadosa de todos eles, admitimos que o diálogo com os pares trouxe apoio e foco para nossas reflexões sobre o uso da língua em uma abordagem epilinguística. Ainda, sob o nosso ponto de vista, é importante salientar que, ao utilizar e valorizar a cultura local para desenvolver cada vez mais a capacidade dos estudantes em leitura, produção textual e em apresentação oral, tal abordagem tornou o trabalho mais eficaz e gratificante.

2 APORTE TEÓRICO

Reiteramos que o objetivo do nosso estudo foi investigar estratégias para abordar os calangos em sala de aula, a fim de evidenciar seu valor cultural e trabalhar por meio deles operações de linguagem com estudantes do Ensino Fundamental II, envolvendo a oralidade, a leitura e a produção escrita. Nessa busca, levamos em consideração as dificuldades dos alunos em ler e escrever, assim como nosso propósito de evidenciar a cultura local na expectativa de conseguir minimizar essas dificuldades dos alunos.

Quando enfatizamos a dificuldade dos estudantes com a leitura e escrita, ficou entendido que esse era um problema também relacionado à ausência de metodologia para um trabalho eficiente com os estudantes, embora tal situação de carência metodológica tenha se agravado durante a Pandemia de Covid-19. Foi importante termos a compreensão de que qualquer problema metodológico reverberaria também nos aspectos teórico e conceitual, haja vista que uma determinada metodologia geralmente está ancorada na concepção de trabalho e nas visões de mundo, sociedade, escola, educação, linguagem etc.

2.1 ENSINO-APRENDIZAGEM E CULTURA

Ao adentrar no ambiente da escola e observar todas as pessoas envolvidas no contexto educacional, percebemos que o sucesso de nossos alunos e da educação como um todo só pode ser efetivado se considerarmos a ação educativa como um processo de construção do conhecimento. Conforme Freire,

> Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 21).

A educação freiriana se efetiva, portanto, como o ato de ensinar e aprender no contato com o outro, levando em conta os saberes de cada sujeito do processo. Ainda segundo esse autor,

> É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996, p. 12-13).

O processo de ensino e de aprendizagem da maneira abordada por Freire vai ao encontro do propósito de nosso trabalho quando, na utilização da cultura local, partimos dos calangos trazidos pelos alunos e investigamos estratégias, juntamente com eles, a fim de evidenciar o valor cultural de tais manifestações.

Na perspectiva freiriana de que aqueles que ensinam aprendem ao ensinar, e aqueles que aprendem ensinam ao aprender, tivemos a oportunidade de colocar em prática tal abordagem, ao nos depararmos com um calango que apresentou conteúdo explicitamente racista. Embora não estivesse em nossos objetivos refletir sobre as possíveis abordagens preconceituosas da cultura popular, a cantiga resgatada por um dos discentes nos proporcionou a oportunidade de trabalhar os contrapontos, conforme Freire nos aponta

> A percepção ingênua da realidade, da qual resultava uma postura fatalista – condicionada pela própria realidade –, cede seu lugar a uma percepção capaz de se ver. E se o homem é capaz de perceber-se, enquanto percebe uma realidade que lhe parecia “em si” inexorável, é capaz de objetivá-la, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora desta mesma realidade. O fatalismo diante da realidade, característico da percepção distorcida, cede seu lugar a esperança. Uma esperança crítica que move os homens para a transformação (FREIRE, 2022, p. 66).

Nesse contexto, Freire refere-se ao trabalhador social, no entanto, podemos aplicar a ideia ao nosso trabalho, visto que, diante da mudança, não nos vimos ameaçados. Muito pelo contrário, procuramos uma maneira de transformar a realidade que se nos apresentou. Nossa esperança crítica, moveu-nos, em princípio, para a transformação das ideias. Mas acreditamos que, ao transformar o pensamento,

muitas atitudes, consequentemente, passaram a ser mais conscientes e, corajosamente, contrárias ao racismo.

Ao acolher e motivar as pesquisas dos alunos sobre os calangos em nosso município, fomos muito além do resgate de alguns versos cantados e/ou declamados por seus pares. Despertamos envolvimento com tais versos e a capacitação para que os protagonistas do processo educativo representassem de forma escrita essa literatura predominantemente oral, produzissem os seus próprios versos de calango e refletissem sobre a língua e suas variações. Como ressalta Freire,

> Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1996, p. 13).

Baseados na abordagem freiriana de ensino e aprendizagem, buscamos, em colaboração com os alunos, desenvolver cada fase do processo e criar em conjunto um trabalho que fosse significativo e eficaz. Se as dificuldades em leitura e produção escrita são uma realidade para os estudantes, a superação desses desafios ou a implementação de estratégias para mitigar essas lacunas devem ser uma preocupação compartilhada entre professor e alunos, considerando seus interesses, curiosidades e até mesmo suas limitações, pois

> [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 13).

Perseguimos o diálogo constante com os alunos a fim de construirmos juntos uma pesquisa que contribuísse para que eles se tornassem agentes com criticidade, conscientes e motivados por uma educação libertadora e que aspirassem, conforme Freire (1996, p. 16) por buscar “pensar certo”, o que demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supúnhamos que esses alunos se comprometeriam com a disponibilidade à revisão dos achados e

reconheceriam não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazer isso sempre que necessário. Conscientes, portanto, de que

> [...] não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente (FREIRE, 1996, p. 16).

Assim, na perspectiva do “pensar certo”, buscamos tal princípio para o próprio conceito da palavra “cultura” e o que pode ser considerado uma “manifestação cultural”. Para tanto, construímos todo o trabalho levando em conta a participação e reflexão dos discentes.

Sobre a conceituação de educação, ensino/aprendizagem e cultura, corroboraram com nossa proposta de reflexão os estudos de Boas, que dizem que o conhecimento só pode ser concebido dentro do contexto no qual o indivíduo está inserido. Castro (2005), na apresentação da obra de Boas (2005) Antropologia cultural, pontua que

> A concepção boasiana de cultura tem como fundamento um relativismo de fundo metodológico, baseado no reconhecimento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu – em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos “grilhões da tradição”. O antropólogo deveria procurar sempre relativizar suas próprias noções, fruto da posição contingente da civilização ocidental e seus valores (BOAS, 2005, p. 18).

Nesse sentido, Pereira discorre sobre tais pensamentos dizendo que

> Para Boas (2010) o conhecimento é algo contextualizado, isto é, só pode ser concebido dentro de um contexto. Portanto, cada cultura é uma unidade autônoma e um costume, um hábito; a maneira de ser de um indivíduo só tem significado frente ao contexto no qual ele se insere. Assim, a educação de um indivíduo é relativa ao seu contexto cultural. Cada um é formado de acordo com o seu ambiente cultural e enxerga o mundo pelo viés da cultura em que nasceu, ou que viveu a maior parte do seu tempo. É o relativismo cultural tão bem acentuado em suas teorias. Esse relativismo cultural relativiza também a educação, pois o entrelaçamento de educação e cultura é indissociável (PEREIRA, 2011, p. 117/ 118).

A indissociabilidade entre educação e cultura é citada pelos documentos oficiais atualmente, porém ainda há poucas ações efetivas dentro das escolas para dar lugar de fala aos indivíduos menos reconhecidos socialmente, bem como às suas manifestações culturais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta dez competências gerais básicas para garantir aos alunos os direitos de aprendizagem e desenvolvimento e, na terceira competência, propõe: “3. Valorizar e fruir as diversas

manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural" (BRASIL, 2018, p. 9).

Embora tal proposta esteja claramente apresentada no atual documento normativo para as redes de ensino públicas e privadas do Brasil, as sugestões práticas que se pode observar relacionadas à competência 3, são, em sua maioria, valorização e fruição de manifestações artísticas e culturais de classes sociais mais privilegiadas.

O "silenciamento" das manifestações culturais locais se dá devido a diversas condições históricas e sociais que vão muito além do que nos propusemos nessa pesquisa. Mesmo diante de uma legislação que aparentemente valoriza o lugar de fala de cada indivíduo e sua forma particular de se expressar, sabemos que as práticas de letramento[9] são atreladas a um letramento escolarizado, técnico que se sobrepõe, na maioria das vezes, ao letramento ideológico. É o que nos mostra a pesquisa de Correia e Torres (2021) ao afirmarem que

> [...] deparamo-nos com situações nas quais ainda o letramento predominante é o escolarizado, técnico, alinhado ao modelo autônomo. [...] A formação do professor não garante, integralmente, a prática alinhada ao processo de letramento ideológico. Isso pode ocorrer por inúmeros fatores: pelo fato de o professor não ter liberdade na escola, devido a um engessamento pragmático do currículo e dos conteúdos, a obrigatoriedade do uso dos livros didáticos, muitas vezes descontextualizados da realidade de mundo da escola, condições precárias de trabalho etc. Percebemos que o professor tem uma boa qualificação profissional, mas não consegue colocar em prática, integralmente, o que adquiriu em sua formação acadêmica. É um problema sistêmico: faltam condições melhores de trabalho, livros ruins, salas superlotadas etc. (CORREIA; TORRES, 2021, p. 9-10).

O resultado de tal pesquisa mostra que documentos oficiais como a BNCC, no texto da lei, garantem e asseguram uma educação de valorização do aluno e de sua maneira de se expressar, no entanto o que ocorre, na prática, muitas vezes, é o oposto, conforme foi apontado. Há muitos fatores e condições de trabalho que levam ao contrário do que garante o documento oficial, e tal realidade é sabida por todos os profissionais da escola e, principalmente, pelos governantes.

A pesquisadora Rezende (2009), ao abordar didaticamente o conceito de cultura, explana diversas definições registradas ao longo da história e escolhe, para

[9] STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

direcionar o seu curso, duas concepções que, segundo a estudiosa, são as mais aceitas: “Cultura são todos os aspectos de uma realidade social; cultura é o conhecimento, ideias e crenças de um povo” (REZENDE, 2009, p. 9). Observando essas concepções, a autora sintetiza a definição que servirá como base em seu curso e obra

> Cultura, portanto, será entendida por nós como a variedade de modos de vida, crenças, hábitos, valores e práticas de diversos povos. Assim, o termo cultura também pode ser entendido como modo de produção já que ambos significam o jeito de ser de uma determinada sociedade e o que ela produz (REZENDE, 2009, p. 10).

Uma definição de educação que nos representa é apontada por Freire (1981, p. 20), ao dizer que “A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade.”.

Buscamos, portanto, despertar e dar ênfase à expressividade dos alunos e conduzir toda a pesquisa dando a eles o lugar de fala com o intuito de torná-los sujeitos de sua própria linguagem. E, à medida que foram “descobrindo” os calangos e os transcrevendo, conduzimos nossa abordagem pedagógica de modo a instigá-los a refletir sobre o quanto uma manifestação oral conhecida e cultivada pelas pessoas mais velhas pode ter sido silenciada pela sociedade ao longo do tempo.

Baseados nessas observações, podemos refletir sobre o “silenciamento” dos calangos em nossa região com os conceitos de “cultura do silêncio” apontados por Freire

> Assim, para compreender a “cultura do silêncio”, é necessário primeiro fazer uma análise da dependência como fenômeno relacional que dá origem a diferentes formas de ser, de pensar, de expressar-se, as da cultura do silêncio e as da cultura que “tem uma palavra” (FREIRE, 1979, p. 34).

Nessa esteira de discussão, ao levar em consideração o calango como uma manifestação oral da cultura popular, abordamos a importância da valorização das manifestações artísticas e culturais partindo verdadeiramente de uma tradição local que está se perdendo. Fomentar discussões sobre o silenciamento ou não de tais manifestações é dar ao educando a oportunidade de refletir e opinar sobre a situação tal qual ela se apresenta. Conforme Freire advoga

> A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado.
>
> Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor (FREIRE, 1996, p. 19).

Nessa perspectiva, tanto nós, professores, quanto os alunos envolvidos no trabalho, devemos construir juntos o conhecimento**.** E esperamos (no sentido do verbo "esperançar"), principalmente, que todo esse processo de ensino e de aprendizagem com os calangos da Região do Caparaó contribua para tornar os sujeitos participantes da pesquisa em indivíduos mais instruídos, críticos e convencidos de que a educação "modela as almas e recria os corações" (FREIRE, 2001, p. 28).

2.2 ORALIDADE E GÊNERO TEXTUAL

Nesse contexto, é importante salientar que trabalhar a oralidade é um desafio proposto pela BNCC. Dentre os eixos de integração de Língua Portuguesa, além da leitura, produção de texto e análise linguística/semiótica, temos no documento o eixo da oralidade, que garante aos estudantes o direito de desenvolver habilidades da prática oral da língua, conforme esse documento

> O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 78).

Ainda, de acordo com o que prescreve o documento norteador de aprendizagens essenciais da Educação Básica,

> O tratamento das práticas sociais orais compreende [...] conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram (BRASIL, 2018, p. 79).

Em consonância ao que é trazido nesse documento, julgamos ser importante reiterar que, embora a BNCC aponte o trabalho com a oralidade em um de seus quatro eixos de integração, na prática, é uma tarefa bastante complexa desenvolver, pois nas aulas de Língua Portuguesa há poucas ainda poucas iniciativas que despertem o interesse dos alunos em buscar o conhecimento e que os possibilitem a investir na reflexão sobre gêneros tradicionais orais, sobretudo, aqueles que são pouco conhecidos e/ou divulgados.

Nesse sentido, ao tratar sobre os gêneros textuais no ensino de língua, Marcuschi (2008) provoca reflexões bastante pontuais acerca da questão intercultural. Como nos diz tal autor,

> Tomemos o caso do Brasil, bastante heterogêneo culturalmente falando. Será que a heterogeneidade cultural se manifesta também nos gêneros e isso deveria passar para o ensino formalmente? A questão está aberta e deve ser debatida.
>
> Não resta dúvida de que o ensino deve ser culturalmente sensível. O problema central é: como isso pode e deve passar para o livro didático num país culturalmente heterogêneo como o nosso? Este aspecto é muito polêmico e sobre ele não há consenso. A questão é a seguinte:
>
> ● Os manuais de ensino deveriam ou não ser construídos com especial atenção para a cultura local e regional, sem descuidar da grande cultura nacional?
>
> ● Qual o lugar e o papel da cultura regional no ensino? Por que ela aparece tão pouco? A cargo de quem fica esse trabalho?
>
> ● Caso os aspectos regionais devessem estar refletidos no LD, quais seriam eles? Os encapsulados no léxico? A literatura, os costumes, as formas de comportamento típicas? (MARCUSCHI, 2008, p. 172).

Todas as provocações apontadas pelo autor nos levaram a refletir e a atrelar a nossa prática a um trabalho que estivesse procurando respostas para aquilo que, teoricamente, parecia não ter solução possível. Nesse sentido, o que buscamos em nossa pesquisa foi trazer para a escola e, mais especificamente, para as aulas de Língua Portuguesa, cantigas da cultura oral local do domínio dos moradores mais antigos e que ainda não estivessem sistematicamente registradas na escrita.

Sabemos que os calangos não são citados na exemplificação dos conceitos de gênero textual em livros didáticos, tampouco na BNCC. No entanto, tomando o conceito bakhtiniano de gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12) e levando em consideração que cada campo de utilização da língua elabora os seus próprios gêneros, concluímos que o calango, objeto de

pesquisa e estudo em nosso trabalho, é um gênero predominantemente oral que deve ter espaço no ensino de Língua Portuguesa nos locais onde é, tradicionalmente, conhecido.

Trabalhamos os calangos enquanto gênero literário que se enquadra no conceito de literatura apresentado por Candido (2011), quando ele diz

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.
>
> Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 2004, p. 174-175).

Trabalhar a poesia dos calangos em nossa pesquisa foi uma oportunidade de usufruir, juntamente com os estudantes, do direito à apreciação e ao conhecimento da arte popular dos nossos antepassados e, sobretudo, dar voz a essas manifestações e reinventá-las por meio da elaboração de nossos próprios calangos.

É importante proporcionar aos estudantes os mais diversos tipos de textos a fim de garantir o direito à literatura. Nas palavras de Candido

> […] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Assim, a busca do indivíduo por esses traços primordiais, a valorização de sua história e de seus antepassados, que contribuem para o desenvolvimento do senso crítico, da reflexão sobre ele e sobre o mundo que o rodeia e, consequentemente, o

avanço da compreensão dele e do outro colaboram para uma transformação subjetiva e social.

O trabalho com o calango não se encerrou em si mesmo, assim como nenhum outro conteúdo apresentado nas aulas de Língua Portuguesa. Todas as pesquisas e reflexões acerca dessa manifestação tradicional devem apontar para “algo mais”. Embora tal manifestação seja predominantemente da cultura oral, transcrever para a escrita, sistematizar e refletir sobre os registros da linguagem nos calangos, possibilitou a ampliação desse conhecimento e a introdução, ulteriormente, de representações mais complexas.

No estudo de um gênero predominantemente oral, como a performance dos cantadores de calango, é essencial considerar a utilização da voz. Em Paul Zumthor (2005), a voz é abordada em dois aspectos distintos, sendo a primeira referente à voz presente na própria poesia, demarcada pelo eu poético, e a segunda relacionada à voz do intérprete, que canta e incorpora a voz do eu poético. Nesse contexto, as duas vozes não são sinônimas, mas interagem e constroem toda uma poesia formada pela representação oral. Para esse autor,

> Na voz estão presentes de modo real pulsões psíquicas, energias fisiológicas, modulações de existência pessoal. Gostaria de dizer que a voz reflete de maneira imediata uma certa atitude do homem para com ele mesmo, para com os outros, para com sua consciência e sua palavra: atitude percebida pelos ouvintes de modo empírico, global, a maior parte do tempo sem o menor começo (nem mesmo possibilidade) e análise. Por este meio, esta transmissão vocal constitui um fenômeno essencialmente diferente da transmissão escrita, da percepção mediatizada pela leitura (ZUMTHOR, 2005, p. 117).

Sendo assim, a voz não apenas transmite a mensagem sem intermédios, de maneira direta e rápida, mas também revela uma reação do corpo humano tanto para quem fala quanto para quem ouve. Dessa forma, as duas vozes presentes nas cantigas – a do eu poético e a do intérprete – permitem a socialização direta da mensagem sem esperar por qualquer alteração no seu conteúdo. Compreendemos, portanto, que ao explorarmos os calangos pesquisados, transcrevendo-os para a escrita e propondo a produção de novos calangos, criamos a possibilidade de adentrar nas profundas reflexões subjacentes às diferenças entre o texto escrito e o texto falado.

Sobre a valorização das atividades orais e a gradativa possibilidade de desenvolvimento dos discentes, diante da oportunidade de expressar-se oralmente e no ambiente escolar, Assis (2023) faz os seguintes apontamentos

> Torna-se necessário evidenciar que, ainda hoje, muitas escolas, professores, famílias e a parte da sociedade em geral, muitas vezes, supervalorizam a produção escrita e consideram as atividades orais como de menor importância, porém, a oralidade, contemporaneamente, cumpre um papel fundamental na formação das pessoas. Assim, cabe à escola apresentar um trabalho sistematizado com alguns gêneros orais desde os anos iniciais da educação básica, como a conversa telefônica, o recado em secretária eletrônica, o diálogo no teatro de fantoches, o poema, a trova e as parlendas, os jogos e as brincadeiras cantadas. O trabalho continua com gêneros como a discussão em grupo, a entrevista oral, o debate regrado, até chegar a gêneros mais complexos, como o seminário, o debate deliberativo, a mesa-redonda, a discussão em grupo, na sala de aula, o debate público regrado, o diálogo argumentativo, entre outros (ASSIS, 2023, p. 1 e 2).

Ao trabalhar com as cantigas de calango tivemos uma oportunidade eficaz para introduzir a poesia e, posteriormente, ampliar o conceito do próprio calango, conforme estabelecido pela BNCC (2018):

> No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética. (BRASIL, 2018, p. 138).

Procuramos, portanto, utilizar os versos da tradição oral para iniciarmos os estudos pela via das cantigas e, gradativamente, esperamos consolidar conhecimentos de análise e reflexão da língua por meio das operações com e sobre a linguagem.

2.3 O CALANGO NA ESCOLA

A realização de uma pesquisa que também procurou abordar a dimensão oral da língua materna, por meio de uma manifestação da cultura local, com o intuito de desenvolver as habilidades em leitura e escrita dos estudantes e operar sobre a língua sob uma abordagem epilinguística, foi bastante desafiadora. Trazer o calango para o centro da pesquisa não ocorreu, evidentemente, por tratar-se de um gênero célebre ou de grande interesse no meio acadêmico[10]. Muito pelo contrário.

[10] Haja vista o número exíguo de resultados apresentados na “Revisão de Literatura”.

Procuramos trazer para a escola e para a pesquisa um gênero da tradição oral, por ser da nossa comunidade e estar correndo o risco de se perder com o tempo.

Sabemos que a tradição oral frequentemente carece de reconhecimento e valorização social e essa realidade não é diferente na Região do Caparaó. Ao intitularmos esta seção como "O calango vai à escola", nossa intenção foi apresentar aos alunos e à comunidade escolar uma manifestação da cultura oral que, até então, não se localizaram registros de que em algum momento tenha sido explorada ou trabalhada em tal ambiente no nosso município.

Ainda que tivéssemos apresentado no subtítulo “Oralidade e gênero” a responsabilidade da escola em “possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral” (BRASIL, 2018, p. 138), sabemos que a tendência, em nossa prática, é perpetuarmos apenas a arte literária que está mais atrelada à cultura dominante e que possui registros escritos. A este respeito, é pertinente a fala de Schneider (2009) ao dizer que

> Enquanto a história da literatura continuar sendo apresentada como uma história única e contínua, como um cânone de obras escritas cuja origem está numa cultura, ancestral e distante, transmitida por meio de uma elite intelectual, a existência das tradições orais e das culturas populares nativas vai permanecer excluída da historiografia cultural”. A afirmação é da pesquisadora Ria Lemaire (1994, p. 61, grifo da autora), para quem as ciências humanas podem ser caracterizadas como “scriptocêntricas”. Segundo a catedrática da Universidade de Poitiers, na França, houve uma separação, na Europa, entre o estudo da literatura escrita e o das tradições populares e orais: o primeiro concentrou-se nas instituições de ensino superior, ao passo que o segundo (p. 61) “[...] foi relegado aos folcloristas, geralmente não admitidos como professores nas universidades”. Contudo, é possível incluir a tradição oral na história da literatura? (SCHNEIDER, 2009, p. 1).

A pesquisadora apresenta estudos que apontam o apagamento das tradições orais da historiografia cultural. Tal apagamento se deu no passado e continua acontecendo no presente. Nosso trabalho buscou, portanto, trazer o calango para a escola, compreender sua importância para as pessoas que ainda o conhecem, transcrevê-lo para a representação escrita e refletir sobre a língua cantada/falada em tais manifestações.

A fim de iniciarmos a exposição, no que diz respeito à origem do calango, é importante salientar que há poucos registros para serem apresentados acerca desse

gênero, assim como ocorre com algumas manifestações culturais de tradição popular, presentes em comunidades de povos originários. Embora não seja nossa preocupação desvendar essas origens, vale ressaltar que Fernandes (2012) diz que,

> Quanto ao calango, em especial, talvez seja impossível precisar sua origem exata no tempo e espaço. Em primeiro lugar, devido à escassez de registros e documentos, fato corriqueiro no que se refere à cultura popular brasileira. Ademais, é bem possível que o calango que conhecemos hoje seja fruto de uma conjunção de manifestações culturais, em permanente transformação ao longo de sua trajetória, dificultando assim a identificação de uma matriz primordial. Mesmo considerando a extrema importância dos estudos históricos, ainda que uma origem possa vir a ser identificada, somos tentados a sugerir que as motivações e sentidos do calango praticado no passado não são, necessariamente, as mesmas no mundo profundamente transformado de hoje (FERNANDES, 2012, p. 13).

Vimos que o nosso objeto de estudo, principalmente por se tratar de uma manifestação oral da língua, vem se transformando com o passar do tempo. As mudanças e as influências que o calango sofreu foram muitas e isso nos levará a refletir como ele já foi visto e utilizado no passado e como ele é visto e praticado atualmente.

A respeito do conceito de calango, iniciamos pelas definições apresentadas por Mendonça *et al.* (2009) quando afirma que

> A designação calango se relaciona com o nome de um pequeno lagarto – calango ou calangro – tido como muito ligeiro na corrida. Sua execução é quase sempre em andamento apressado. Pouco conhecido pelo Brasil, o calango é uma dança muito popular em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, cujo ritmo contagiante costuma ser apresentado como canto ou baile. Pode também significar desafio de versos cantados por um solista e repetidos pela plateia em coro, sendo chamado também de lera. O instrumento utilizado é principalmente a sanfona de oito baixos, acompanhada de viola e por vezes pandeiro (MENDONÇA *et al*., 2009).

Esse conceito de Mendonça *et al*. (2009), atribui à palavra calango três definições bastante distintas: lagarto, dança popular e desafio de versos. Tomamos a última atribuição ao sentido da palavra, pois é aquela que mais se aproxima do que estudamos com nossos alunos nesta pesquisa. Observamos que ele é definido como um desafio de versos cantados por um solista e repetidos por aqueles que assistem à apresentação.

Na perspectiva de utilizar os calangos para evidenciar seu valor cultural e trabalhar, por meio deles a oralidade, a leitura e a produção escrita com os estudantes,

torna-se necessário que aprofundemos um pouco mais em sua conceituação. Para que pudéssemos chegar a uma maior aproximação do calango ao que podemos chamar de um tipo relativamente estável de enunciado (BAKHTIN, 2016), vejamos uma definição um pouco mais elucidativa, apresentada por Fernandes (2012), ressaltando que

> O calango fluminense, também chamado de lera em algumas localidades, é um evento poético-musical, performativo, coreográfico e festivo, no qual os cantadores, geralmente em dupla ou maior número (raramente um solista), entoam versos, quase sempre setissílabos, rimados aos pares, dispostos em quadras, sextilhas ou estrofes maiores. Uns versos são oriundos da tradição; outros, criados durante a performance. Há ainda a mistura de versos decorados e inéditos, num procedimento que, assim como a utilização de versos inteiramente originais, é entendido pelos praticantes como improviso (FERNANDES, 2012, p. 1).

Notamos que Fernandes amplia o conceito apresentado por Mendonça *et al* (2009) ao afirmar que os cantadores raramente são solistas e costumam se apresentar em dupla ou em grupos maiores. Ele também acrescenta algumas características relativas à forma dos versos de calango: “setissílabos, rimados aos pares, dispostos em quadras, sextilhas ou estrofes maiores” (FERNANDES, 2012. p.1).

Ainda sobre o trabalho de Fernandes (2012) foi possível apreender mais algumas peculiaridades do calango que foram úteis para nossa pesquisa. Ele enfatiza que

> No calango contam-se estórias (algumas extraídas de folhetos de cordel), discorre-se livremente sobre o meio físico e social, mas o assunto mais recorrente é o desafio, modalidade onde uma série de critérios, variáveis conforme o grupo atuante, determina o vencedor numa disputa encetada através dos versos. Neste aspecto, o calango aproxima-se de outras manifestações musicais brasileiras, como o repente, a cantoria de viola, o cururu e o coco de embolada. O desafio pode ser descrito como um conjunto de práticas que se adaptou a diversos estilos musicais, constituindo ainda um gênero musical, presente na indústria fonográfica na primeira metade do século XX (FERNANDES, 2012, p. 2).

Ao nos dedicarmos a um trabalho que se ampara em fontes e textos trazidos pelos alunos, sabemos da possibilidade de nos depararmos com versos que talvez fujam às regras e definições estabelecidas. No entanto, como estávamos dispostos a refletir sobre a língua em uso, suspeitávamos que as nossas expectativas poderiam ser quebradas no sentido de não encontrarmos regras prontas para os “nossos calangos”. O que buscamos, por necessidade, foi a construção de nossas próprias definições para calangos a partir das reflexões linguísticas.

2.4 OPERAÇÕES DE LINGUAGEM COM OS CALANGOS

O processo de construção, elaboração e aplicação de um trabalho que privilegiasse a participação dos estudantes, levou em consideração o conhecimento de cada um deles a respeito do tema a ser abordado, evidenciando nossa preocupação com a escuta do outro. Conforme Freire,

> Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. Não é difícil perceber como há umas tantas qualidades que a escuta legítima demanda do seu sujeito. Qualidades que vão sendo constituídas na prática democrática de escutar (FREIRE, 1996, p. 45).

Nesse sentido, compreendemos que dar ao outro a oportunidade de manifestar-se através do diálogo possibilitaria uma participação muito mais efetiva do aluno no processo de ensino e de aprendizagem. Nessa esteira de pensamento, consideramos essencial ancorarmo-nos em uma concepção de linguagem que valorizasse a dialogia, conforme expõe Geraldi, amparando-se em Freire, Vygotsky e Bakhtin

> Este foi o século de uma “virada linguística”: a categoria da linguagem passa a fazer parte de nossas atuais respostas a questões cruciais da filosofia, da psicologia e da epistemologia: o desenvolvimento cognitivo, a memória, o pensamento, a constituição da consciência e das formas de compreensão do mundo são hoje tratadas a partir da linguagem.
>
> De modo extremamente resumido, podemos dizer que a linguagem, tanto para Paulo Freire quanto para Vygotsky e para Bakhtin, tem uma visão constitutiva dos sujeitos. Os três autores compartilham um ponto de partida: a dialogia como espaço de construção do humano. Não há diálogo sem a construção de recursos expressivos, através dos quais pensamentos são organizados e expostos, compreendidos e modificados (GERALDI, 2004, p. 5-6).

Sob o ponto de vista de autores que nos dão sustentação, a linguagem pode ser vista como uma ferramenta de comunicação, de interação, de influência sobre o

outro, portanto, vai além disso, conforme nos aponta Fiorin (2011), tecendo uma concepção de linguagem amparada em Franchi (1992). Segundo esse autor,

> [...] a linguagem deve ser apreendida numa "relação instável de interioridade e exterioridade, de diálogo e solilóquio: antes de ser para a comunicação, a linguagem é para a elaboração; e antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento; e antes de ser veículo de sentimentos, ideias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências" (FRANCHI; FIORIN; ILARI, 2011, p.10).

Portanto, a função de comunicação, em Franchi, pressupõe muito mais do que a troca de informações, como já notamos anteriormente. A linguagem é um sistema aberto, disponível para o atendimento de todas as necessidades de comunicação, o que significa que ela não é a "história do homem", mas ela constrói essa história, "reformulando e reelaborando os sistemas de referência para a ação humana" (FRANCHI, 1992, p. 26). Fiorin (2011) ainda acrescenta, em relação à concepção de linguagem abordada por Franchi, afirmando que

> Em Franchi, o que se nota é uma concepção dialética da relação entre linguagem e realidade. De um lado, a língua organiza o pensamento, produz ideias e compõe o quadro de referências para o agir do homem no mundo. Dessa forma, a língua constitui as experiências humanas. De outro lado, ela não instaura uma racionalidade supra-histórica inscrita na natureza das coisas, mas o que é fundamentalmente constitutivo é a capacidade que tem de recriar constantemente essa realidade, uma vez que ela é histórica. A historicidade da linguagem, ao mesmo tempo, cria uma racionalidade cultural e, portanto, móvel, e dá-lhe um dinamismo que a faz "aberta aos trabalhos do entendimento" e "às provocações da imaginação" (FRANCHI, 1992, p. 28-29) [...]. A linguagem é, assim, uma prática social, na medida em que a apreensão da realidade se faz pelo constante trabalho linguístico. Ela não exprime uma passiva adequação ao real, como na concepção da linguagem como reflexo, mas é o resultado de uma ação nela levada a termo. A realidade constitui-se pela linguagem que é histórica e coletiva (FRANCHI; FIORIN; ILARI, 2011, p. 12).

Nessa perspectiva, ao assumir que a linguagem é uma prática social e apresentar uma abordagem ampla e reflexiva acerca de todas as suas implicações, observamos que o nosso trabalho está intimamente atrelado a essa definição de linguagem. Refletimos com os alunos e operamos sobre a língua de maneira criativa, em consonância com o que diz Franchi (1991)

> No curso de seu desenvolvimento, quando faz e conhece, quando é artesão ou artista, o homem é quem escolhe o seu lugar de observação e progride menos sobre o feito e mais sobre o que é capaz de desfazer e refazer. Cada etapa e estágio é sempre um estado provisório.
>
> [...]o homem deve formar-se em uma contínua readaptação; quero dizer: para ser sempre um agente novo de sua própria construção, para acomodar-se em sucessivas e diferentes situações, para reinterpretá-las e

> reinterpretar seus problemas, para atribuir às questões novo valor e peso, para inventar soluções; para exercer, enfim, em cada momento, sua virtualidade criadora. Criatividade é, pois, mais que um elo entre o conhecimento e a arte. Liga-os à própria vida e à ação do homem sobre o mundo. Mais que elo entre diversas atividades e projetos, é condição deles (FRANCHI, 1991, p. 11).

Como nosso propósito foi refletir sobre a língua em uso com a intenção de investigar estratégias para estudar os calangos em sala de aula, a fim de evidenciar seu valor cultural e trabalhar por meio deles a oralidade, a leitura e a produção escrita dos estudantes em uma abordagem epilinguística, buscamos entender alguns pressupostos dessa atividade operatória de linguagem. Afinal, o que seria essa abordagem epilinguística? Apontamos, inicialmente, aquilo que nos apresenta Franchi (1991). Segundo esse autor,

> Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações. Não se pode ainda falar de "gramática" no sentido de um sistema de noções descritivas, nem de uma metalinguagem representativa como uma nomenclatura gramatical. Não se dão nomes aos bois nem aos boiadeiros. O professor, sim, deve ter sempre em mente a sistematização que lhe permite orientar e multiplicar essas atividades (FRANCHI, 1991, p. 36).

Conforme o que nos aponta Franchi, ao partirmos para uma pesquisa que buscava com os alunos o resgate de uma tradição, esperávamos, além de realizar tal resgate, operar sobre a língua comparando, transformando, experimentando e produzindo “novos calangos”. E, nessa “brincadeira com a linguagem”, sem nos preocuparmos com regras prontas e nomenclaturas, a reflexão sobre a língua deveria acontecer espontaneamente. Construir as regras e pensar “os nomes dos bois” em vez de usar aquilo que já está pronto e estabelecido, principalmente por ser mais significativo, seria, com certeza, uma oportunidade de aprendizagem sólida que não se esvazia com o tempo.

A esse respeito, na seção intitulada “Atividade epilinguística e ensino”, Rezende (2008) traz algumas considerações que ampararam ainda mais o nosso trabalho, ao dizer que as propostas de leitura e produção padronizadas pela escola causam desmotivação em nossos alunos e “a solução tem sido trazer para a sala de aula a realidade do aluno, seus gostos, suas preferências” (REZENDE, 2008, p. 96). No

entanto, essa mesma autora traz também alguns questionamentos sobre o que seria essa realidade do aluno

> O que é realidade? São apenas as realidades física e cultural presentes no ambiente social do aluno? E a realidade do professor, seus gostos de leituras, suas preferências estéticas e literárias não contam? Ele, professor, se anula como identidade, na sala de aula? Como poderá haver construção de identidades sem que o educador possa assumir a sua? E não haveria uma outra realidade, nem a do aluno nem a do professor, mas a em construção na sala de aula, que resultaria do diálogo entre experiências diversificadas dos alunos entre si, e entre professor e alunos? Essa variedade de experiências de vida e de expressão não traria em seu bojo uma ambiguidade constitutiva e não exigiria trabalho de todos? (REZENDE, 2008, p. 96).

E a resposta mais plausível para tais questionamentos seria o “diálogo [...] de identidades em construção” (REZENDE, 2008, p. 96). Recorremos aqui novamente ao que já vimos como proposta em Freire. Portanto, segundo Rezende, para que essa dialogia ocorra no ambiente escolar e resulte em produções de texto autênticas, temos um grande concorrente que é o ambiente natural. Seus questionamentos, na íntegra, são

> O que poderia a escola fazer para realizar uma produção de texto autêntica, diante de um rival tão forte, que é o ambiente natural? Qual é o seu papel específico, uma vez que aprendizados de línguas (sobretudo na modalidade oral) são realizados com sucesso sem escolas? (REZENDE, 2008, p. 96).

E essa mesma autora tenta responder afirmando que

> [...] trazer a atividade epilinguística para a sala de aula é extremamente importante, e a escola passa a ter o seu papel, que é ensinar o aluno a pensar o seu pensar, atividade esta que traz em seu bojo processos simultâneos de centralização (identidade e autoconhecimento) e descentralização (alteridade ou conhecimento do outro). Esta última atividade, com certeza, o ambiente natural não faz. A atividade epilinguística, por meio de mecanismos de parafrasagem e desambiguização, permite que textos sejam transformados em busca de uma adequação precisa a um cenário psicossociológico (REZENDE, 2008, p. 96).

Ao concordar com a resposta para tais questionamentos, nós, em um trabalho que prima pelo uso e reflexão da oralidade, trouxemos a atividade epilinguística para o centro de nosso estudo e, por meio dela, procuramos “ensinar o aluno a pensar o seu pensar”. Esperamos conseguir ensinar/aprender para além do ambiente natural, pois conforme expôs Rezende (2008), o ambiente natural pode contribuir no processo de centralização do conhecimento, mas a descentralização, ou seja, o conhecimento do outro, só pode se dar no ambiente escolar, com atividades que se

utilizem de mecanismos de parafrasagem e desambiguização. Tais mecanismos são próprios das atividades epilinguísticas e permitem que os textos (orais ou escritos) se adequem às necessidades de cada um.

Tal ancoragem nos proporciona maior segurança e tranquilidade para trabalharmos a paráfrase[11] com os estudantes, não apenas falando ou escrevendo os mesmos calangos de outro modo, mas conforme orienta Rezende (2008), compreender que ao fazermos mudanças sutis de expressão, também “falamos ou escrevemos necessariamente outra coisa” (REZENDE, 2008, p. 97). Nessa abordagem, a autora acrescenta:

> Não podemos nos esquecer de que a reflexão que sustenta este texto não traz o sujeito psicossociológico acoplado a um núcleo neutro e invariável, mas as variações experiencial e linguística são colocadas de modo radical: só há variação. Desse modo, a sutileza de expressão vai nos oferecer não o significado estável, mas o construído psicossociologicamente, quer dizer, o construído em uma interação verbal específica (REZENDE, 2008, p. 97).

A autora ainda esclarece para nós, no que se refere à ambiguidade[12], a qual se apresenta bastante diferente do modo clássico de se estudar a ambiguidade:

> Do nosso ponto de vista, trata-se de uma ambiguidade constitutiva, quer dizer, todos os enunciados de uma língua são ambíguos; daí a linguagem ser um trabalho de equilibração. A atividade epilinguística ganha toda a sua importância exatamente quando colocamos essas variações radicais de experiência e de expressão ou, ainda, quando defendemos uma indeterminação fundamental da linguagem. Só aí, também, o sujeito psicossociológico ganha o seu espaço (REZENDE, 2008, p. 97).

Também trabalhamos a ambiguidade em nossa pesquisa na perspectiva da ambiguidade constitutiva, ao considerar que todos os enunciados são ambíguos. A atividade de desambiguização pode possibilitar ao aluno, sujeito participante da pesquisa, maior conhecimento de si mesmo e do espaço que ocupa.

Nessa esteira de ideias, compreendemos que houve a necessidade de se permitir ou criar um movimento constante entre leitura (leitura não apenas de textos escritos,

---

[11] Paráfrase, no sentido usual da palavra, é falar ou escrever alguma coisa de outro modo. Na concepção defendida por Rezende, paráfrase é a mudança sutil de elementos.

[12] Ambiguidade, no sentido usual da palavra, ocorre quando um trecho, uma sentença ou uma expressão linguística apresentam mais de um entendimento possível, gerando problemas de interpretação no enunciado e dificuldades de comunicação. Na concepção defendida por Rezende, todos os enunciados de uma língua são ambíguos.

mas também dos textos falados, recitados ou cantados) e produção, releitura e mais produções. Conforme nos aponta Geraldi (2003),

> a) o movimento entre produção e leitura é para nós um movimento que vem da produção para a leitura e desta retorna à produção (ao inverso do que costumam ser as práticas escolares tais como aquelas propostas pelos livros didáticos); b) a entrada de um texto para a leitura em sala de aula responde a necessidades e provoca necessidades; estas necessidades tanto podem ter surgido em função do que temos chamado "ter o que dizer" quanto em função das "estratégias de dizer"; c) a leitura, sendo também produção de sentidos, opera como condição básica com o próprio texto que se oferece à leitura, à interlocução; neste sentido são as pistas oferecidas pelo texto que levam a acionar o que lhe é externo (GERALDI, 2003, p. 188).

O mesmo autor, ao tratar sobre "Atividades epilinguísticas no ensino de língua materna", caracteriza tais atividades dizendo que

> Quando se propunha uma "prática de análise linguística", visava-se referir a um conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto: o fato de ela poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos sobre o mundo ou sobre nossa relação com ele e com os outros, mas também falamos sobre como falamos. Estas atividades estão presentes nos processos interlocutivos e são neles detectáveis: uma paráfrase, uma repetição, uma explicação sobre o que se disse, os processos de negociação de sentidos são fenômenos que exemplificam o funcionamento do epilinguismo. Este tipo de atividades aparece bastante cedo entre os falantes: mais ou menos entre os 4 e 5 anos, as crianças fazem muito mais do que perceber a relação dos signos com as coisas; elas brincam com o sistema da língua, elaborando rimas e explorando a sonoridade das palavras, dizendo a mesma coisa de outro modo, as autocorreções, as reelaborações, perguntando e explicando para si mesmas o que ouvem. Podemos caracterizar as atividades epilinguísticas como atividades que, tomando as próprias expressões como objeto, suspendem o tratamento do tema da conversação ou do texto para refletir sobre os recursos expressivos postos em funcionamento (GERALDI, 2015, p. 59-60).

Apropriando da fala de Geraldi, assim como as crianças entre quatro e cinco anos "brincam com o sistema da língua, elaborando rimas e explorando a sonoridade das palavras, dizendo a mesma coisa de outro modo", acreditamos na possibilidade de uma rica e proveitosa reflexão sobre a língua com nossos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. As "autocorreções" e "reelaborações" dos calangos servem como ponto de partida para nossas atividades, sempre amparadas pelo diálogo. Entretanto, conforme nos advertiu Rezende (2008), "diálogo não é conversar qualquer coisa com os alunos, mas criar um foco preciso dentro do qual ele será feito" (REZENDE, 2008, p. 107).

É nessa linha de raciocínio que entendemos a importância de dar aos alunos voz e vez para juntos refletirmos a língua e ampliarmos sua discussão nos diálogos em sala de aula, alinhando-nos com o conceito de enunciação apresentado por Gomes (2007), ao afirmar que

> Todo indivíduo tem autonomia para mobilizar a língua, construindo representações do pensamento e, ao colocar em funcionamento as unidades linguísticas, por um ato individual, faz a enunciação. Portanto, enunciar é operacionalizar a linguagem considerando o ato, os instrumentos e o contexto da sua realização em determinado espaço-tempo, em que os conteúdos linguísticos permitem o sujeito regular e referenciar o pensamento (GOMES, 2007, p. 11-12).

Após as reflexões a respeito dos conceitos de epilinguagem e de atividades epilinguísticas e amparados em estudiosos cujos trabalhos alicerçam as vertentes teóricas que balizaram nossa pesquisa, passaremos, no próximo capítulo, a tratar da metodologia e, na sequência, faremos a descrição da pesquisa empírica na perspectiva de alcançarmos os objetivos propostos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Tendo em vista que aspiramos investigar estratégias para abordarmos os calangos nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de evidenciar o seu valor cultural e, por meio deles, trabalhar a oralidade, a leitura e a produção escrita com os estudantes, apresentamos neste capítulo os principais procedimentos usados na pesquisa, ou seja, explicitaremos a metodologia de trabalho, o espaço ou local da pesquisa, a apresentação dos participantes e o detalhamento dos módulos sobre os quais a pesquisa foi organizada.

3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A nossa pesquisa está inserida no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) e tal programa tem como objetivo o empoderamento dos docentes de valor pedagógico agregado em linguagem, com vistas ao enriquecimento e à eficácia em práticas profissionais. Tais práticas profissionais devem levar em consideração, primordialmente, o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes.

Nessa perspectiva usamos os procedimentos metodológicos de uma abordagem qualitativa, inspirados em aspectos da pesquisa participante. Aspiramos à participação dos alunos em todo o processo de investigação e compreendemos que essa participação foi o ponto essencial da pesquisa, pois, desde a investigação dos calangos e seu (re)conhecimento por parte dos mais jovens, até a execução das atividades de operações de linguagem, contamos com a efetiva colaboração dos estudantes. Nesse aspecto, amparamo-nos em Brandão (2006), quando ele sustenta que

> A pesquisa é “participante” porque, como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória (BRANDÃO, 2006, p. 25).

Diante dessa proposta de abordagem reconhecemos que nossa busca não reúne todas as características de uma pesquisa participante, mas entendemos que o envolvimento dos alunos, como endossa esse tipo de investigação, será, para eles, uma oportunidade de serem protagonistas do trabalho sobre uma tradição cultural da comunidade na qual eles vivem. Por isso, ser protagonista da pesquisa e de sua própria história foi uma forma de oportunizar aos estudantes e aos professores uma relação de mais confiança entre eles e seus pares (familiares, amigos e vizinhos), entre eles e a comunidade escolar e, sobretudo, confiança neles próprios. Como destaca Brandão (2006),

> A pesquisa participante pretende ser um corajoso salto além da observação participante. Nessa e em boa parte das abordagens qualitativas na pesquisa social, eu descubro que sou confiável. Posso proceder assim porque posso confiar em mim mesmo, e não apenas nos instrumentos que coloco entre mim e os meus "objetos de pesquisa". Posso confiar em minha memória, em minhas palavras e nas de outros, meus interlocutores. Posso confiar neles "para mim". Para efeitos dos processos e produções de um trabalho científico que eu controlo, interpreto e uso em meu favor. Na pesquisa participante parto de um duplo reconhecimento de confiança no meu "outro", naquele que procuro transformar de "objeto de minha pesquisa" em "cossujeito de nossa investigação". Devo confiar nele tal como na observação participante, na qualidade de meu interlocutor, aquele que no dizer de si mesmo desenha para mim os cenários de vida e destino que pretendo conhecer e interpretar. Mas devo ir além, pois devo criar com ele em seu nome (bem mais do que no meu próprio) um contexto de trabalho a ser partilhado em pleno sentido, como processo de construção do saber e como produto de saber conhecido e posto em prática através de ações sociais de que ele é (ou deveria ser) o protagonista e eu sou (ou deveria ser) o ator coadjuvante (BRANDÃO, 2006, p. 45-46).

A abordagem trazida por Brandão (2006) converge com o que nos aponta Freire (2022) quando afirma que

> [...] a primeira condição para que um ser pudesse exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, a qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis (FREIRE, 2022, p. 20).

Dessa forma, a abordagem escolhida para subsidiar a nossa pesquisa pareceu-nos reunir as características necessárias para desenvolver o trabalho empírico, pois sempre almejamos a construção de conhecimentos com muitas mãos, um trabalho comprometido com a formação social, histórica e cultural de todos os participantes.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA E SEUS PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no município de Caparaó, Estado de Minas Gerais. O estabelecimento educativo conta com dez salas de aula e funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno. Durante o ano de 2023, período da pesquisa, no turno matutino foram atendidos os alunos de duas turmas de nono ano/ Ensino Fundamental (EF), uma turma de primeiro ano/Ensino Médio (EM), uma turma de segundo ano do EM e uma turma do terceiro ano do EM. No turno vespertino funcionaram três turmas de sexto ano do EF, três turmas de sétimo ano do EF e duas turmas de oitavo do EF. À noite, funcionaram primeiro, segundo e terceiro ano do EM e uma turma de Educação de Jovens e Adultos.

A escola atendeu um total de aproximadamente seiscentos e cinquenta alunos nos três turnos e cada sala de aula comportou, em média, trinta estudantes. O prédio escolar possui uma biblioteca ampla, com um acervo de livros literários e livros para pesquisa, onde também há quatro computadores disponíveis aos alunos. Além disso, a escola dispõe de um laboratório de informática com quarenta computadores em funcionamento, com acesso à internet e um laboratório de Ciências. Há também no espaço o funcionamento de uma Rádio Escolar chamada “A voz da escola”, que é utilizada para avisos, recados da direção e, algumas vezes, pelos próprios alunos sob a orientação de um supervisor escolar.

A principal fonte de renda do município de Caparaó é o café e a escola costuma valorizar a cultura cafeeira, com o intuito de aproximar-se dos alunos e de suas famílias. Para obter adesão em atividades pedagógicas, são realizados eventos na escola, tais como feiras culturais, projetos de iniciação científica, mostras de trabalhos relacionados ao cultivo do café etc. Estão inseridas no Plano Político Pedagógico da escola algumas festividades locais: a Festa do Cafeicultor, Comemoração da Independência, Festa Junina e aniversário da cidade.

A escolha por essa unidade de ensino para o trabalho empírico se deu devido à pesquisadora pertencer ao corpo docente da escola há mais de vinte anos e, mais

especificamente, no ano de 2023, ministrar aulas de Língua Portuguesa para as turmas de oitavo ano.

Os participantes da nossa pesquisa foram estudantes de duas turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental II, totalizando quarenta e sete alunos, com idades entre doze e treze anos. Desse quantitativo de estudantes, vinte e quatro compunham a turma do oitavo ano A e vinte e três, do oitavo ano B.

A escola atende tanto estudantes da cidade quanto da área rural, filhos de agricultores, residentes nas adjacências do perímetro urbano. Aqueles que moram mais distantes do centro, sede do município, utilizam o transporte escolar. Em períodos chuvosos, devido ao fato de as estradas não serem pavimentadas, há pouca assiduidade dos discentes que residem em área rural.

Na nossa pesquisa participaram vinte e três alunos da zona urbana e vinte e quatro, da zona rural. Tais informações foram constatadas a partir de uma sondagem realizada junto às turmas, por meio de um questionário (Apêndice A) aplicado na aula de apresentação da pesquisa sobre os calangos do Caparaó, com a finalidade de reunir mais subsídios para o planejamento da sequência de atividades e de delinear o perfil dos participantes.

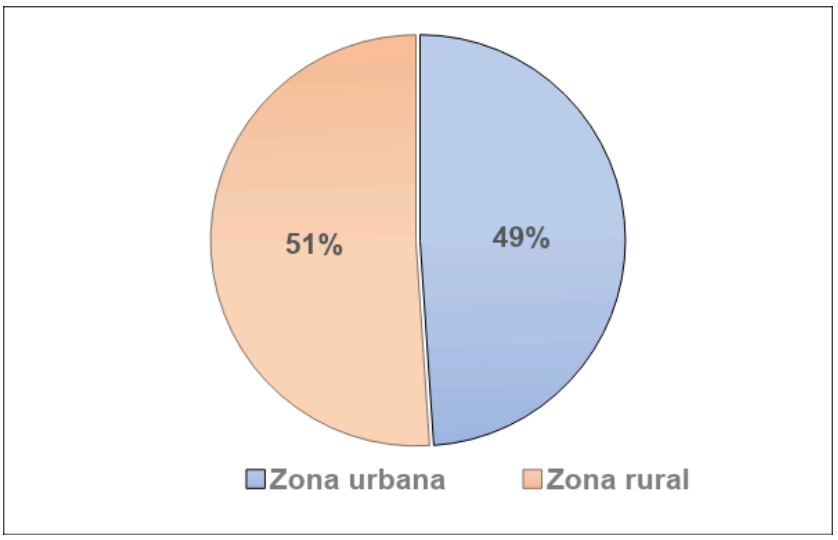
Os resultados desses questionários (Apêndice B), foram apresentados às turmas e serviram para reflexão coletiva sobre cada um dos itens investigados. As constatações mais relevantes com os questionamentos sobre os conhecimentos prévios dos discentes acerca do gênero calango são descritas a seguir, conforme constatados nos resultados do questionário.

A primeira pergunta foi relacionada ao local onde residem os alunos: “onde você mora?”. Era de nosso conhecimento que os alunos das turmas de oitavo ano da escola tinham procedência geográfica de áreas rurais e urbanas, porém não tínhamos esses dados quantificados.

Os números apurados na pesquisa confirmaram e tornaram esses dados mais pontuais. Dos 47 (quarenta e sete) alunos presentes nas turmas no dia da pesquisa

23 (vinte e três) declararam ser da área urbana e 24 (vinte e quatro) da área rural conforme apresentado na figura 1:

Figura 1: Procedência geográfica dos alunos.



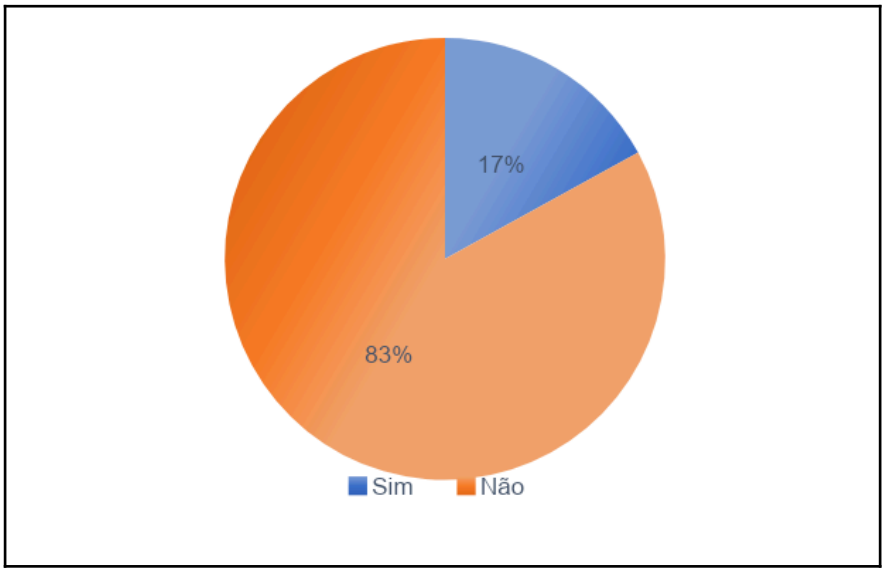
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

O questionamento que buscou saber a procedência geográfica dos alunos foi introduzido devido ao fato de imaginarmos que os alunos da área rural talvez tivessem mais subsídios culturais para contribuir com a nossa pesquisa. No entanto, pudemos observar que os estudantes da área urbana manifestaram interesse no assunto tanto quanto os da área rural, bem como contribuíram de maneira significativa no que se referiu à busca por cantadores de calangos.

As demais perguntas do questionário, além de serem discutidas oralmente com os alunos e relatadas nesta seção, também foram problematizadas e colocadas na primeira oficina do Módulo 1 de nossa pesquisa. Logo nas primeiras reflexões, percebemos a necessidade do registro escrito das contribuições dos alunos em cada etapa do trabalho. Elaboramos, portanto, um diário de bordo para que cada estudante registrasse por escrito as suas respostas às atividades propostas e, a partir desse material, pudemos receber, organizar, compreender, problematizar e avaliar a participação dos alunos conforme apresentamos, a partir do capítulo 4.

Em relação à pergunta “Você já viu ou ouviu alguém cantando e/ou declamando “calango” aqui em nossa cidade ou na região?”, pudemos observar que apenas 08 (oito) alunos relataram ter visto e/ou ouvido alguém cantando calango aqui em nossa cidade ou região, de acordo com a definição a eles apresentada, conforme explicitado na figura 2:

Figura 2: Alunos que já ouviram calango



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

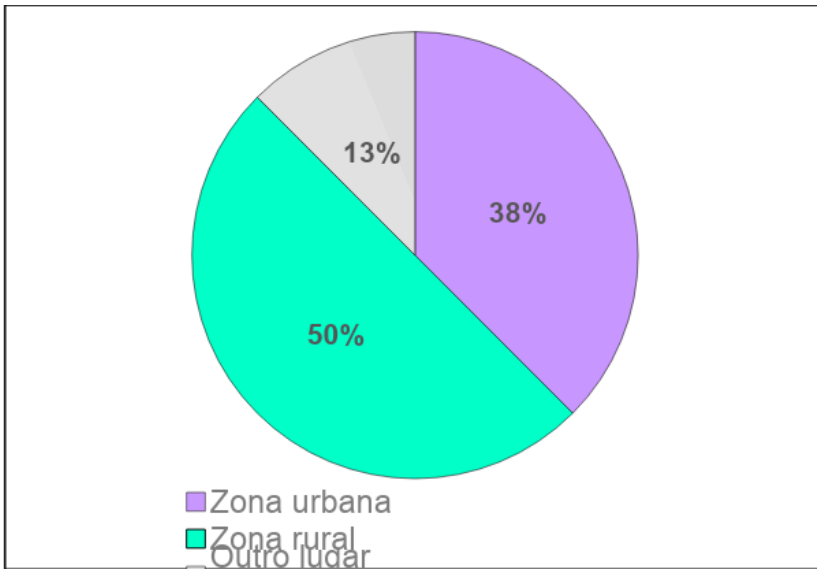
A nossa suposição, relacionada ao fato de que os alunos da área rural talvez contribuíssem mais com a nossa pesquisa, não foi confirmada pelos resultados obtidos. Observamos que a maior parte dos alunos conhecedores – 7 (sete) entre os 8 (oito) que já apresentavam algum conhecimento prévio sobre os calangos – era da área urbana. Outro dado importante é que o elevado número de alunos que desconhecem o calango aponta para a necessidade de mais trabalhos de divulgação e preservação da memória cultural da comunidade.

Após a leitura e análise dos dados da questão número um, outro fato interessante foi levantado para discussão: no primeiro contato dos participantes da nossa pesquisa com as cantigas de calango na representação escrita (as estrofes foram passadas na lousa pela professora, intencionalmente), nenhum dos alunos conseguiu

identificar o gênero. Isso ressaltou a diferença entre textos orais e escritos. Alunos que responderam positivamente à questão número um relataram que só conseguiram identificar as estrofes como calangos quando ouviram a professora declamá-las ou cantá-las. Ou seja, apenas após a manifestação oral do gênero é que conseguiram reconhecê-lo. Ficou evidente que um gênero predominantemente oral não é facilmente reconhecido na escrita sem uma prática contínua e divulgação adequada por essa forma de representação.

Ao analisarmos a questão 1.1, sobre o local onde os alunos viram ou ouviram os calangos, observamos que quatro deles relataram ter tido contato com a respectiva manifestação cultural na área rural do município de Caparaó, três, na área urbana, e apenas um deles viu ou ouviu calango em outro município. No momento da discussão os alunos contaram mais detalhes sobre a experiência que tiveram. É importante destacar que todos os alunos disseram que presenciaram tais manifestações em situações absolutamente informais, como encontros de família ou visita à casa de amigos. Em nenhum dos casos o calango foi ouvido em uma festa ou baile promovidos com intuito de divulgar tal cultura.

Figura 3: Lugar onde viram e/ou ouviram calangos.



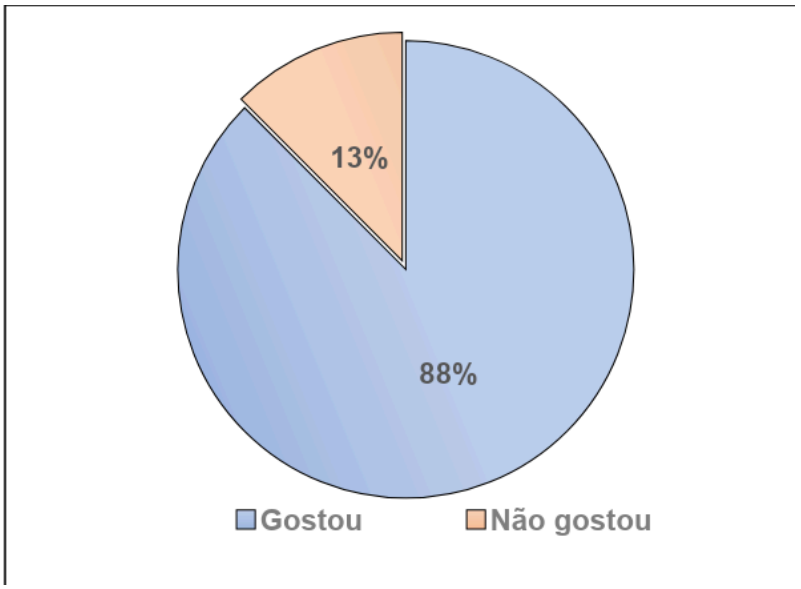
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

Logo em seguida, na pergunta 1.2, quatro alunos viram a apresentação com apenas um cantador de calango e outros quatro, com dois cantadores. Perguntamos se, no caso dos dois cantadores, o calango era em forma de desafio, ao passo que os

discentes disseram que não. Relataram que, embora fossem dois cantadores, eles simplesmente ajudavam-se na hora de versejar. Concluímos, portanto, que nem sempre os cantadores que se apresentam em duplas, utilizam-se dos calangos em forma de desafio.

Entre os oito alunos que já haviam tido contato com os versos de calango, apenas um respondeu que não havia gostado do que ouviu e não justificou sua opinião. O aluno não estava presente no dia da análise do questionário e logo em seguida pediu transferência, portanto, não foi possível compreendermos o motivo pelo qual ele manifestou tal opinião. Os outros sete alunos gostaram do que ouviram e, conforme o resultado da questão 1.3, justificaram de maneira simples como está exposto no próprio questionário.

Figura 4: Apreciação dos alunos pelos calangos que viram ou ouviram.



.
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

A pergunta que mais despertou as nossas reflexões foi a segunda que questionou: “Antes das informações trazidas por essa pesquisa, você já havia lido algum calango ou algum texto sobre o calango no ambiente escolar?”, ao passo que os quarenta e sete alunos das duas turmas responderam negativamente. Ou seja, nenhum dos alunos das turmas demonstrou ter lido qualquer tipo de texto relacionado aos calangos no ambiente escolar antes do contato com esta pesquisa.

Constatamos, portanto, com base na análise das respostas dos questionários, que o resgate de calangos, a sua transcrição para a representação escrita e a divulgação de tal manifestação foram atividades pioneiras no ambiente escolar e contribuíram para que outros alunos e professores, posteriormente, pudessem ter acesso aos registros escritos de nossa pesquisa.

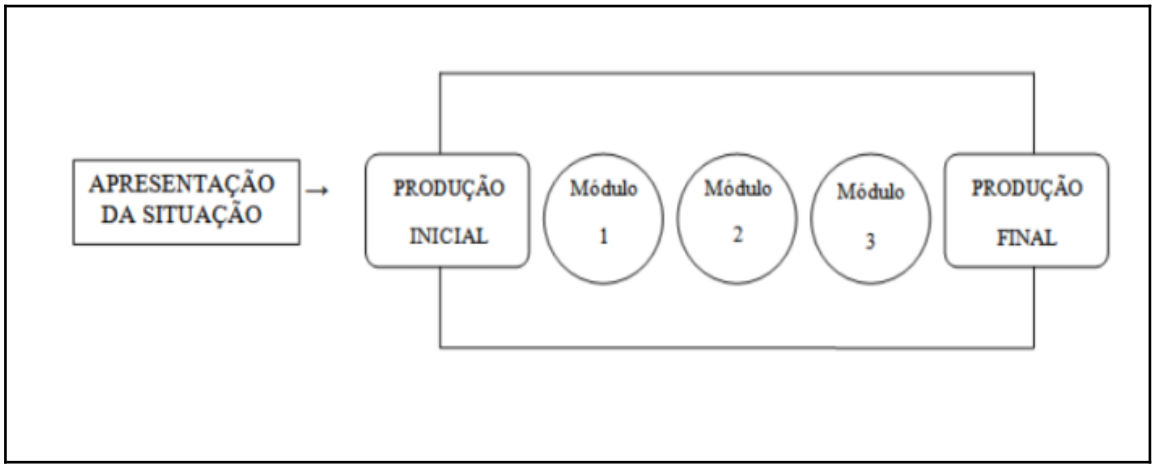
3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A proposta deste trabalho, intitulado “As cantigas de calango do Caparaó na sala de aula: cultura local com epilinguagem nos anos finais do Ensino Fundamental”, dá ênfase ao diálogo e à construção do conhecimento a partir das relações sociais presentes no nosso cotidiano. Apoiados nos constructos teóricos de Paulo Freire, buscamos construir ou executar estratégias de ensino consubstanciadas em uma pedagogia emancipatória buscando incentivar, tanto os educadores quanto os educandos, a refletir sobre a nossa própria história e sobre o lugar de cada um na sociedade.

Para a organização das atividades usadas na pesquisa empírica do trabalho, foi estruturada uma sequência atividades usando textos de diversos gêneros, com base na proposta apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011). Utilizamos a terminologia “sequência de atividades” e não sequência didática, porque de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (op. cit, p. 83), a sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” e nós trabalharemos com mais de um gênero na sequência. Ainda conforme tais autores, uma sequência didática tem por objetivo ajudar os alunos a se apropriarem de um gênero textual, no nosso caso, na sequência de atividades colocamos em evidência o calango, a fim de que ocorra essa apropriação.

Uma sequência didática pode ser representada conforme o esquema da figura 1, proposto pelos autores referenciados.

Figura 5: esquema de uma sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 83)

De certa forma, buscamos inspiração nesse esquema, mas não o seguimos literalmente. O nosso percurso metodológico foi adaptado para que o diálogo perpassasse todas as etapas do processo de ensino e a "atividade criadora"[13] não ficasse engessada por um método preestabelecido.

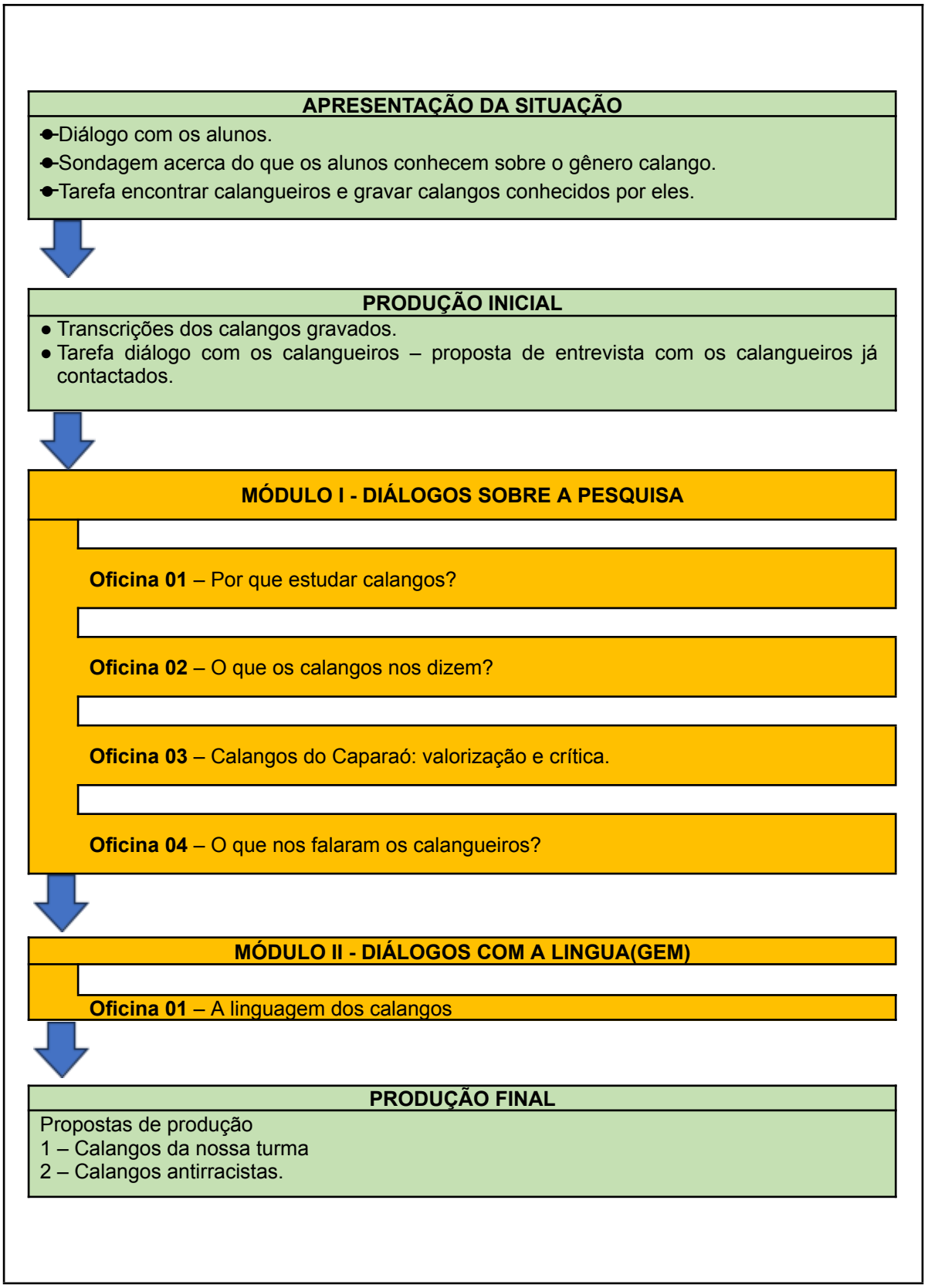
Nossa preocupação com a flexibilidade teve a finalidade de permitir modificações no decorrer do percurso, uma vez que cada oficina ao ser executada proporcionou uma nova experiência de construção do saber. Nessa perspectiva, retomamos Franchi, segundo o qual

> A relação entre o sujeito e o mundo se compreende como uma relação ativa: o homem intervém espontaneamente no curso dos fenômenos, estabelece relações novas, define novos modos de estruturação do real. Não se limita, pois, a observar e a assimilar, a estar disponível para a "lição das coisas", mas a fazer delas o objeto mutável e adaptável da ação do sujeito. Sob a ação e para a ação, as coisas não são apreendidas a partir de propriedades categoriais que lhe seriam inerentes, mas pelo seu valor funcional. Como consequência, saber é saber de experiência, é representação de experiências, e não mera manipulação de representações simbólicas transmitidas: experimenta-se aquilo que se criou (FRANCHI, 1991, p. 9).

Ao tomarmos como modelo a sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), fazendo as necessárias adaptações, seguiremos o seguinte esquema:

[13] "uma atividade criadora e não meramente reprodutora, na medida em que não consiste somente em repetir e aplicar esquemas aprendidos, mas em construí-los". (FRANCHI, 1991, p. 9).

Figura 6: sequência didática realizada



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2023.

À medida que avançamos no diálogo, iniciamos a execução das oficinas, procuramos deixar registradas todas as nuances, necessidades de ajustes, aspectos positivos e negativos e, ainda, todos os aspectos que favorecessem a reelaboração das oficinas.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS OFICINAS

O questionário aplicado no primeiro encontro, conforme ressaltamos no tópico 3.2 deste capítulo, proporcionou um entendimento mais apurado da realidade dos alunos em relação aos calangos, possibilitando-nos construir uma diretriz de ação para elaborar e desenvolver o planejamento.

Iniciamos a pesquisa empírica apresentando nossa proposta aos alunos, que consistia em trabalhar com calangos para evidenciar a cultura local. Identificamos que os alunos tinham pouca familiaridade com as cantigas de calango, o que nos levou a fundamentar as atividades de forma a incentivar a leitura, a escrita e a reescrita. Todo o nosso trabalho buscou dar voz e protagonismo aos alunos, estimulando uma maior participação deles nas aulas.

Procuramos seguir o roteiro programado de oficinas e para abstrair invariantes na ação dos participantes, procuramos analisar cada atividade seguindo determinada ordem e adotando um princípio comum a todas. De forma metódica, procuramos observar:

A – recepção dos alunos e envolvimento com a aula;
B – organização para fazer a atividade;
C – compreensão da atividade;
D – problemas identificados na resolução que precisam ser ajustados,
E – avaliação da atividade pelos alunos e autoavaliação.

Ao final foram considerados os diversos aspectos e contribuições de modo a garantir a qualidade e efetividade das atividades propostas. Apresentamos no capítulo a seguir a descrição de toda a pesquisa empírica realizada.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para discutirmos os resultados da pesquisa sempre retomaremos o planejamento da sequência didática apresentado na figura 06. Neste capítulo relataremos o que foi possível realizar e o que não foi possível desenvolver.

Compreendemos que a realidade nos impõe algumas situações que, por vezes, modificam nossos planos. Portanto, como entendemos o processo ensino/aprendizagem como uma construção, não será difícil explanar os nossos desvios do esquema planejado, principalmente, porque a maioria desses desvios tornaram-se caminhos que, além de necessários, contribuíram para um trabalho mais participativo e comprometido com a formação humana.

4.1 APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO: DIÁLOGO COM OS ALUNOS

Para efetivarmos a pesquisa empírica, iniciamos pelo levantamento dos dados. Na primeira atividade, organizamos uma aula sobre “Calangos do Caparaó” para estabelecer um diálogo com os alunos e falarmos da nossa pesquisa e de como idealizamos a participação deles.

4.1.1 Apresentação do tema “Calangos do Caparaó”

I – Planejamento:

Título da aula:	Diálogos sobre os “Calangos do Caparaó”
Descrição:	conversa diagnóstica com alunos conduzida pela pesquisadora que também é a professora regente, utilizando uma aula de Língua

	Portuguesa para esclarecer em linhas gerais o que eram os calangos e qual era o projeto de pesquisa.
Duração:	02 aulas de 50 minutos
Objetivo(s):	● identificar o que os alunos conhecem sobre o calango; ● informar sobre a pesquisa e introduzir o tema; ● verificar os conteúdos e o conhecimento dos alunos-sujeitos informantes. ● coletar informações quanto ao contexto em que os alunos vivem. ● identificar possíveis práticas educativas que estimulem a participação ativa dos envolvidos. ● coletar subsídios para planejar as demais oficinas.
Metodologia:	● Apresentação da pesquisa e da proposta de atividades para validação do produto educacional do mestrado. ● Distribuição do texto e leituras. ● Realização das atividades. ● Correção das atividades de forma dialogada.
Desdobramentos:	A partir do diagnóstico, a pesquisadora vai: ● fazer a compilação dos dados e descrição do perfil dos alunos. ● elaborar novas oficinas sob uma abordagem epilinguística para os alunos terem operação com o vocabulário, interpretação de textos, produção textual.
Avaliação:	A avaliação será por meio do registro das respostas e depoimentos externados pelos alunos ao longo da atividade.

II – Desenvolvimento

As aulas denominadas “Diálogos sobre os ‘Calangos do Caparaó” serviram para “garimpar” dados preliminares sobre o gênero calango. Nelas, o termo calango foi inicialmente omitido dos alunos para podermos observar se tal manifestação da cultura oral era conhecida por eles ou não. Propositalmente, nos textos 1 e 2, excluímos os versos que citavam a palavra calango. Dessa forma, pudemos observar se os alunos conheciam esse termo ou alguma outra nomenclatura que fizesse alusão à palavra calango.

A aula foi conduzida com as seguintes atividades:

Atividade 1 – Leitura de textos, problematização e reflexão.

Leia o texto I, a seguir, e depois vamos conversar sobre ele:

Texto I:

"Meu amigo vem aqui
Que eu vou te perguntá
Quero que você me diga
Quantas pinta tem o gambá

Você qué que eu te diga
Quantas pinta tem o gambá?
Uma na ponta do rabo
E outra na vorta da pá!

1) Treinem silenciosamente a leitura, pois cinco (05) alunos serão sorteados aleatoriamente para o texto I em voz alta. Durante a leitura, os demais alunos deverão observar:
- a entonação de cada aluno(a) leitor(a) e a forma como ele se comporta diante de cada palavra.
- se o aluno muda na leitura alguma palavra que apresenta variação em relação à norma padrão.

2) Vocês gostaram da leitura do colega? O que notaram sobre o tom de voz e a pronúncia das palavras? (Estimular os alunos a comentarem positivamente a leitura dos colegas)

3) Há no texto uma expressão "vorta da pá". O que significa ou que lugar é esse?

4) Vocês conhecem o gênero do texto lido? Qual seria o gênero? (aguçar a curiosidade sem responder e anotar as possíveis respostas sem (in)validar qualquer resposta)

5) Será que o texto I poderia ser cantado? Justifique a resposta.

Agora vamos ler o texto II para continuar a conversa

Texto II

"Joguei meu chapéu pra cima
Meu chapéu parou no ar
Eu rezei pro Santo Antõe
E meu chapéu tornou vortá
Eu pedi pineira fina
Me dero pineira pá
Enquanto a pineira chega
O meu chapéu cuô fubá."

6) Agora 03 alunos(as) vão ler o texto II. (sortear ou escolher aleatoriamente 03 alunos(as) para ler). Após leitura, o que acharam do texto II? O texto traz o jeito de falar de quem?

7) Quais são as principais semelhanças entre os textos I e II?

8) Qual(is) a(s) principal(is) diferença(s) entre os versos do texto 1 e os versos do texto 2?

9) Será que o texto II poderia ser cantado? Você seria capaz de atribuir a ele algum ritmo? Experimente. (Caso nenhum aluno se manifeste, a professora deve "cantar" os calangos do texto I e do texto II, conforme o ritmo tradicional desse tipo de cantiga).

10) Após o texto cantado por vocês ou pela professora, foi possível reconhecer esse tipo de manifestação? (Se até aqui os alunos não identificarem o termo calango, o momento será oportuno para introduzi-lo).

Após a aplicação da atividade I, foi possível observar que nenhum dos alunos presentes na aula conhecia o termo "calango", mesmo com a leitura dos textos 1 e 2. Ao refletirem sobre a questão 4, que se refere ao possível gênero dos textos, na turma B, dois alunos sugeriram que fosse cordel, pois eles já haviam lido livros de cordéis e notaram algumas semelhanças dos textos apresentados com as leituras realizadas. Nessa mesma turma, alguns alunos tinham ouvido "batalhas de rimas" no *tik tok* e notaram que havia similaridade entre elas e os textos estudados.

A turma A identificou o gênero apenas como "versinhos" e, após uma breve definição sobre o que são os versos e as estrofes em um poema, concluíram que seriam "poemas populares". Classificaram os textos como "populares" pois não identificaram a autoria e perceberam as variações linguísticas que, segundo eles, "são do jeito que o povo fala", conforme relatou um aluno.

Nenhum estudante conseguiu cantar os textos apresentados, bem como não os identificaram como cantigas de calango diante dos textos escritos. Somente após ouvirem a professora cantando os calangos é que alguns deles foram capazes de associar os textos apresentados com algumas manifestações culturais de pessoas com quem já tiveram contato. Foi, necessariamente, ouvindo os calangos cantados pela professora que oito (08), dos quarenta e sete (47) alunos identificaram as cantigas como calangos.

Nessa atividade I, destacamos com os alunos as variações linguísticas presentes nos dois textos. Falamos de poesia e revisamos os elementos que compõem um poema (versos, rima, estrofes etc.). Com isso, os alunos puderam ver a maneira como as rimas foram dispostas (rima no fonema [a]) e tivemos a oportunidade de ajudá-los a perceber que o texto I foi escrito em forma de desafio e o texto 2 apresentou uma narrativa breve em versos que não dava ao interlocutor do eu lírico a opção de “resposta”.

A aula continuou com a atividade II.

Atividade 2 – Leitura de texto informativo sobre o calango.

Leia com atenção o texto III que traz a definição de **“Calango”.** Após leitura, responda às perguntas que a ele fazem referência, buscando estabelecer conexões com o que foi visto sobre o calango.

Texto III:

O ***calango***, também chamado de *lera* em algumas localidades, é um evento poético-musical, performativo, coreográfico e festivo, no qual os cantadores, geralmente em dupla ou maior número (raramente um solista), entoam versos, quase sempre setissílabos, rimados aos pares, dispostos em quadras, sextilhas ou estrofes maiores. Uns versos são oriundos da tradição; outros, criados durante a performance. Há ainda a mistura de versos decorados e inéditos, num procedimento que, assim como a utilização de versos inteiramente originais, é entendido pelos praticantes como improviso.

No calango, contam-se estórias (algumas extraídas de folhetos de cordel), discorre-se livremente sobre o meio físico e social, mas o assunto mais recorrente é o desafio, modalidade onde uma série de critérios, variáveis conforme o grupo atuante, determina o vencedor numa disputa encetada através dos versos. Neste aspecto, o calango aproxima-se de outras manifestações musicais brasileiras, como o repente, a cantoria de viola, o cururu e o coco de embolada. O desafio pode ser descrito como um conjunto de práticas que se adaptou a diversos estilos musicais, constituindo ainda um gênero musical, presente na indústria fonográfica na primeira metade do século XX.

No desafio do calango, ocasionalmente, há ganhos materiais, oriundos de prêmios ou apostas entre cantadores ou espectadores, mas são também disputados valores como prestígio, honra, fama, masculinidade e outros atributos sociais. Costuma ocorrer em bares e vendas, onde os praticantes encontram-se, informalmente, para beber e conversar. O calango, com ou sem a modalidade de disputa, é encontrado em praças, festas de casamento, batizados, encontros entre amigos e familiares e outros espaços de sociabilidade semelhantes.

FERNANDES, Daniel Costa. **O calango no vale do paraíba** – estudos etnográficos em duas barras e vassouras (RJ). 2012. 204 f. Dissertação (Mestrado em Música), Rio de Janeiro. Disponível em: http://www. repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/ 11285?show=full. Acesso em 06 set. 2022.

1) Você consegue ver alguma relação dos textos 1 e 2 da atividade I com as informações contidas no texto 3? Explique sua resposta.

2) Você já viu ou ouviu alguém cantando e/ou declamando “calango” aqui em nossa cidade ou na região? Explique sua resposta.

3) Como você avalia as informações trazidas na nossa aula de hoje sobre o calango, enquanto manifestação cultural?

Assim que os alunos responderam às questões, pudemos dialogar a respeito das informações trazidas no texto da atividade dois (02). Na sequência, entregamos um questionário (apêndice A) para cada estudante que já foi quantificado (apêndice B) e qualificado no tópico 3.2 desta pesquisa, intitulado “Contexto da pesquisa: a escola e seus participantes”, pois as informações obtidas por meio deles e as reflexões que realizamos trouxeram dados precisos sobre os estudantes. Como nos fala Freire,

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho e intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Assim, finalizando a aula, após orientar os alunos da turma para se organizarem em grupos de 03 ou 04 integrantes, distribuímos para eles um trabalho de campo, a ser realizado de forma cooperativa. O trabalho consistia em pesquisar, gravar calangos, fazer a transcrição e apresentar em uma aula agendada para a semana seguinte.

Atividade 3 – Pesquisando calangos

Leia todas as recomendações da tarefa a seguir e depois apresente os resultados do seu trabalho.

CARO ALUNO PESQUISADOR,

SUA TAREFA SERÁ A SEGUINTE:

- REUNIR-SE EM UM GRUPO DE TRÊS OU QUATRO COMPONENTES.
- ENCONTRAR ENTRE SEUS FAMILIARES, VIZINHOS OU AMIGOS ALGUÉM QUE SAIBA CANTAR E/OU DECLAMAR CALANGOS.
- PEDIR A ESTA PESSOA QUE CANTE OU DECLAME PARA VOCÊ GRAVAR.
- TRAZER A GRAVAÇÃO PARA A NOSSA AULA DO DIA **18/04/2023** (TERÇA-FEIRA)

Observação: Explique ao "calangueiro" que a gravação que você fez será ouvida apenas em sala de aula e o nosso objetivo é transcrever esta manifestação oral para a escrita e, posteriormente, deixarmos registrado. Tal registro será feito, provavelmente, em um e-book.

Tenham o cuidado de **não** divulgar a gravação (principalmente em redes sociais).

Para tal divulgação, nós precisaríamos da autorização escrita do entrevistado.

Na data marcada para a apresentação dos calangos pesquisados em áudios gravados ou registrados de forma escrita, não foi apresentado nenhum trabalho, pois, conforme relato dos discentes, eles não conseguiram encontrar pessoas que soubessem cantar calangos e pediram um prazo maior para a tarefa. Relataram, ainda, que tentaram realizar a pesquisa consultando o Google, porém não obtiveram sucesso em tal tentativa.

A extensão de prazo para a execução da pesquisa solicitada pelos alunos foi concedida e apresentamos a sugestão de que eles procurassem investigar melhor entre as pessoas mais idosas.

III – Análise das atividades

Após esse primeiro contado, observamos que (A) a recepção dos alunos para a atividade de apresentação da pesquisa e dos calangos pareceu-nos mais movimentada pela curiosidade deles do que por um interesse acadêmico. Os estudantes demonstraram curiosidade na atividade I quando viram-se desafiados a identificar os textos apresentados, reconheceram que as dificuldades que tiveram em nomear o gênero deu-se, principalmente, por se tratar de uma manifestação predominantemente oral da língua; na atividade II, após terem ouvido a professora cantando as cantigas apresentadas nos textos I e II e tendo o contato com o texto informativo que definia os calangos, eles não encontraram dificuldades em relacionar as cantigas com a definição apresentada. No entanto, na atividade III, ao serem impelidos a realizar uma pesquisa sobre os “Nossos calangos”, limitaram-se a obedecer aos comandos e demonstraram certa apatia ao longo da aula.

Em relação à (B) organização da turma para fazer as atividades I e II, como se tratava de atividade coletiva, em que todos poderiam se manifestar apresentando suas opiniões e respostas, houve maior participação dos alunos mais extrovertidos, como geralmente ocorre nesses casos. Muitos deles, porém, permaneceram tímidos e só se manifestaram em atitude de obediência. Na atividade III, como se tratava de uma proposta de pesquisa, os alunos organizaram-se em grupos de quatro ou cinco componentes, com quem demonstravam ter mais afinidade. Ainda assim, alguns componentes desses grupos não tiveram uma participação efetiva em suas equipes.

Sobre a (C) compreensão da atividade, pudemos observar que nas atividades I e II os estudantes encontraram algumas dificuldades, mas foram motivados pela professora regente a participar das discussões e foram impelidos, a todo momento, a apresentar suas respostas, refletir e até mesmo problematizar as questões em estudo. Entretanto, na atividade III, embora eles tivessem demonstrado ter compreendido a proposta de pesquisa no momento da leitura de tal atividade ao final da aula, pudemos observar que eles não tinham compreendido o que era para fazer, no momento das apresentações da pesquisa. Tal incompreensão foi identificada diante do não cumprimento da tarefa de pesquisa pelo entendimento por parte dos

alunos de que eles conseguiriam encontrar os calangos e os calangueiros em uma simples pesquisa no Google.

Nas atividades I e II identificamos (D) problemas com alguns alunos na compreensão de enunciados e, por mais de uma vez, precisamos ler e fazer uma metalinguagem para que esses alunos compreendessem as questões. Na atividade III, o problema foi que os estudantes demonstraram estar habituados a fazer todas as suas pesquisas apenas no Google e que não esperavam que a nossa pesquisa dependeria, nesse momento, exclusivamente, do contato com as pessoas.

Alguns dos alunos comentaram abertamente a respeito desse comportamento, desculparam-se e comprometeram-se a procurar por pessoas que conhecessem os calangos. Essa circunstância foi muito oportuna para refletirmos sobre o comodismo das pessoas (não apenas dos alunos) ao se reportarem sempre ao Google em suas pesquisas e sobre a maneira como tais atitudes podem influenciar no apagamento das tradições culturais em todos os lugares. Três grupos relataram que haviam se esquecido de procurar a tarefa em casa ou na comunidade e, por esse motivo tentaram fazer a pesquisa na internet, mas perceberam que a busca on-line não surtiu nenhum resultado.

Entendemos que (E) na avaliação dos alunos esse primeiro encontro foi esclarecedor. Nas atividades I e II eles demonstraram ter compreendido a importância da transcrição para a escrita de uma manifestação cultural predominantemente oral. Também foi muito interessante discutir o resultado do questionário/ pesquisa aplicado apontando características que possibilitaram perfilar a turma em relação ao calango. Porém, o desfecho final dessa aula, conforme já apresentado nos problemas da atividade III, não foi exatamente o que esperávamos, pois, as gravações de calangos não foram trazidas no prazo combinado.

4.1.2 Produção Inicial

Passado o prazo concedido, os alunos começaram a trazer os calangos pesquisados e gravados em seus *smatphones*. Eles trouxeram em um primeiro momento 07 (sete) calangos. Separamos duas aulas geminadas para fazer com os alunos a transcrição dos calangos.

4.1.2.1 Contato com o calango na fonte

I – Planejamento:

Título da aula:	Calangos do Caparaó: da oralidade à escrita
Descrição:	Trabalho de representação dos calangos com alunos mediado pela pesquisadora e professora regente, a fim de orientar os procedimentos de escrita das cantigas de calango gravadas.
Duração:	03 aulas de 50 min.
Objetivo(s):	● passar as cantigas de calango para o registro escrito da língua; ● evidenciar as características das cantigas de calango ao serem registradas na escrita; ● refletir com os alunos sobre o sentido de cada calango transcrito; ● desenvolver a capacidade de elaborar perguntas pertinentes e úteis para uma entrevista; ● contribuir para que os estudantes mantenham contato com os calangueiros; ● colaborar com a preservação e a divulgação de uma manifestação da tradição local.
Metodologia:	Audição atenta de cada calango. Reflexão constante acerca do sentido de cada cantiga de calango. Elaboração de perguntas para uma entrevista com os calangueiros, partindo das dúvidas e questionamentos que surgiram durante a transcrição dos calangos.
Desdobramentos:	as transcrições dos calangos que foram resgatados pelos estudantes e serviram para dar início ao material composto por eles, intitulado “O calango vai à escola”, que ficou no acervo da biblioteca e foi disponibilizado, ainda, por meio de um link no Canva.
Avaliação:	cópia dos calangos nos diários de bordo; realização da entrevista com os calangueiros; leitura das respostas das entrevistas em roda de conversa na aula.

II – Desenvolvimento:

Atividade I: Orientações para representação escrita

Leiam atentamente as instruções abaixo e, em seguida, inicie a transcrição. De forma colaborativa entre cada grupo.
Cada aluno deve:

- pesquisar na internet e testar aplicativos que possam auxiliar na transcrição;
- ouvir atentamente o áudio quantas vezes forem necessárias para compreender a letra;
- transcrever as palavras da maneira mais fidedigna possível reproduzindo sons, pausas e entonações;
- padronizar a organização dos versos e das estrofes transcritas;
- conferir cada texto ao final da escrita;
- reproduzir cópia das cantigas apresentadas nos áudios para os diários de bordo.

O processo de transcrição iniciou em uma aula e os alunos demoraram uma semana para concluir a escrita de sete calangos, que foram copiados em seus diários de bordo em uma seção intitulada “Nossos Calangos” e socializados com a turma.

Ao transcrever os calangos, muitas foram as oportunidades de aprendizagem e, logo no início da tarefa, percebemos a grande quantidade de variações da língua, comuns à oralidade, presentes nos versos. Eles manifestaram interesse em manter o texto conforme havia sido declamado e/ou cantado pelos calangueiros. Realizamos, portanto, uma transcrição mais fidedigna possível aos áudios trazidos por eles. Uma aluna da turma A disse que “não teria graça nenhuma se a gente corrigisse”. Observamos tais comportamentos e elaboramos uma oficina para, posteriormente, refletir com os alunos a respeito da adequação do uso da linguagem nas cantigas de calango.

Durante as transcrições dos calangos também observamos que, em determinados momentos, devido ao fato de a fala ser espontânea e cantada, nem sempre compreendíamos com facilidade todas as palavras. Por vezes, foi imprescindível fazermos pesquisas a respeito do vocabulário utilizado por alguns calangueiros. Pudemos perceber com isso, que como nos diz Franchi,

> Em vez de isoladas em seus paradigmas flexionais ou subdivididas em suas subclasses (concretos/abstratos, regulares/irregulares etc.) as palavras começam a variar pelas próprias necessidades da recomposição do texto e se começa a compreender melhor o seu valor na sintaxe das orações (FRANCHI, 1992, p. 34).

Nesse sentido, um bom exemplo de estudo de vocabulário foi quando, na transcrição para a escrita do “Calango 6” (ANEXO D), ouvimos os versos: “Minha mãe me deu uma coça/ com galhim de jequiri”. Não sabíamos o que significava a palavra “jequiri” e, em princípio, um aluno da turma B explicou com um sorriso: “Isso aí é ‘variação’, professora! Pra não falar que tá errado, né?”. Outro aluno da mesma turma, pediu autorização para pesquisar no google e, prontamente, permitimos. O aluno pesquisou e disparou: “Como assim? Isso não é mato, é nome de cidade.” E estabeleceu-se um alvoroço na classe. Já que a palavra realmente existia, ela deveria se relacionar com algum tipo de vegetal, visto que, no verso, havia referência a “galhim de jequiri”, que entendemos tratar-se de um “galhinho”. Todos os alunos quiseram pesquisar e, rapidamente, encontraram uma planta com o nome “jiquiri”. Então, a hipótese de que havia realmente uma variação própria da linguagem oral se confirmou e os discentes até arriscaram uma justificativa: “A gente mistura muito o ‘e’ com ‘i’. Ela falou ‘jequiri, mas está se referindo a ‘jiquiri’.” Um deles disse assustado: “Pessoal, pesquisem as imagens! A varinha ‘dele’ é cheia de espinhos! Que mãe é essa, heim? Bateu com vara de espinhos!”. O assunto se estendeu dando margem para comentários sobre essa descoberta e eles fizeram muitas conjecturas sobre a forma de se educar há um tempo. Questionaram sobre a agressão física ser considerada “normal” e constataram a importância das leis que atualmente são colocadas em prática no que diz respeito à proteção da criança e do adolescente.

Ao pesquisar os primeiros calangos e passar os áudios para a representação escrita, percebemos a necessidade de aproveitar o contato com os sete calangueiros encontrados para reunir mais informações sobre esses artistas. Entendemos que seria oportuno realizar uma entrevista com cada um deles com a qual esclareceríamos possíveis dúvidas ainda a utilizaríamos como subsídio para uma de nossas oficinas.

Para que a entrevista pudesse ser realizada em uma aula, os alunos elaboraram as questões que julgaram pertinentes. Nós trabalhamos as sugestões deles e

solicitamos que entrevistassem os calangueiros. Selecionamos as perguntas que seriam úteis para nossas reflexões e as registramos no diário de bordo. Cada grupo de alunos levou um questionário para casa a fim de realizar as entrevistas.

Após a realização das entrevistas, os alunos fizeram a leitura das respostas dos calangueiros para a turma em uma roda de conversas, tecendo comentários do que foi observado e anotado. As informações foram aproveitadas na elaboração de mais uma oficina[14] do Módulo 1.

III – Análise da atividade

Ao concluir esta primeira fase de apresentação da situação e diálogo com os alunos, constatamos que a (A) recepção dos alunos e o envolvimento com a aula de transcrição dos calangos, bem como a elaboração das questões para uma conversa com os calangueiros foi muito proveitosa. A maioria dos estudantes compreendeu a importância do comprometimento com a atividade, cientes de que todo o material produzido integraria o acervo da escola, fornecendo subsídios futuros para outros alunos estudarem os calangos de nossa cidade, utilizando-se de nosso trabalho. No entanto, alguns alunos demonstraram desmotivação, especialmente aqueles que não tiveram contato direto com os calangueiros e, nesta etapa, limitaram-se a copiar o que os colegas trouxeram. Consequentemente, esses alunos também não participaram efetivamente na elaboração das perguntas para a entrevista.

A escolha por (B) organizar a atividade de maneira coletiva durante a transcrição dos áudios trazidos pelos grupos para o registro escrito da língua foi muito pertinente. Observamos uma boa participação por parte dos discentes, que demonstraram foco nas reflexões realizadas e transcreveram as cantigas em seus diários de bordo com capricho e zelo.

No que tange à (C) compreensão da atividade, pudemos observar que o trabalho realizado em conjunto permitiu que os integrantes dos grupos balhasse com mais

[14] A partir desse material, elaboramos a OFICINA 2: “O que nos falaram os calangueiros?”, descrita na seção 4.2.4.

facilidade na compreensão dos áudios ou maior interesse no assunto expondo-se com mais frequência, esclarecendo as dúvidas daqueles que notadamente se mostraram menos interessados.

Identificamos alguns (D) problemas no cumprimento das atividades que necessitaram de ajustes. Os alunos que tiveram seu envolvimento e participação comprometidos na transcrição dos calangos e na elaboração das questões para o segundo contato com os calangueiros foram convidados a conversar com a professora em particular. Nesta conversa, apresentaram suas justificativas e propostas de como poderiam contribuir melhor para a realização do trabalho a partir daquele momento. Especificamente, tratava-se de seis alunos de diferentes grupos. Apresentaram justificativas variadas, mas a proposta de participação na pesquisa apresentada por um aluno foi adotada por unanimidade: a formação de um novo grupo e o comprometimento de que eles encontrariam novos calangos e calangueiros.

Quanto à (E) avaliação da atividade pelos alunos, embora não tivéssemos aplicado nenhuma arguição específica sobre suas percepções das atividades realizadas, foi possível observar que aqueles que participaram ativamente das equipes para coleta dos calangos ampliaram seu repertório vocabular, compreendendo a grande diferença entre textos escritos e falados e como isso pode influenciar a perpetuação ou não dos textos da tradição popular. Já os alunos que não participaram de seus grupos, conforme já relatado, demonstraram desinteresse e apatia. Esse desinteresse foi explicitado por meio das justificativas apresentadas por cada um, e, mais importante, pela proposta de formarem um grupo e participarem com comprometimento a partir de então.

Embora ainda tivéssemos muito trabalho a ser realizado com a turma, recolhemos o material coletado até aquele momento: sete calangos e sete entrevistas com calangueiros, com vistas a planejarmos nossas oficinas para aplicação posterior. Vale observar que, durante o período de dois meses, os alunos, especialmente aqueles que formaram uma nova equipe devido à ínfima participação até o momento, foram incentivados a encontrar mais calangos para transcrevermos no diário de bordo ao retornarmos às atividades da pesquisa.

4.2 MÓDULO 1: DIÁLOGO SOBRE A PESQUISA

Na sequência da nossa pesquisa, combinamos com os alunos e tornamos a busca por calangos uma tarefa contínua. Eles se dedicaram a tal atividade por um período de dois meses. À medida que cada grupo encontrava um calangueiro que pudesse disponibilizar uma cantiga por meio da gravação do áudio, fomos utilizando uma aula semanal para a transcrição destes áudios para o registro escrito. Ao todo, foram apresentados e transcritos vinte e um (21) calangos.

Em uma das aulas dedicadas à transcrição dos calangos durante aqueles dois meses de busca, aplicamos a primeira oficina deste módulo, intitulada “Por que estudar calangos?”. Foi um momento oportuno para refletir e justificar junto aos alunos sobre a relevância da pesquisa. As demais oficinas foram aplicadas apenas ao encerrarmos as transcrições dos vinte e um calangos encontrados.

Os alunos fizeram a pesquisa com a contribuição dos próprios calangueiros e, durante a atividade, constatamos que os calangos não eram da autoria de quem os cantava, pois os próprios cantadores relataram que aprenderam as cantigas com outras pessoas. Ocorreram situações, por exemplo, em que versos cantados por diferentes pessoas eram similares e, em alguns casos, iguais. A partir de tal constatação, fomos enumerando os calangos e, como tratava-se de textos que não apresentavam um título, utilizamos os números do 01 ao 21 para identificar a cantiga de cada calangueiro gravada nos áudios.

O diálogo sobre a pesquisa foi composto por quatro oficinas:

- por que estudar calangos?;
- o que os calangos nos dizem?;
- calangos do Caparaó – valorização e crítica;
- o que nos falaram os calangueiros?.

Todas as oficinas foram elaboradas a partir das informações reunidas na etapa preliminar e das reflexões que já haviam sido iniciadas com os alunos e pelos alunos. Os discentes tiveram oportunidade de participar diretamente da coleta dos

dados e, ao refletir a respeito deles, apontaram questionamentos e opiniões. A problematização desenvolvida no período de sondagem, descrito anteriormente na “Apresentação da situação” e no decorrer do trabalho, tornou-se a matéria-prima para a produção das oficinas.

4.2.1 Oficina 1: “Por que estudar calangos?”

I – Planejamento:

Título da aula:	Por que estudar calangos?
Ações:	Conscientização da necessidade de se fazer o registro escrito das cantigas de calango da cidade de Caparaó. Conceituação de gêneros orais e escritos. Reflexões acerca da diferença do texto oral para o texto escrito. Levantamento das sugestões dos estudantes sobre a maneira como os alunos e a escola podem contribuir para a conservação e a divulgação dos calangos de nossa cidade.
Duração:	01 aula de 50 minutos
Objetivo(s):	● recordar o trabalho realizado na “situação inicial”; ● conhecer as diferenças e as semelhanças entre gêneros orais e gêneros escritos; ● compreender a importância da transcrição para a escrita de gêneros predominantemente orais para a preservação da cultura; ● refletir o papel da escola na divulgação dos calangos.
Conteúdo	leitura; escrita; definição e uso adequado dos gêneros orais e escritos.
Metodologia	aula dialogada com atividade em duplas para responder no caderno de acompanhamento; correção compartilhada: leitura das respostas e reflexão com a turma.
Desdobramentos:	apreciação das propostas de divulgação dos calangos dos alunos para a apresentação dessas sugestões a órgãos e indivíduos que possam ser nossos parceiros como a Secretaria de Cultura Municipal e os gestores das escolas municipais e da própria escola onde realizamos a pesquisa, entre outros.

Avaliação	a avaliação deu-se por meio da participação dos alunos na aula e a correção das respostas registradas no diário de bordo.

II – Desenvolvimento

Esta oficina foi iniciada com uma problematização da aula de “Apresentação do tema ‘Calangos do Caparaó’”. Ela serviu de estratégia para retomar resultados do questionário aplicado e ajudar os alunos a se recordarem de informações anteriores relacionadas à pesquisa.

Atividade 01 – registro e questionamentos.

Leiam com atenção algumas reflexões relacionadas aos nossos estudos sobre os calangos. Vocês lembram destes textos I e II apresentados:

Texto I:

“Meu amigo vem aqui
Que eu vou te perguntá
Quero que você me diga
Quantas pinta tem o gambá

Você qué que eu te diga
Quantas pinta tem o gambá?
Uma na ponta do rabo
E outra na vorta da pá!

Texto II:

“Joguei meu chapéu pra cima
Meu chapéu parou no ar
Eu rezei pro Santo Antõe
E meu chapéu tornou vortá
Eu pedi pineira fina
Me dero pineira pá
Enquanto a pineira chega
O meu chapéu cuô fubá.”

1. “No primeiro contato com esses textos constatamos que nenhum dos alunos conseguiu identificar e “nomear” os textos como **calangos**. Somente dois alunos disseram que leram textos semelhantes: os poemas de cordel. O termo “calango” não foi apresentado por nenhum aluno”. Na sua opinião, por qual(quais) motivo(s) nenhum aluno(a) conseguiu identificar e nomear o gênero “calango”?

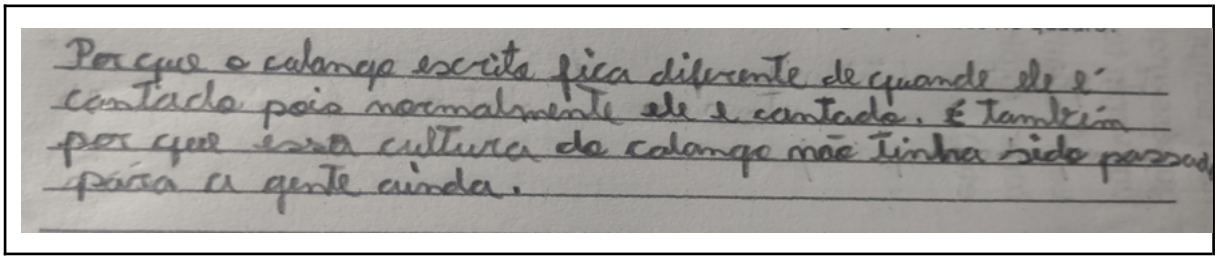
2. De acordo com o filósofo russo Mikhail Bakhtin (1997, p. 280) “gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, os textos orais ou escritos, quando apresentam regularmente as mesmas características, mesmo que tratem de assuntos diferentes, pertencem a um mesmo gênero.
   Exemplos de gêneros orais: canto oral, conferência, homilia (pregação), debate, entrevista profissional.
   Exemplos de gêneros escritos: conto, crônica, notícia, cartaz, bilhete.
   2.1 Considerando essa definição de Bakhtin, o calango pode ser tratado como um **gênero textual?** Justifique sua resposta apresentando características comuns entre os textos de calango.
   2.2 Os calangos seriam gêneros predominantemente orais ou escritos? Explique.
   2.3 Agora, após essas reflexões e retomando o que já começamos a refletir na questão número 1, você compreende que a transcrição dos calangos da tradição oral para o registro escrito da língua seja importante? Por quê?

3. Constatamos que antes da nossa pesquisa nenhum aluno teve contato com textos escritos que remetessem ao calango. Essa informação, motivou uma busca por calangos cantados e/ou declamados por pessoas da nossa comunidade, fizemos o registro gravado e escrito dos textos. Você achou importante essa ação? Por quê?

4. O Material de Apoio Pedagógico para Aprendizagens (MAPA) do estado de Minas Gerais trouxe como conteúdo a “Poesia de Cordel”. A literatura de cordel é uma expressão da cultura popular que teve espaço nos livros didáticos, na arte e na literatura do nosso país. Você acha que o calango também poderia alcançar este espaço? O que poderíamos fazer para motivar a divulgação dos nossos calangos?

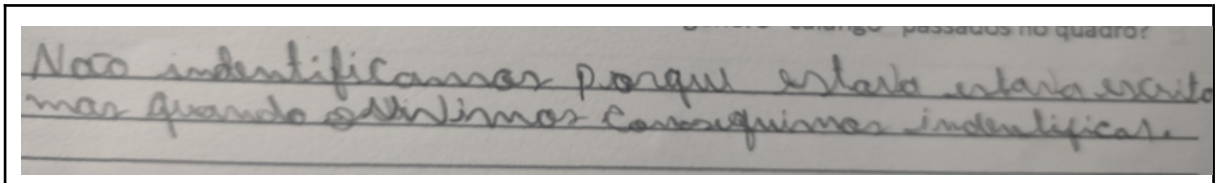
A questão número um (01) desta oficina trouxe um questionamento sobre o qual já havíamos refletido ao analisar as respostas do questionário, mas ela também abriu leque para outras respostas. Ao indagar sobre o(s) motivo(s) que levou(aram) os alunos a não conseguirem identificar e nomear como pertencente ao gênero calango os textos apresentados no primeiro contato da turma com a nossa pesquisa, alguns deles retomaram o que já havíamos discutido, mas outros trouxeram respostas um pouco diferentes. Vejamos algumas das respostas sem a identificação da autoria:

Aluno 01:


Porque o calango escrito fica diferente de quando ele é cantado pois normalmente ele é cantado. É também por que essa cultura do calango não tinha sido passada para a gente ainda.

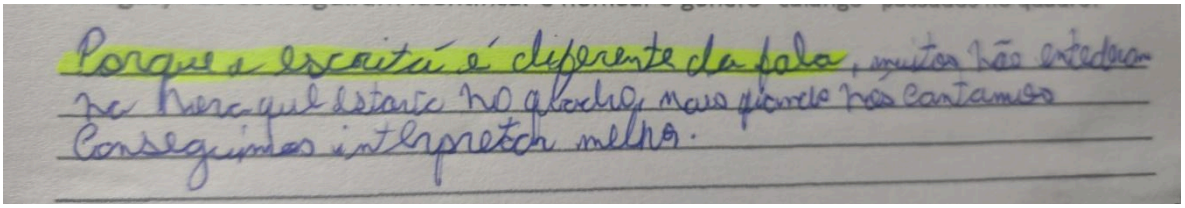
Porque o calango escrito fica diferente de quando ele é cantado pois normalmente ele é cantado. E também porque essa cultura do calango não tinha sido passada para a gente ainda.

Aluno 02:



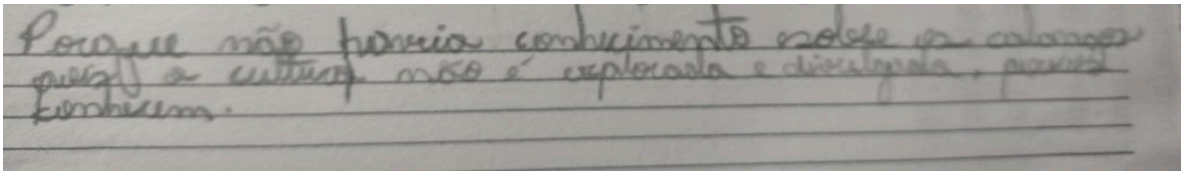
Não identificamos porque estava estava escrito. Mas quando ouvimos conseguimos identificar.

Aluno 03:



Porque a escrita é diferente da fala, muitos não entenderam na hora que estava no quadro, mas quando nós cantamos nós conseguimos interpretar melhor.

Aluno 04:



Porque não havia conhecimento sobre os calangos pois a cultura não é explorada e divulgada, poucos conhecem.

Podemos observar que as três primeiras respostas justificam o não conhecimento dos alunos em relação aos calangos expostos, porque eles compreenderam que um gênero textual predominantemente oral, não será identificado na escrita até que ele comece a ser transcrito e tenha essa transcrição divulgada. Os discentes se recordaram que, assim que o calango foi lido/declamado por alunos da turma e, em seguida, cantado pela própria professora regente, alguns colegas (mais especificamente oito (08), dos quarenta e sete (47) alunos presentes) reconheceram o gênero e observaram que, oralmente, eles já haviam tido contato com tal manifestação.

Em relação à resposta do aluno quatro (04), acima reproduzida, podemos notar que o calango pode não ter sido identificado como tal, pelo fato de que essa manifestação da tradição oral não é divulgada e poucas pessoas a conhecem, haja vista a maior quantidade de alunos (trinta e nove) que relataram jamais terem ouvido esse tipo de cantoria. Nas reflexões em sala de aula, já havíamos discutido a este respeito e a problematização foi trazida novamente para introduzirmos a definição de gênero e estabelecermos algumas diferenças entre os gêneros orais e os gêneros escritos.

Ao responder às perguntas 2.1 e 2.2, todos os alunos concordaram que os calangos, por apresentarem características relativamente estáveis em seus versos, podem ser considerados gêneros textuais e com manifestações predominantemente orais.

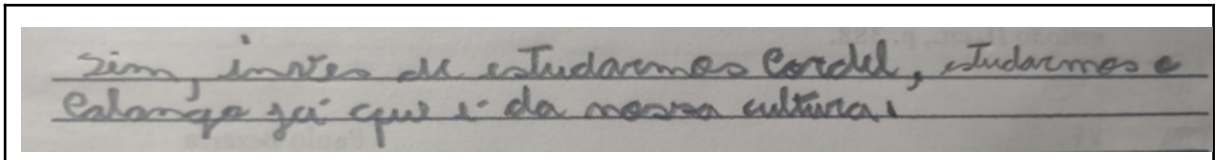
As perguntas 2.3 e 03 tratam sobre a importância da transcrição dos calangos para a escrita e foram elaboradas, intencionalmente, para que os alunos concluíssem quão necessária é a tarefa de pesquisarmos os calangos que ainda existem e transcrevê-los em nossos cadernos para, posteriormente, eles serem divulgados no grande universo da escrita. Nesse sentido, Marcuschi disse-nos

> Creio que se deveria oferecer um ensino culturalmente sensível, tendo em vista a pluralidade cultural. Não se deveria privilegiar o urbanismo elitizado, mas frisar a variação linguística, social, temática, de costumes, crenças, valores etc.
>
> [...] Nessa visão, é possível dizer que a aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional. (MARCUSCHI, 2008, p. 172-173).

A introdução da pergunta 04 traz aos alunos a informação de que o MAPA (Material de Apoio Pedagógico para Aprendizagens) apresenta a todas as escolas mineiras a divulgação da poesia tradicional, porém, a poesia apresentada nesse material é a poesia de cordel, expressão da cultura popular nordestina. Compreendemos que a literatura de cordel já alcançou um nível de divulgação muito alto em todo o país e sabemos que essa manifestação merece espaço para ser estudada em todas as escolas. No entanto, faz-se necessária também a divulgação da poesia tradicional de nosso município. Se não for possível disseminar os calangos por todo o Brasil, que ele seja reconhecido, transcrito para a escrita, ouvido e visto pelo menos por todos os munícipes que, conforme pudemos constatar, já apresenta maioria de pessoas que nunca ouviram nada a respeito de calangos, conforme o relato do aluno quatro (04), anteriormente citado.

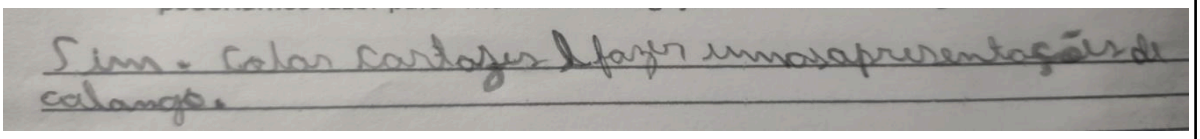
Muitas foram as opiniões e ideias dos discentes diante das desafiadoras questões que compõem a pergunta número 04: “Você acha que o calango também poderia alcançar um espaço na literatura nacional como a poesia de cordel? O que a escola e nós, alunos e professores, poderíamos fazer para motivar a divulgação dos nossos calangos?” Reproduzimos o que alguns alunos responderam.

Aluno 01:



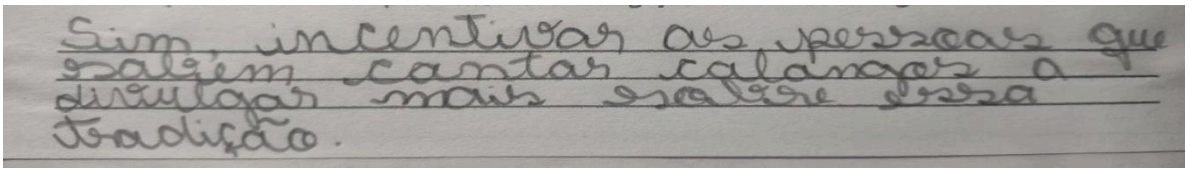
Sim, inves de estudarmos cordel, estudarmos o calango já que é da nossa cultura.

Aluno 02:



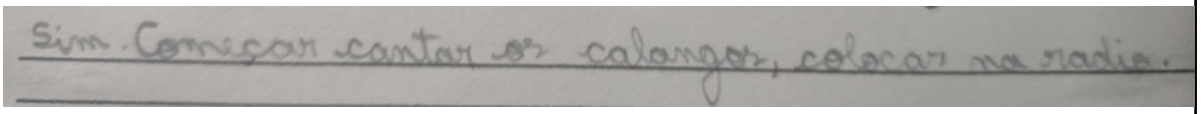
Sim. Colar cartazes e fazer umas apresentações de calangos.

Aluno 03:



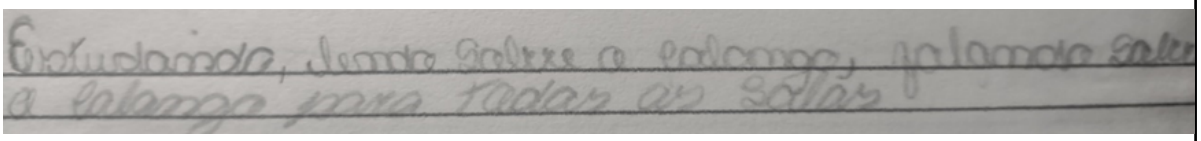
Sim, incentivar as pessoas que sabem cantar calangos a divulgar mais sobre essa tradição.

Aluno 04:



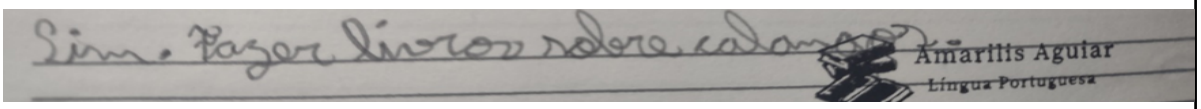
Sim. Começar cantar os calangos, colocar na rádio.

Aluno 05:



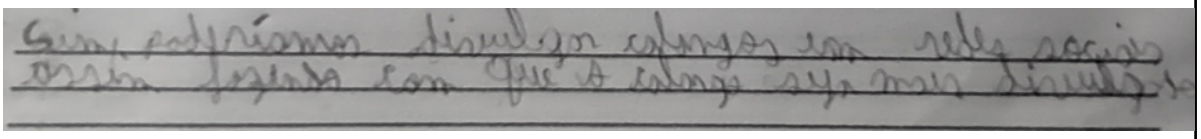
Estudando, lendo sobre o calango, falando sobre o calango para todas as salas.

Aluno 06:



Sim. Fazer livros sobre calangos.

Aluno 07:



Sim, poderíamos divulgar calangos em redes sociais assim fazendo com que o calango seja mais divulgado.

Durante a leitura da resposta da aluna 01, tivemos um diálogo muito proveitoso. Muitos alunos não concordaram com ela e comentaram que o espaço para a divulgação de uma manifestação tradicional não precisa concorrer com o espaço da outra. Elas podem ser estudadas concomitantemente, sem que nenhuma seja descartada. Concluímos que os nossos calangueiros precisam aprender com os poetas de cordel e, em vez de sentir vergonha dos calangos, devem ter orgulho e vontade de divulgá-los. A aluna compreendeu o ponto de vista dos colegas e a orientamos a não modificar sua resposta, visto que teceríamos um comentário a respeito do diálogo que se estabeleceu na sala.

A aula dialogada em que os alunos apresentaram suas respostas a respeito da questão 04 foi muito produtiva e as reproduzidas neste material, são apenas uma pequena parte das mais de vinte propostas para a divulgação dos calangos. Reunidos em duplas, os estudantes sugeriram a divulgação por meio da produção de cartazes; do incentivo às apresentações dos próprios calangueiros, tanto na

escola quanto em outros ambientes; da divulgação através da Rádio Escola[15] com a cantoria dos próprios alunos; do estudo, da leitura e das explicações sobre o calango para todas as turmas; da tecitura de livros; das apresentações em redes sociais, entre outras sugestões que, devido à conveniência, não foram todas citadas neste relatório.

III – Análise da atividade

Ao realizar essa atividade, pudemos observar que a (A) recepção dos alunos com relação à aula demonstrou um alto nível de envolvimento, principalmente nas reflexões acerca da questão de número quatro (04). O diálogo desencadeado pela resposta da aluna 01 evidenciou que os alunos estavam atentos e dispostos a debater, apresentando diferentes opiniões sobre a importância de divulgar manifestações tradicionais na nossa localidade, concomitantemente a outras culturas. A aluna 01, apesar de inicialmente ter apresentado uma resposta bastante restritiva, foi receptiva às críticas construtivas dos colegas, indicando um ambiente de aprendizado colaborativo e respeitoso.

Em relação à (B) organização para fazer a atividade, notamos que ela foi bem organizada, proporcionando um espaço para discussão e troca de ideias. O relato indica que havia um plano claro para analisar as respostas das oficinas, com foco em fomentar um diálogo produtivo. Os alunos foram incentivados a propor sugestões práticas para a divulgação dos calangos, demonstrando que a organização da aula permitiu uma abordagem prática e aplicável do tema na aula. No entanto, nem todas as contribuições e sugestões dos alunos puderam ser relatadas neste material tendo em vista a distribuição dos alunos em duplas, o que nos deu um total de aproximadamente vinte e três respostas, inviabilizando a reprodução de todas. Para uma possível trancrição de todas as respostas dos alunos, talvez tivesse sido mais adequado a formação de grupos um pouco maiores com quatro ou cinco componentes.

[15] Rádio com transmissão para todas as turmas da Escola Estadual Professor Francisco Lentz.

Observamos, ainda, que a (C) compreensão da atividade pelos alunos foi satisfatória. Eles conseguiram captar a essência do debate sobre a valorização e divulgação das manifestações culturais. As diversas sugestões para a divulgação dos calangos – como a produção de cartazes, apresentações, utilização da Rádio Escola e redes sociais – mostram que os alunos entenderam a importância de preservar e promover a cultura local, aplicando esse entendimento de maneiras criativas e concretas.

No que diz respeito aos (D) problemas identificados na resolução da atividade e que precisam ser ajustados, um deles foi a resistência inicial da aluna 01 em relação à opinião dos colegas. Embora ela tenha compreendido e aceitado as críticas posteriormente, é importante reforçar a ideia de que o debate e a divergência de opiniões são naturais e enriquecedores no processo de aprendizado. Além disso, a menção de que nem todas as sugestões puderam ser citadas neste relatório "devido à conveniência" indica uma possível necessidade de melhorar a gestão do tempo e a organização dos grupos para garantir que todas as contribuições fossem aqui relatadas, embora, nas aulas, todas as respostas tenham sido consideradas e debatidas adequadamente.

A (E) atividade foi avaliada positivamente pelos alunos, que participaram ativamente e contribuíram com diversas sugestões criativas para a divulgação dos calangos. A aceitação das sugestões indica um engajamento positivo com a atividade. A autoavaliação, implícita na análise do diálogo e nas conclusões extraídas, sugere que os alunos refletiram criticamente sobre o processo e o conteúdo da atividade. O fato de a aluna 01 não precisar modificar sua resposta, mas sim contextualizá-la com o diálogo ocorrido, demonstra uma abordagem pedagógica que valoriza a discussão e a reflexão coletiva como parte do aprendizado.

Em suma, a oficina 1 “Por que estudar calangos?” mostrou um cenário de envolvimento positivo e produtivo dos alunos, com boa organização da atividade e uma compreensão adequada do objetivo da mesma. As discussão geradas entre os alunos forams oportunidade valiosas para desenvolver o pensamento crítico e a valorização das manifestações culturais. A identificação de pequenos ajustes, como a possibilidade de se formar grupos um pouco maiores para responder as questões

e a inclusão de todas as sugestões no relatório, pode melhorar ainda mais a eficácia de futuras atividades como esta.

4.2.2 Oficina 2: “O que os calangos nos dizem?”

Esta oficina ressalta a importância de refletirmos sobre a linguagem utilizada nos calangos, sobre a organização dos versos e sobre a importância de se manterem as variedades linguísticas, principalmente, para garantir o ritmo e as rimas de cada calango. Para esta atividade, selecionamos três cantigas de calango daquelas transcritas pelos alunos em seus diários de bordo.

Apresentamos a seguir o planejamento da oficina 2.

I – Planejamento

Título da aula:	“O que os calangos nos dizem?”
Descrição:	A aula consistiu na leitura do material proposto, realização das atividades, discussão sobre algumas características dos calangos e correção dialogada das questões.
Duração:	30 minutos.
Objetivos:	● reconhecer as características da voz dos calangueiros manifestada nos diferentes calangos; ● identificar a linguagem utilizada e os conteúdos predominantes em cada calango; ● refletir sobre os temas dos calangos.
Metodologia:	leitura, escrita, uso adequado da linguagem e síntese do tema de cada calango estudado; material impresso; atividade em duplas; respostas nos cadernos de acompanhamento; correção compartilhada: leitura das respostas e reflexão com a turma.
Desdobramentos:	as discussões acerca da linguagem e do conteúdo dos quatro calangos apresentados serviram para introduzir o tema da próxima oficina.
Avaliação:	a avaliação deu-se por meio da participação dos alunos na aula e da correção das respostas registradas no caderno.

II – Desenvolvimento

Reproduzimos a seguir a cópia da atividade que foi fixada em todos os cadernos de acompanhamento dos alunos.

Atividade 1: O que os calangos nos dizem?

Desde o início dessa sequência de atividades, procuramos conhecer quais são os calangos e calangueiros que ainda existem em nossa cidade. Ouvimos áudios e transcrevemos vinte e um calangos. Ao copiar os textos no caderno, procuramos ser fidedignos aos cantos dos calangueiros, principalmente, no que diz respeito às variações linguísticas próprias da informalidade da cantiga tradicional e popular.

Nas representações, quanto à forma de dispor cada verso, optamos por versos mais curtos, o que facilitou na organização das rimas de maneira mais perceptível. Já em relação às estrofes, na maioria das vezes, formamos estrofes de quatro versos, que denominamos quartetos ou quadras. Tal divisão foi baseada tanto no sentido quanto no ritmo de cada calango gravado em áudio.

Releia os calangos 1, 2 e 4 para refletirmos e elaborarmos hipóteses: afinal, o que nos dizem os calangos?

CALANGO 1

Você diz que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que mais mata
É o zóio de alguém.

Subi no alto do morro
Pra avistá o Rii de Janeiro
Avistei o moreninho
Pelo cacho do cabelo.

CALANGO 4

Eu não vou na sua casa
Pra você não ir na minha
Você tem a boca grande
Vai comer minhas galinha.

Prantei um pé de cravo
Na porta do cemitério
Se não for pra casar
Namorar também não quero.

CALANGO 2

Calango tango
No calango do juá
Nunca vi tirar miolo
Na cabeça sem quebrá

Você diz que canta muito
Deixa eu também cantá
Você pra cantá provoca
Eu canto sem provocá.

Sou duro no que é meu
Mas quando os ôtro quer tomá
O que é meu ninguém me toma
Só se eu mesmo quisé dá.

1- Relacione os calangos aqui transcritos a algumas de suas principais características, colocando número dele dentro dos parênteses onde a informação a ele faz referência.

( ) Traz a exaltação da figura do calangueiro e um tom debochado, como quem conversa com o interlocutor e o desafia.
( ) Inicia-se com um tom de agressividade e apresenta estrofes que não tem relação entre si, ou seja, trazem conteúdos completamente diferentes.
( ) Apresenta conteúdo que remete ao amor e ao namoro.

2- No calango 01 o autor diz que os olhos de alguém matam mais do que bala. Considerando o conteúdo da primeira estrofe, podemos afirmar que para o autor os olhos matam porque:
a) o olhar desperta a inveja;
b) o mau olhado ocasiona doença espiritual;
c) é comum depararmos com gente de “olho gordo”;
d) o olhar pode despertar paixão à primeira vista.
Justifique sua resposta:
_____

3- Na leitura do calango 2 encontramos um eu calangueiro, eu lírico, que não demonstra ser:
a) tacanho;
b) convencido;
c) debochado;
d) altruísta.

Justifique com base no texto porque você deixou de assinalar cada uma das outras três respostas.

4- Observando os dois versos do calango 4, marque um dos parênteses e continue a frase.
A ouvir o calango 4 podemos afirmar que o calangueiro ao declamar/cantar os dois versos coloca-se como uma pessoa de atitudes ( ) solidárias / ( ) egoístas / ( ) amistosas, porque...

Corrigimos de forma coletiva apenas a primeira questão da atividade. No diálogo estabelecido durante a sua correção, algumas considerações merecem destaque, como por exemplo, a observação a respeito de uma aparente falta de conexão entre as estrofes na maioria dos calangos. Eles exemplificaram tal situação mostrando outros calangos copiados no caderno, que não foram trancritos nessa atividade e que também apresentavam estrofes que pareciam não demonstrar relação semântica entre si. No entanto, conversamos sobre o assunto e compreendemos que, nas cantigas, há muitas outras formas de se estabelecer conexão como o ritmo, a forma e a performance do cantador, por exemplo.

Foi bastante proveitosa a nossa conversa sobre o tom muitas vezes até agressivo do humor dos calangos. Compreendemos que, por se tratar de uma manifestação apresentada em público, o recurso humorístico é bastante explorado, provavelmente para chamar a atenção e receber um retorno favorável de quem assiste.

Essa oficina foi o ponto de partida para iniciarmos nosso diálogo a respeito do conteúdo dos calangos pesquisados. Compreendemos o valor de cada um deles, entretanto, após as reflexões fomentadas nesse momento, vimos que a valorização deve vir sempre atrelada à criticidade, a propostas de superação de problemas e à importância de lutar contra qualquer tipo de desrespeito ao ser humano.

III – Análise da atividade

Os alunos mostraram um bom nível de (A) recepção e envolvimento com a atividade. Eles não encontraram dificuldades na realização das tarefas propostas e participaram ativamente do diálogo durante a correção. A disposição dos alunos em discutir a falta de conexão semântica entre as estrofes dos calangos e exemplificar a situação com outros calangos copiados no caderno evidenciou o interesse e a atenção deles ao conteúdo apresentado.

A atividade foi (B) organizada de forma eficaz, permitindo a identificação e discussão de questões relevantes, como a coerência entre as estrofes e o tom humorístico dos calangos.

Os alunos demonstraram uma boa (C) compreensão da atividade. Eles conseguiram identificar problemas de haver pouca relação de sentido entre as estrofes dos calangos e discutiram de maneira crítica o tom humorístico presente nas cantigas. A compreensão do valor dos calangos e a necessidade de atrelá-los a uma postura crítica contra qualquer desrespeito ao ser humano foram pontos centrais nas reflexões fomentadas durante a atividade.

Um (D) problema identificado foi a falta de tempo para explorar adequadamente o material dos vinte e um calangos transcritos pelos alunos quando, na oficina 2, analisamos apenas três dessas cantigas. Além disso, a questão da desconexão entre as estrofes dos calangos, embora discutida, ainda representa um desafio a ser enfrentado em atividades futuras. Explorar maior quantidade de textos seria essencial para evitar essas limitações.

A atividade foi (E) avaliada de forma positiva pelos alunos, que participaram ativamente e contribuíram com suas observações críticas. A discussão sobre a falta de relação semântica entre as estrofes e o tom humorístico dos calangos foi proveitosa, evidenciando uma reflexão crítica sobre o conteúdo.

Em síntese, a atividade foi bem recebida e os alunos mostraram um bom nível de envolvimento e compreensão. A organização da atividade permitiu discussões críticas relevantes. Identificaram-se problemas que necessitam de ajustes, principalmente relacionados à necessidade de se explorar maior número de calangos.

4.2.3 Oficina 3: Calangos de Caparaó – Valorização e crítica

Na terceira oficina de nossa pesquisa proporcionamos uma reflexão crítica e reflexiva sobre o racismo manifestado no “Calango 14”. Ao nos depararmos com tal cantiga, a maneira como vínhamos nos referindo ao resgate de tais manifestações culturais mudou significativamente. Antes do "Calango 14" utilizávamos apenas o termo "valorização" da tradição oral ao tratar dos calangos, no entanto, diante do

explícito conteúdo racista presente em tal texto, nossa forma de abordagem precisou ser alterada.

Um dos colaboradores de nossa pesquisa já havia nos orientado sobre os textos coletados na cultura popular, advertindo-nos de que nem tudo que encontrássemos seria digno de valorização e que deveríamos estar atentos ao conteúdo de cada calango. Essa orientação foi confirmada pelo "Calango 14", levando-nos a abordar o tema de maneira mais crítica, tanto em nossos textos quanto na elaboração da oficina desta oficina que tratou especificamente da necessidade de um comportamento que, ao invés de apenas valorizar, dialogasse criticamente com o conteúdo do calango.

Conforme já descrevemos a nossa visão ingênua de um resgate da cultura popular foi transformada. Ela estava voltada para a “exaltação” da cultura – como se ela não fosse, em alguns casos, disseminadora de ideias preconceituosas – porém precisou assumir uma perspectiva crítica e reflexiva, para fazer um novo diálogo desconstruindo pensamentos e, principalmente, fomentando atitudes.

Apresentamos a seguir o planejamento da oficina 3.

I – Planejamento

Título da aula:	“Poesia tradicional – Valorização e crítica”
Duração:	06 aulas de 50 minutos.
Objetivos:	● dialogar sobre o conteúdo racista do “Calango 14”; ● apresentar a opinião de autoridades no assunto acerca de obras que apresentam conteúdo racista; ● trabalhar de maneira interdisciplinar; ● observar o comportamento individual dos alunos em relação ao tema racismo; ● desenvolver a expressão oral por meio de vídeo e declamação dos calangos produzidos.
Metodologia:	leitura do “Calango 14”; produção de um calango antirracista; explicação sobre o uso de rimas finais no segundo e no quarto verso na produção de calangos; elaboração de roteiro de pesquisa; adequação da fala e postura

	nas apresentações orais; leitura e apreciação do poema “Ainda assim, eu me levanto”, de Maya Angelou; reflexão sobre os versos do poema; divisão da turma em grupos de 6 integrantes para execução de uma proposta de pesquisa; proposta de pesquisa sobre temas relevantes relacionados à valorização do negro; produção de vídeos sobre o tema pesquisado; disponibilização de uma aula para pesquisa on-line no laboratório de informática; disponibilização de uma aula para as gravações dos vídeos; apresentação dos vídeos; diálogo crítico sobre cada vídeo produzido pelos grupos; declamações ou canções dos calangos antirracistas produzidos pelas duplas.
Avaliação:	a avaliação deu-se por meio da participação dos alunos nas aulas, correção das produções dos calangos, apresentação dos calangos e o resultado das pesquisas por meio dos vídeos produzidos.

II – Desenvolvimento

Iniciamos a oficina 3 dialogando com as turmas a respeito do calango 14 sobre o qual já havíamos conversado no ato da transcrição do áudio para os diários de bordo. Afinal, difundir um calango com conteúdo racista, não seria uma forma de endossar o preconceito racial? Certamente não era essa a nossa intenção. Portanto, para elaborarmos essa oficina, fizemos pesquisas e constatamos que o racismo “não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural” (RIBEIRO, 2019, p. 14).

Tomamos conciência de que, assim como o aluno que trouxe o calango gravado não foi capaz de perceber a mensagem presente na letra, a calangueira, que o apresentou no áudio, o fez com alegria, como quem se divertia e não prestou a menor atenção no teor preconceituoso do que declamava. O tom natural da apresentação não nos permitiu julgar o aluno nem a calangueira, mas possibilitou compreender que, embora alguns alunos, tenham demonstrado aversão àquelas palavras, a maioria da turma ficou calada. Ficamos, portanto, concientes de que a “a inação contribui para perpetuar a opressão” (RIBEIRO, 2019, p. 14), como aponta Silvio Ameida,

> [...] o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da

> tomada de postura e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2019, p. 52).

O silêncio, portanto, nos tornaria sujeitos ética e politicamente responsáveis pelo racismo. Diante disso, adotamos uma postura ativa, dando voz aos alunos que se indignaram com a letra do Calango 14, pesquisando sobre o assunto e elaborando a Oficina 3. Embora ela não estivesse prevista no planejamento inicial.

Atividade 1: “Calangos do Caparaó – Valorização e Crítica”

Caros alunos(as)

Já conversamos sobre a importância da “valorização” da poesia tradicional de nossa cidade. Até há pouco, “dar valor” e “conferir visibilidade” pareciam ser nossa única meta. Mas deparamos com um calango que exigiu um olhar diferente. Diante do texto, houve até um aluno que sugeriu: “Professora, vamos copiar isso no caderno, não!” Seria cômodo ignorar o texto e dizer: “Esse eu não aceito!”. Mas ele já estava ali... gravado e vivo: assim como está o racismo em nosso país.

Diante de todas essas informações, voltamos a refletir sobre o calango 14. Afinal, devemos ou não manter o texto em nossa pesquisa? Para as educadoras Julia Rosemberg e Bel Santos, acerca de obras que apresentam conteúdo racista, “Não há conteúdo que deva ser escondido ou livro que deva ser queimado, sem provocar uma discussão sobre seus conteúdos”. Portanto, entreguemo-nos à leitura, reflexão e discussão sobre o assunto que não deve ser velado: o racismo no Brasil.

Ainda sobre esse assunto, podemos ler o texto “Preconceito nas entrelinhas” disponível em:

https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/o-preconceito-nas-entrelinhas/

CALANGO 14

Cambalelê
Cambalelá
A casa de nego
Não tem banco pra sentá.

Igreja de nego é venda
Santo de nego é garrafa
Doutor de nego é cachorro
Remédio de nego é cachaça.

Nego não vai à missa
Nem companha procissão
Fica na porta da venda
Fazendo malcriação.

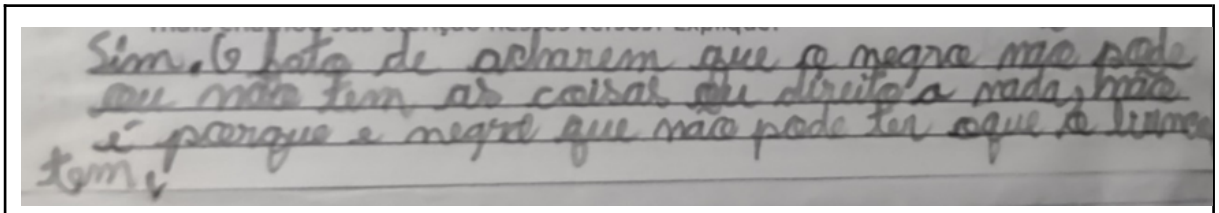
Seu branco compra passagem
O nego compra tamém
Seu branco anda embarcado
O nego corre atras do trem.]

1) - Ao ler este poema, você de incomoda com a maneira como o negro é retratado? O que mais chamou sua atenção nesses versos? Explique.

2) - Na atividade anterior vocês apontaram caminhos para tornar o Calango 14 antirracista. Agoira vocês devem reescrever o Calango, alterando seu conteúdo e fazendo dele um calango antirracista. Observe o esquema de rimas e procure fazer o mesmo em cada estrofe: ABCB.

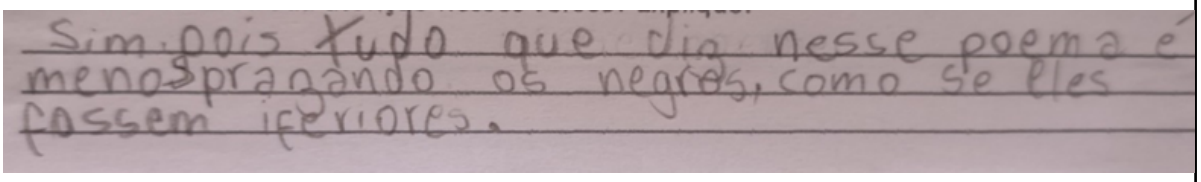
O primeiro questionamento tratou sobre o posicionamento dos alunos acerca da maneira como o negro era retratado no “Calango 14”. Todos eles, após as discussões, responderam que se incomodavam com as palavras utilizadas no texto. Vejamos o que alguns alunos responderam com relação ao que mais chamou a atenção deles naqueles versos.

Aluno 11:



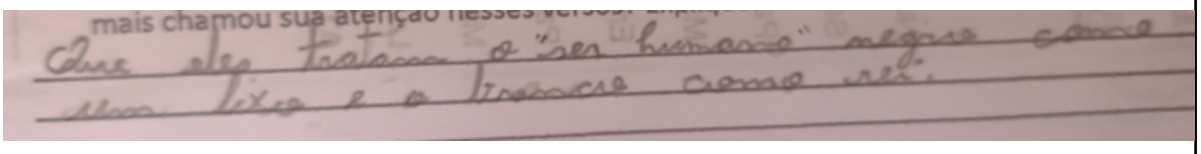
Sim. O fato de acharem que o negro não pode ou não tem as coisas ou direito a nada, não é porque é negro que não pode ter o que o branco tem.

Aluno 12:



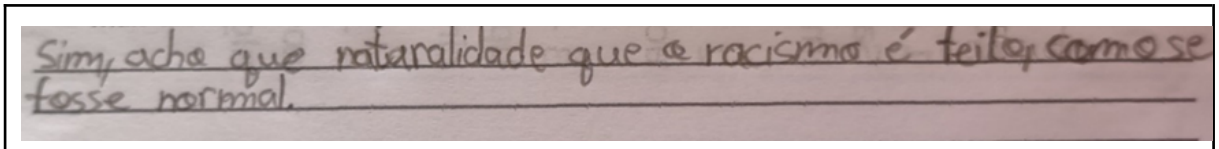
Sim, pois tudo que diz nesse poema é menosprezando os negros, como se eles fossem iferiores.

Aluno 13:



Que eles tratam o “ser humano” negro como um lixo e o branco como um rei.

Aluno 14:



Sim, acho que a naturalidade que o racismo é feito, como se fosse normal.

Os alunos 11, 12 e 13 expressaram sua indignação com a inferiorização dos negros em relação aos brancos. A maioria dos alunos abordou essa perspectiva, utilizando partes do texto que mais os chocaram. A aluna 14, por sua vez, destacou um ponto muito pertinente: a naturalidade com que o racismo é praticado, afirmando que ele ocorre "como se fosse normal". Essa fala foi amplamente discutida em sala de aula e chegamos à conclusão de que o tema precisava ser colocado em pauta.

Dois alunos negros relataram que jamais teriam coragem de reclamar daqueles versos se não tivéssemos colocado o assunto em discussão. Eles mencionaram que sentiriam vergonha de falar sobre "aquilo" (grifamos a palavra devido à perceptível dificuldade de os alunos negros em falarem abertamente sobre o assunto e usarem, sem reservas, o termo "racismo"). Se não tivéssemos dado ênfase e atenção ao fato, eles permaneceriam invisíveis durante a aula.

Em relação à produção de "Calangos Antirracistas" sugerida na questão número dois, os alunos demonstraram grande dificuldade em aliar o que gostariam de expressar ao ritmo e à rima característicos das cantigas de calango. Na aula em que iniciaram a produção, um aluno disse que agora compreendia o motivo de muitos calangos pesquisados por eles não apresentarem muita conexão entre uma estrofe e outra. Segundo ele, fazer um poema com estrofes relacionadas entre si, atentar para um tema específico e, ainda, preocupar-se com o ritmo e a rima é tarefa bastante difícil.

Ao iniciar a produção, muitos alunos ficaram tentados a simplesmente inverter as posições do "negro" e do "branco" no mesmo poema. Fizemos uma pausa nas produções para discutir essa abordagem e chegamos à conclusão de que tal comportamento não poderia ser permitido a nenhuma das duplas produtoras/compositoras. Reproduzir o poema invertendo opressor e oprimido seria

perpetuar a ideia de uma educação bancária combatida por Freire (1994), que em sua obra "Pedagogia do Oprimido" esclarece que, em uma educação que não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. Conversamos sobre o assunto e combinamos que, caso as produções não pudessem atender a todos os requisitos comuns a uma cantiga de calango, seria mais viável faltar rimas ou ritmo do que faltar nosso desejo de um mundo menos opressor e com mais igualdade e respeito.

O resultado dessa primeira produção de calango foi condizente com o que combinamos. Muitas produções não atenderam às rimas e ao ritmo, porém, todas foram pertinentes ao tema proposto: calangos antirracistas. Os alunos fizeram a leitura de seus calangos para a turma e, orientados sobre o fato de que poderiam aperfeiçoar aquela primeira produção, entregaram seus calangos para serem lidos pela professora regente, que os devolveu com as sugestões cabíveis.

Atividade 2: Combatendo o racismo

Agora leia com atenção o poema abaixo. Após uma leitura silenciosa, você ouvirá a declamação do poema pela atriz e apresentadora Brenda Ligia.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J8CFOqyiczY&t=15s

AINDA ASSIM, EU ME LEVANTO
(Maya Angelou, EUA, 1928-2014)

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?

Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Por que eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?

Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.
Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Eu me levanto / Eu me levanto.

Vamos assistir outro vídeo com a declamação deste poema e algumas imagens bastante representativas sobre ele. Vejam que interessante!
https://www.youtube.com/watch?v=J8CFOqyiczY&t=15s

Agora é hora de produzir

Observando as regras abaixo escolha um dos autores sugeridos e trabalhe com um poema ou uma música deles, no(a) qual haja o **tema de luta contra o racismo,** e produza um vídeo simples e significativo. Utilizem um aplicativo da preferência de vocês para fazer as edições. Sugestão: CapCut.

A) Autores sugeridos:
1)- Maya Angelou
2)- Adão Ventura
3)- Conceição Evaristo
4)- Atanael Barros
5)- Solano Trindade
6)- Carolina Maria de Jesus
7)- Victoria Santa Cruz
8)- Gabriel O Pensador.

B) Trabalho: pesquisa e produção de vídeo

C) Participação: grupos 6 integrantes.

D) Organização da pesquisa (roteiro): 1. cada grupo terá um período de 50 minutos da disciplina para se organizar e iniciar a pesquisa na sala de informática. Neste primeiro momento, os grupos deverão traçar um roteiro sobre a elaboração do vídeo: a) seleção do texto ou dos textos e imagens (vídeo(s)) que serão apresentados; b) distribuição do texto para apresentação (qual aluno apresentará o quê); c) distribuição das tarefas para cada

componente: apresentação, gravação, edição, anotação do roteiro... 2. O prazo para conclusão do ROTEIRO será de uma semana.

E) Produção do vídeo

Cada grupo terá um período de 50 minutos para realizar a gravação do vídeo. Os vídeos não deverão ultrapassar o tempo de oito minutos. Todos os componentes do grupo deverão ter participação no vídeo. O poema deve ser declamado no fundo, conforme o exemplo que assistimos. O prazo para entrega dos vídeos gravados e editados será de uma semana.

F) Avaliação

Serão avaliados: 1. roteiro e relatório da participação no grupo; 2. adequação da apresentação ao tema; 3. imagens e/ou vídeos; 4. a performance individual.

Em relação à proposta de pesquisa e produção de vídeos, as escolhas dos grupos referentes aos autores e poemas selecionados foram pertinentes. Apesar de os alunos terem enfrentado dificuldades técnicas na elaboração dos trabalhos, a parte pedagógica cumpriu seu objetivo. Ao final de cada apresentação de vídeo, discutimos as imagens selecionadas e o conteúdo dos poemas. Os vídeos suscitaram interesse, curiosidade e desejo de expressão entre os estudantes.

Cada turma produziu quatro vídeos, que foram exibidos e debatidos em dois períodos de cinquenta minutos cada. Embora os vídeos fossem simples, as discussões resultantes atingiram um nível de reflexão bastante complexo. Um exemplo dessas reflexões foi a apresentação do poema "Meu Rosário" de Conceição Evaristo, que consistiu em um vídeo com imagens de uma das alunas do grupo contemplando um terço, enquanto algumas vozes recitavam o poema. Ao final, discutimos a imposição de valores e crenças de origem europeia e o preconceito que ainda persiste em relação às religiões de matriz africana. Mesmo sem uma preparação teórica específica para tratar da religiosidade, foi possível observar o respeito e o cuidado demonstrados nas palavras dos alunos.

Os estudantes sugeriram uma pesquisa mais aprofundada sobre as religiões de matriz africana para desmistificar ideias preconcebidas. Foi gratificante perceber que os alunos compreenderam que o conhecimento, a informação e a pesquisa ampliam nossos horizontes, despertam nossa consciência crítica e afastam-nos de qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Refletir sobre o racismo presente no "Calango 14", buscar referenciais teóricos sobre o tema, expandir a pesquisa com enfoques antirracistas, produzir calangos antirracistas, além de elaborar e analisar produções de vídeo, foram ações que, visivelmente, modificaram nossa conduta em relação ao preconceito racial e, sobretudo, nos tornaram mais atentos e críticos diante de atitudes racistas.

Embora o tempo de dedicação ao projeto tenha sido comprometido pela introdução de mais uma oficina, compreendemos que nenhum conteúdo previamente programado seria mais pertinente e educativo do que as ações realizadas.

III – Análise da atividade

Os alunos mostraram um alto nível de (A) recepção e envolvimento com a aula, refletindo-se com reações e discussões sobre o "Calango 14". A indignação expressa pelos alunos 11, 12 e 13 e o destaque da aluna 14 sobre a naturalidade do racismo indiciam o engajamento. Os relatos de alunos negros que se sentiram capacitados para discutir o racismo graças à atividade que lhes proporcionou o lugar de fala demonstram que o tema foi relevante e impactante.

A atividade foi (B) bem organizada, com etapas claras que incluíram a discussão inicial, a produção dos "Calangos Antirracistas", e a elaboração e análise de vídeos. A pausa para reflexão sobre a inversão dos papéis de opressor e oprimido foi uma boa estratégia para garantir uma compreensão mais profunda e evitar equívocos na abordagem do tema. A divisão das atividades em sessões específicas também ajudou na organização e no acompanhamento do progresso dos alunos.

Os alunos (C) compreenderam bem a atividade proposta, demonstrado pela análise crítica do "Calango 14" e pela capacidade de relacionar o conteúdo às suas próprias experiências. As dificuldades encontradas na produção dos calangos, especialmente na manutenção do ritmo e da rima, são indicativas do esforço dos alunos para integrar os elementos técnicos da poesia com o conteúdo antirracista, mostrando que entenderam a complexidade da tarefa.

Em relação aos (D) problemas identificados na resolução que precisam ser ajustados, enumeramos:

1. dificuldade na estrutura poética: a complexidade de manter o ritmo e a rima enquanto se abordam temas antirracistas sugere que os alunos precisavam de maior frequência na criação de poesias ou cantigas e necessitavam exercitar a criatividade para operarem com a linguagem com mais autonomia.
2. inversão de papéis de opressor e oprimido: a tentação inicial de apenas inverter os papéis, como sugeriram na oficina anterior, mostrou uma compreensão inicial limitada do problema. Esta questão foi corrigida por intermédio de discussões, mas aponta para a necessidade de um trabalho com escrita criativa mais robusto, desde o início.
3. dificuldades técnicas na produção de vídeos: As dificuldades técnicas encontradas durante a produção dos vídeos indicam a necessidade de melhor preparação e suporte técnico e tecnológico para os alunos.

Os alunos (E) avaliaram a atividade de maneira positiva, demonstrado pelo interesse contínuo em explorar mais a fundo as questões raciais e religiosas. A sugestão de realizar pesquisas adicionais sobre religiões de matriz africana reflete um desejo de continuar aprendendo e desmistificando preconceitos.

No que se refere à (E) autoavaliação, a atividade foi bem-sucedida em termos de engajamento e impacto educacional. Para futuras iterações, algumas melhorias podem ser consideradas, tais como:

- fornecer mais suporte técnico para a produção de calangos e vídeos.
- Incluir uma preparação teórica mais sólida antes das atividades práticas para evitar interpretações superficiais.
- Garantir que haja tempo suficiente para explorar temas sugeridos pelos alunos, possivelmente incorporando esses temas ao planejamento anual com maior flexibilidade.

As atividades realizadas foram altamente eficazes em promover a reflexão crítica e a consciência sobre o racismo entre os alunos. A organização e a execução, embora tenham sido bem planejadas, mostraram áreas para melhorias futuras, especialmente em termos de suporte técnico e preparação teórica. O envolvimento e

a recepção positiva dos alunos são indicadores claros de que tais atividades são essenciais e devem continuar a ser parte integrante do currículo.

4.2.4 Oficina 4: O que nos falaram os calangueiros?

Esta oficina foi elaborada a partir de um compilado das respostas de cinco calangueiros entrevistados pelos alunos. Após as entrevistas, realizamos em sala de aula a leitura das respostas trazidas e fizemos algumas reflexões que foram consolidadas e aprofundadas nesta oficina, cujo planejamento apresentamos a seguir:

I – Planejamento

Título da aula:	“O que nos falaram os calangueiros?”
Descrição:	leitura; interpretação do compilado das respostas dadas às entrevistas realizadas pelos alunos; apreciação, comparação e reflexão sobre as falas dos calangueiros.
Duração:	02 aulas de 50 minutos.
Objetivos:	● obter informações sobre as pessoas que ainda conhecem os calangos; ● conhecer melhor o gênero calango, suas origens, como, quando e através de quais pessoas os calangueiros tiveram acesso a esse gênero; ● refletir sobre os aparentes motivos pelos quais o calango está desaparecendo de nossa cultura; ● incentivar a divulgação dos calangos.
Metodologia:	leitura do material impresso; reflexão oral; registro escrito das respostas.
Desdobramentos:	apreciação das propostas de divulgação dos calangos dos alunos para a apresentação dessas sugestões a órgãos e indivíduos que possam ser futuros parceiros no resgate e divulgação dos calangos como a Secretaria de Cultura Municipal e os gestores das escolas municipais e da própria escola onde realizamos a pesquisa, entre outros.
Avaliação:	a avaliação deu-se por meio da participação dos alunos nas aulas e correção das respostas registradas no caderno.

II – Desenvolvimento

Iniciamos a Oficina apresentando um compilado das respostas dos calangueiros entrevistados. Dois entrevistados não quiseram que suas respostas e considerações fossem divulgadas, portanto, apresentaremos as respostas de cinco cantadores de calango. Reiteramos que a ordem numérica utilizada corresponde as cinco respostas dos calangueiros. Por questão de ética, a identidade dos entrevistados foi omitida.

Compilado das respostas dos calangueiros.

MÓDULO 1: DIÁLOGO SOBRE A PESQUISA
OFICINA 4: “O QUE NOS FALARAM OS CALANGUEIROS?”

Caros alunos e alunas, observem as respostas dos(as) seis calangueiros(as) com os quais conseguimos conversar até o momento às perguntas da entrevista. Sempre iniciaremos com uma pergunta e as respostas serão enumeradas de 1 a 5, de acordo com cada entrevistado, respectivamente. Leiam com atenção para refletirmos, logo em seguida.

1)- Quem é você?

2)- Qual a sua idade

1. uma mulher de 72 anos
2. uma mulher de 57 anos.
3. um homem de 52 anos.
4. uma mulher de 59 anos.
5. uma mulher de 67 anos.

3)- Quando você começou a cantar calangos? Em que época ou fase da sua vida?

1. Oito a nove anos, quando eu era criança.
2. Quando era pequena.
3. Na adolescência, ouvindo os outros cantarem.
4. Acho que desde os meus vinte anos, fase adulta, né.
5. Aos doze anos, na brincadeira de roda na escola.

4)- Com quem você aprendeu a cantar calango?

1. Com minha mãe, eu ouvia ela cantar.
2. Sozinha, às vezes via o pai dela cantar.
3. Com um vizinho amigo.
4. Ah, com meus tios!
5. Com os colegas.

5)- Você já participou de alguma festa em que as pessoas cantavam calango? Se sim, como eram essas festas?

1. Não era bem uma festa, era tipo reuniões de família, iam nas casas com sanfonas, às vezes, e cantavam. E assim era.
2. Não. Já chamaram, mas não foi pois tinha vergonha.
3. Nunca participei, cantei apenas por distração.
4. Sim! Geralmente era em bailinhos, forrozinhos...

5. Não.

6)- Estamos fazendo uma pesquisa para a escola e percebemos que hoje em dia poucas pessoas conhecem o calango aqui no município de Caparaó. O que você acha disso?
1. A entrevistada não tem opinião sobre.
2. Porque às vezes sabem, mas têm vergonha. Então acabam não passando o conhecimento para outras pessoas
3. Acho que os jovens de hoje em dia se interessam por outro tipo de música.
4. Acho que deveriam conhecer mais, né, porque é legal.
5. Eu acho que tem que voltar as brincadeiras na escola, tipo bolinha de gude, amarelinha, roda. Porque é melhor que menino no celular.

7)- Você acha que seria importante os jovens e adolescentes conhecerem o calango? Por quê?
1. Acho que seria bom para ver se eles largam um pouco do celular.
2. Sim. Porque traz conhecimento e pode tirar vários adolescentes e jovens do mundo.
3. Acho que seria interessante eles conhecerem essa cultura dos nossos antepassados.
4. Com certeza. É coisa de época, né, então acho que os mais novos deveriam conhecer, né.
5. Sim. Acho que é importante porque as pessoas sairiam do celula

A comparação e a análise das respostas foi consolidada por meio de sete questões que, em princípio, foram respondidas individualmente pelos alunos e depois foram lidas para a turma e discutidas entre os alunos. Iniciemos pela pergunta número 1.

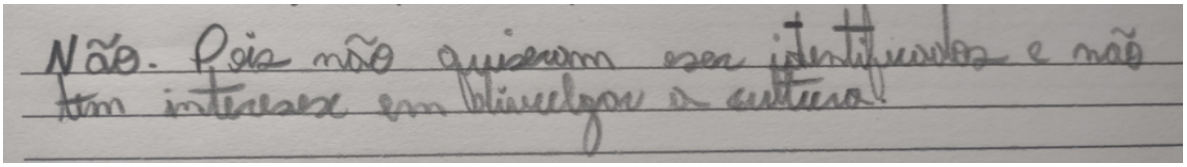
Atividade 1: o que nos falaram os calangueiros?

Questão 1

Um dos grupos de alunos, embora não tenha realizado a entrevista, relatou que os três calangueiros que cantaram os calangos para que eles gravassem disseram que não gostariam de ser identificados. Tratava-se de rapazes de menos de vinte e cinco anos de idade. Eles não especificaram o motivo pelo qual não gostariam de ser identificados. Baseados neste fato e observando as idades dos calangueiros que conseguimos entrevistar, você acha que as pessoas mais jovens sentem orgulho e têm interesse em expandir a tradição dos calangos? Justifique sua resposta.

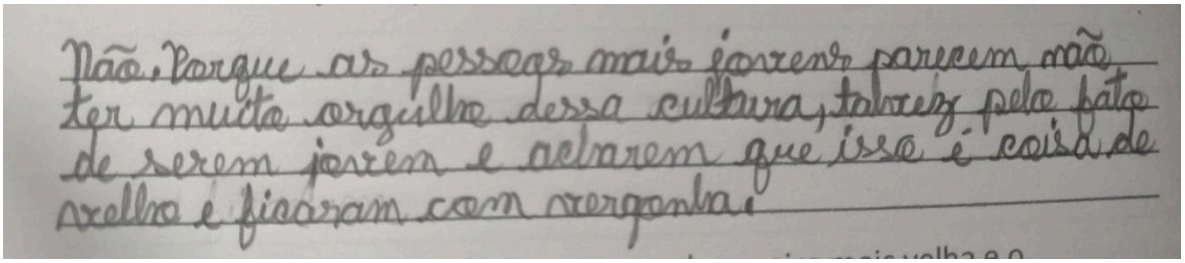
Ao refletirem sobre a atitude dos rapazes que, embora conheçam alguns calangos, preferiram não se identificar e nem gravar entrevista, os alunos compreenderam e responderam que as pessoas mais jovens não sentem orgulho e não têm interesse em divulgar tal tradição. Vejamos algumas respostas.

Aluno 05:



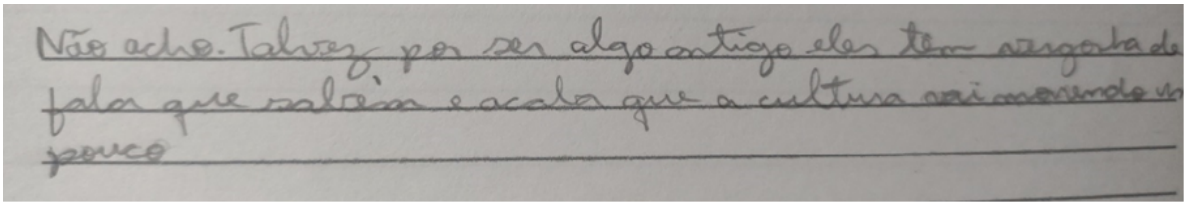
Não. Pois não quiseram ser identificados e não têm interesse em divulgar a cultura.

Aluno 11:



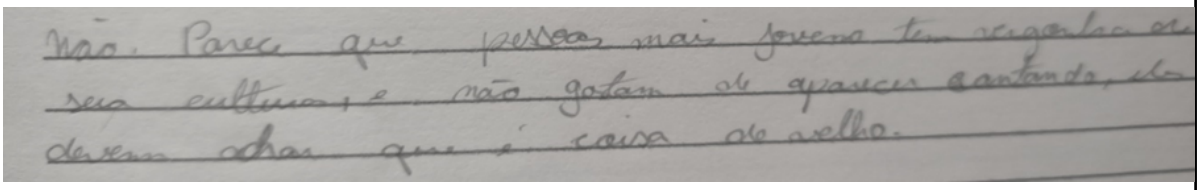
Não. Porque as pessoas mais jovens parecem não ter muito orgulho dessa cultura, talvez pelo fato de serem jovem e acharem que isso é coisa de velho e ficaram com vergonha.

Aluno 15:



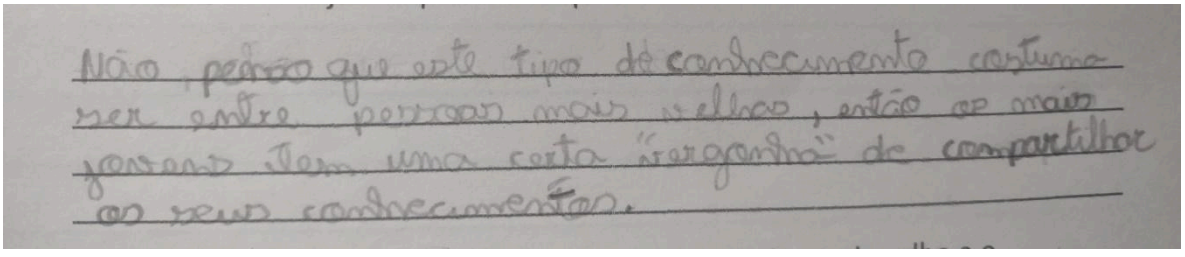
Não acho. Talvez por ser algo antigoeles têm vergonha de falar que sabem e acaba que a cultura vai morrendo um pouco.

Aluno 16:



Não. Parece que pessoas mais jovens têm vergonha de sua cultura, e não gostam de aparecer cantando, eles devem achar que é coisa de velho.

Aluno 17:



Não, penso que este tipo de conhecimento costuma ser entre pessoas mais velhas, então os mais jovens têm uma certa “vergonha” de compartilhar os seus conhecimentos.

Copiamos o relato de cinco estudantes que, como os demais alunos da turma, demonstraram em suas respostas que os calangueiros mais jovens preferiram não ser identificados e evitaram participar da entrevista porque, provavelmente, eles se sentem envergonhados em manifestar tal cultura por se tratar de um gênero artístico-musical pouco conhecido e, na atualidade, praticado, geralmente por pessoas mais velhas.

Compreendemos e discutimos, a partir dessa pergunta e, consequentemente, das respostas, que todas as manifestações culturais tradicionalmente da oralidade tendem a serem extintas se não houver diálogo entre as gerações, isto é, se os jovens não virem e ouvirem os anciãos com respeito e admiração. Um aluno, inclusive, relatou que a sua demora em levar para a aula o calango que o seu próprio pai havia gravado para ele, foi por sentir vergonha em apresentar a performance de um familiar diante da turma. O relato desse aluno motivou vários outros estudantes a contarem experiências com avós, tios e/ou vizinhos idosos que conhecem não apenas o calango, mas também outras manifestações artísticas da nossa cidade que não são divulgadas.

Nas questões dois e três que seguem, observando a diferença de idade, analisamos as semelhanças e diferenças entre as opiniões de um calangueiro mais novo e uma calangueira mais velha.

Atividade 1: o que nos falaram os calangueiros?

Questão 2

Qual é a diferença de idade entre a calangueira mais velha e o calangueiro mais jovem que aparece na entrevista?

Questão 3

Vamos comparar! Observe todas as respostas da calangueira 1 (mais velha) e também todas as respostas do calangueiro 3 (mais jovem).

a)- Aponte as principais **semelhanças** entre a opinião dos dois calangueiros.

b)- Aponte as principais **diferenças** entre as opiniões dos dois calangueiros.

A resposta para a questão número dois foi pontual. Todos os alunos identificaram com facilidade que entre o calangueiro mais jovem e a mais idosa, a diferença foi de vinte anos de idade. Constatamos também, por meio da questão três, que há algumas semelhanças entre esses calangueiros, a começar pelo fato de terem tido contato com os calangos desde a mais tenra idade: a primeira, na infância e o último, na adolescência. Ambos também concordam que seria muito importante que os jovens tivessem a oportunidade de conhecer os calangos, porém, apresentam justificativas diferentes. Enquanto a calangueira mais velha vê nos calangos uma forma de afastar um pouco os adolescentes das telas de celular, o mais jovem pensa na importância de se transmitir a cultura dos antepassados.

Ao analisar as diferenças entre os calangueiros, a primeira observação é o fato de a primeira ter aprendido a tradição na própria família enquanto o segundo, relatou ter adquirido esse conhecimento com um amigo vizinho. Observamos, ainda, que no que se refere à participação em festas nas quais as pessoas cantassem calangos, a mais velha teve a oportunidade de presenciar tais apresentações em eventos familiares, enquanto o mais jovem relatou que nunca participou.

A pergunta número quatro motivou uma reflexão acerca das respostas apresentadas à questão seis da entrevista que indagava aos calangueiros sobre a opinião por eles

apresentada a respeito do fato de poucas pessoas conhecerem os calangos atualmente. Vejamos o questionamento.

Atividade 1: o que nos falaram os calangueiros?

Questão 4

Observe as respostas dos cinco calangueiros à pergunta número 6. Qual dessas respostas mais expressa aquilo que você pensa a respeito do fato de poucas pessoas conhecerem o calango aqui no município de Caparaó? Por quê?

Dos quarenta e cinco alunos presentes no dia da atividade e que responderam à questão 4, vinte e um estudantes apresentaram opiniões semelhantes à opinião da calangueira 02. Essa respondeu: “porque às vezes sabem, mas têm vergonha. Então acabam não passando o conhecimento para outra pessoa”. Muitos desses alunos justificaram dizendo que, ao abordarem as pessoas na rua ou na família para cantarem calangos, perceberam que alguns sabiam, mas esquivavam-se e não admitiam conhecer o gênero por causa da timidez ou da vergonha.

Vinte alunos concordaram com as respostas do calangueiro 03, que disse: “Acho que os jovens de hoje em dia se interessam por outro tipo de música”. Quase a metade dos estudantes compreenderam que os jovens simplesmente preferem outros estilos musicais e por isso não apresentam interesse pelos calangos.

A calangueira 01, que disse não apresentar opinião a respeito do fato de poucas pessoas conhecerem o calango atualmente, foi inspiração para três dos estudantes que tiveram pontos de vista semelhantes ao dela e justificaram dizendo que tudo é muito relativo e que os motivos para tal desconhecimento podem ser os mais variados, não sendo possível apontar apenas uma causa sem um estudo mais aprofundado do assunto.

Um dos estudantes tomou como base a resposta da calangueira 4 e, assim como ela, este aluno compreende que é preciso conhecer mais o calango pois trata-se de uma tradição interessante e agradável.

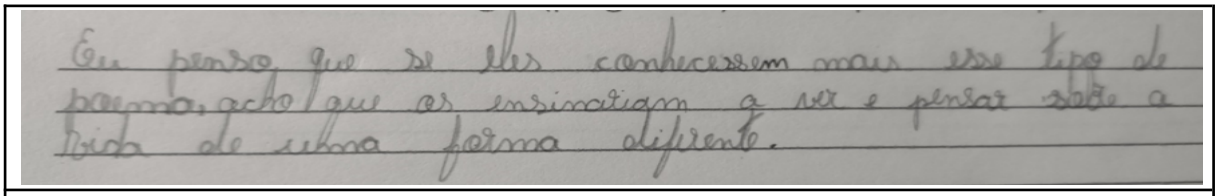
Explicitamos a seguir a pergunta número cinco e as respostas de três alunos acerca de tal questionamento.

Atividade 1: o que nos falaram os calangueiros?

Questão 5

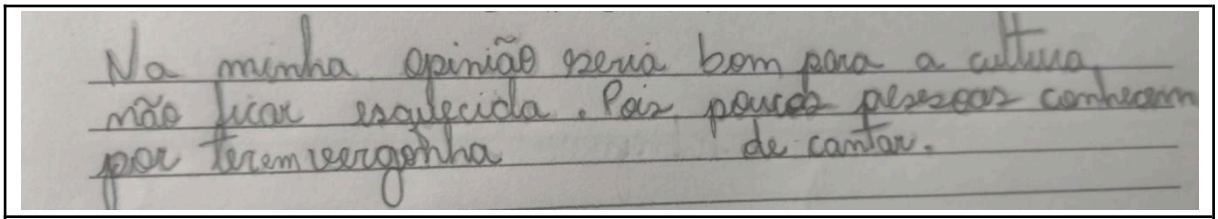
Qual é a sua opinião acerca da importância de os jovens e adolescentes conhecerem os calangos (pergunta 7)? Justifique a sua resposta.

Aluno 04:



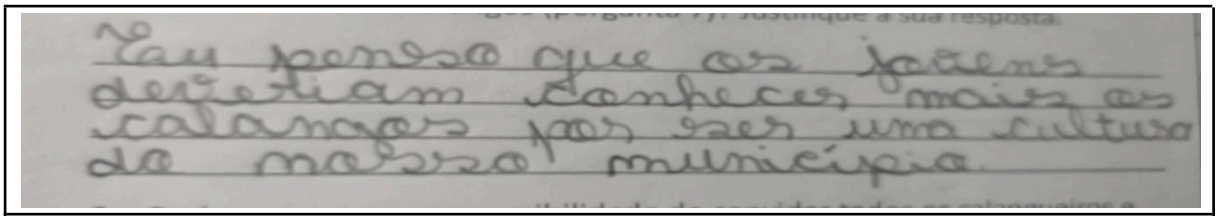
Eu penso que se eles conhecessem mais esse tipo de poema, acho que os ensinariam a ver e pensar sobre a vida de uma forma diferente.

Aluno 05:



Na minha opinião seria bom para a cultura não ficar esquecida. Pois poucas pessoas conhecem por terem vergonha de cantar.

Aluno 06:



Eu penso que os jovens deveriam conhecer mais os calangos por ser uma cultura do nosso município.

Todos os alunos que responderam essa questão demonstraram que compreendem a importância da divulgação dos calangos entre os jovens e adolescentes, veem na disseminação dessa tradição uma forma de valorizar a cultura do nosso município e, sobretudo, o conhecimento das pessoas mais velhas.

Ressaltamos que as aulas desta oficina, bem como as duas oficinas do módulo “Diálogo com a língua” que a sucederam, ocorreram em um período desfavorável à promoção de um evento com a presença dos calangueiros na escola devido às chuvas torrenciais que caíram.

A pergunta número seis da oficina “O que dizem os cangueiros”, foi uma das questões mais discutidas entre os alunos devido à possibilidade de fazermos conjecturas a respeito de um possível encontro entre nós e os calangueiros no ambiente escolar.

Atividade 1: o que nos falaram os calangueiros?

Questão 6

Podemos pensar na possibilidade de convidar todos os calangueiros e calangueiras para virem aqui em nossa escola para sabermos ainda melhor sobre O QUE DIZEM OS CALANGUEIROS. Quais são as suas sugestões para que este momento aconteça? Procure explicitar detalhadamente como você organizaria esse evento.

A questão seis suscitou esperança e fomentou um diálogo construtivo durante a aula de apresentação das respostas. Mesmo cientes de que a nossa "Roda de Calangos" provavelmente não se concretizaria, pudemos solidificar algumas reflexões significativas.

As sugestões dos discentes ultrapassaram o escopo inicial da mencionada "Roda de Calangos" para a difusão e preservação dessa tradição. Os alunos perceberam que, para além da mera divulgação dos calangos, convidar os praticantes representaria uma oportunidade singular para escutarmos os indivíduos que frequentemente são negligenciados e subestimados, embora sejam a fonte onde podemos reconectar-nos com nossas origens.

Apresentamos a seguir algumas respostas escritas dos alunos, ressaltando que a discussão oral revelou-se ainda mais frutífera. Os discentes não encararam as respostas alheias com um viés competitivo, no intuito de encontrar a "resposta correta", mas sim com a intenção genuína de usufruir das contribuições de cada um. As respostas abrangeram sugestões acerca da suposta "roda de calangos",

referentes à questão número 06, bem como a formulação de uma pergunta dos alunos aos praticantes de calango caso houvesse o encontro com os calangueiros.

Atividade 1: o que nos falaram os calangueiros?

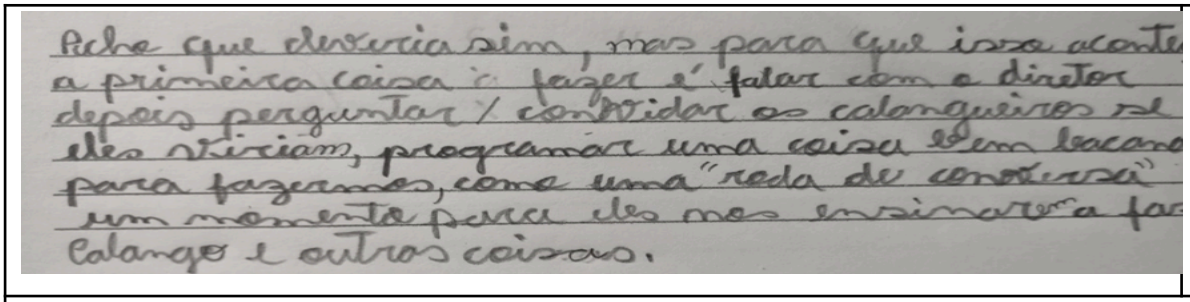
Questão 6

Podemos pensar na possibilidade de convidar todos os calangueiros e calangueiras para virem aqui em nossa escola para sabermos ainda melhor sobre **o que dizem os calangueiros**. Quais são as suas sugestões para que este momento aconteça? Procure explicitar detalhadamente como você organizaria esse evento.

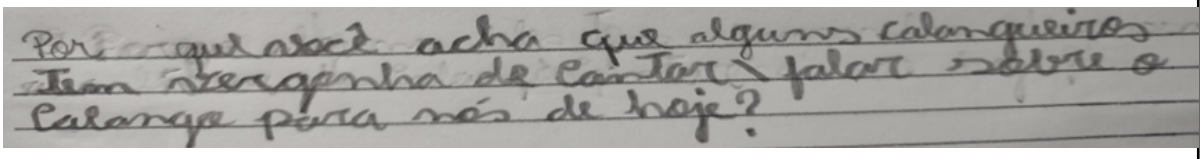
Questão 7

Escreva pelo menos uma pergunta (diferente das questões da entrevista) que você gostaria de fazer aos calangueiros, caso os encontremos.

Aluno 01 resposta à questão 06 e 07:



Acho que deveria sim, mas para que isso aconteça, a primeira coisa a fazer é falar com o diretor, depois perguntar/convidar os calangueiros se eles viriam, programar uma coisa bem bacana para fazermos, como uma "roda de conversa", um momento para eles nos ensinarem a fazer calango e outras coisas.

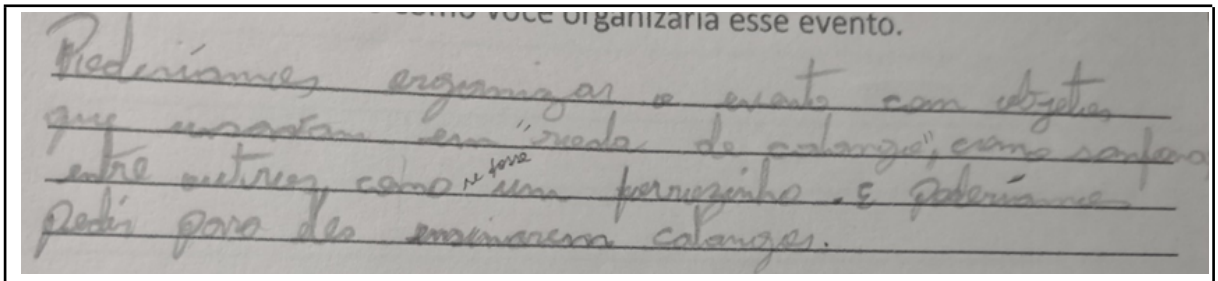


Por que você acha que alguns calangueiros têm vergonha de cantar/falar sobre o calango para nós de hoje?

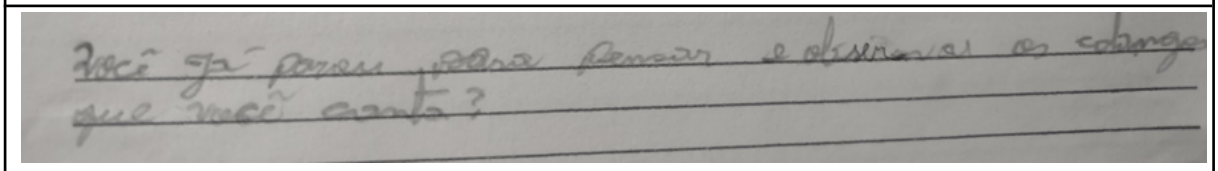
A aluna 1 evidencia seu interesse não apenas na cantiga popular dos calangos, mas também em todo o acervo que os cantadores de calango têm a oferecer em termos de conhecimento, tradição e cultura. Além disso, ela apresenta uma indagação pertinente que, ao abordar a possível "vergonha" dos cantadores de calango em

divulgar sua tradição, também destaca a ausência de conhecimento dessa rica herança cultural por parte das gerações contemporâneas.

Aluno 13 resposta à questão 06 e 07:



Poderíamos organizar o evento com objetos que usavam em “roda de calango”, como sanfona, entre outros, como se fosse um forrozinho. E poderíamos pedir para eles ensinarem calangos.

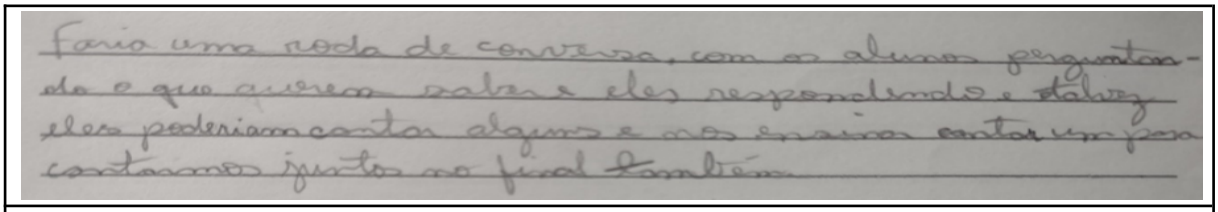


Você já parou para pensar e observar os calangos que você canta?

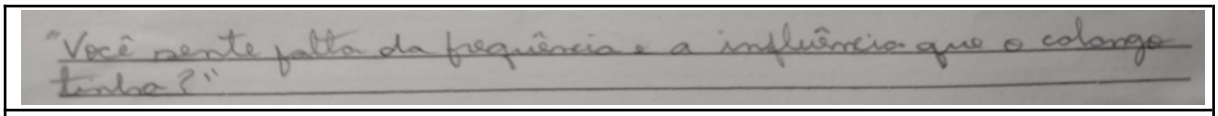
O aluno 13 propõe a realização de uma simulação de uma antiga "Roda de Calangos", com o uso de objetos e instrumentos musicais que evocam tempos passados. Nessa sugestão, o aluno defende que os cantadores devem entoar e ensinar a arte dos calangos a todos os presentes.

Ao formular a indagação, o discente observou que, durante a transcrição dos calangos presentes nos áudios compartilhados pelos colegas, ele percebeu que os cantadores aparentam não atribuir grande importância ao conteúdo das letras. Segundo o aluno, os cantadores parecem priorizar mais o ritmo e as rimas do que o significado do que entoam.

Aluno 15 resposta à questão 06 e 07:

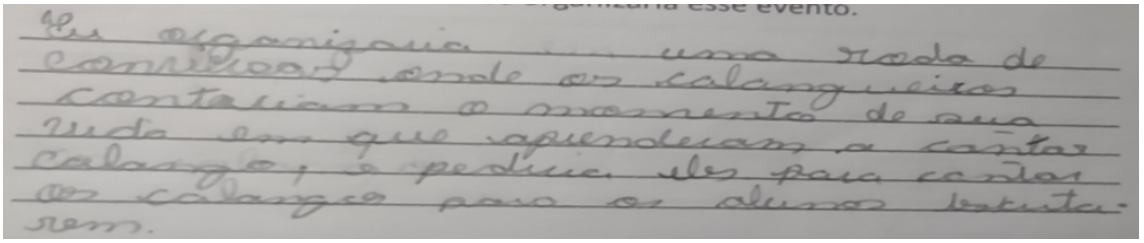


Faria uma roda de conversa, com os alunos perguntando o que querem saber e eles respondendo e talvez eles poderiam cantar alguns e nos ensinar cantar um para cantarmos juntos no final também.

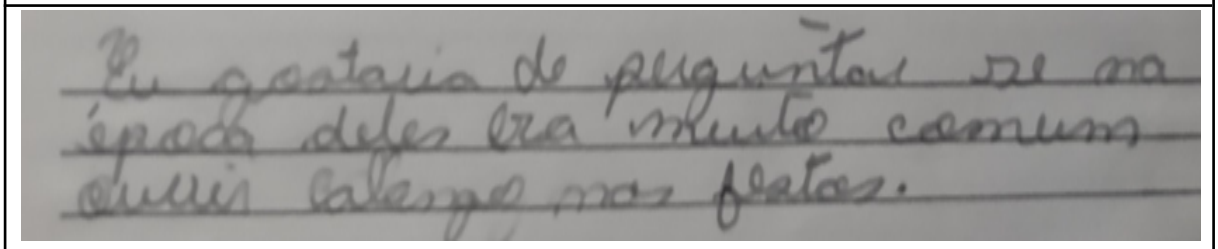


“Você sente falta da frequência e a influência que o calango tinha?”

Aluno 18 resposta à questão 06 e 07:



Eu organizaria uma roda de conversas onde os calangueiros contariam o momento de sua vida em que aprenderam a cantar calango, e pediria eles para cantar os calangos para os alunos escutarem.



Eu gostaria de perguntar se na época deles era muito comum ouvir calango nas festas.

Os alunos 15 e 18, assim como a aluna 1, sugeriram um momento de diálogo e cantoria em que os cantadores e os discentes pudessem interagir e conversar sobre a cultura de nosso município. A pergunta elaborada pela aluna 15 pressupõe que os calangos (gênero poético musical), no passado, além de acontecerem com frequência, exerciam influência sobre mais pessoas. Já a pergunta elaborada pelo aluno 18, em vez de fazer conjecturas, dispara uma dúvida ainda existente: “antigamente era comum ouvir calangos nas festas?”

Os alunos 15 e 18, assim como a aluna 1, propuseram um momento de diálogo e cantoria em que os calangueiros e os estudantes pudessem interagir e discorrer sobre a cultura de nosso município. A indagação elaborada pela aluna 15 sugere que os calangos, no passado, não apenas eram frequentes, mas também exerciam influência sobre um número significativo de pessoas. Por outro lado, a pergunta formulada pelo aluno 18, ao invés de conjecturar, lança uma dúvida: "era comum ouvir calangos nas festividades do passado?".

Ao conversarmos sobre essa pergunta, relembramos as respostas da pergunta número cinco da entrevista e vimos que dois calangueiros relataram que havia apresentações de calangos em festas. No entanto, o aluno manteria a pergunta para saber a resposta dos demais participantes, caso fizéssemos a “Roda de Calangos e Prosa”, como eles sugeriram, oralmente, que deveria ser chamado o evento.

Nossas reflexões sobre os calangos coletados em áudio, a sua transcrição e o contato com calangueiros encerraram o módulo “Diálogo sobre a pesquisa”. Não temos a pretensão de findar este tema, uma vez que, foi impossível concretizar nosso encontro com os cantadores de calango. Entretanto, todo o labor empreendido deve servir como alicerce para futuros trabalhos.

III – Análise da atividade

Os alunos demonstraram um alto nível de (A) recepção e envolvimento com a aula. A discussão sobre a relutância de alguns jovens calangueiros em se identificar como conhecedores de calangos e a vergonha relatada por alguns alunos ao apresentar performances familiares indicam um engajamento significativo. Nesse sentido, Marcuschi diz que

> O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino situado em contextos reais da vida cotidiana (MARCUSCHI, 2008, p. 173).

A disposição dos estudantes em compartilhar experiências pessoais e em participar ativamente das reflexões mostra que o tema foi relevante e impactante para eles.

A atividade, segundo os alunos, foi (B) bem organizada e de acordo com eles ela apresentou uma estrutura clara e etapas bem definidas. Iniciou-se com a leitura e análise das entrevistas, seguiu com a discussão das respostas dos alunos às questões propostas, e culminou com reflexões mais aprofundadas sobre a tradição dos calangos e sua preservação. A comparação entre as respostas dos calangueiros

e a análise das opiniões dos alunos foram bem delineadas, permitindo uma compreensão mais abrangente do tema.

Os alunos demonstraram uma boa (C) compreensão da atividade. Eles foram capazes de identificar e discutir as diferenças e semelhanças nas respostas dos calangueiros, além de refletir sobre a importância da preservação das tradições culturais. As respostas às perguntas indicam que os alunos entenderam as questões levantadas pela oficina e foram capazes de relacionar o conteúdo com suas próprias experiências e conhecimentos.

Notamos alguns (D) problemas identificados na resolução que precisam ser ajustados:

1. A vergonha e o desinteresse dos jovens calangueiros em divulgar a tradição dos calangos foram identificados como problemas significativos. Isso sugere a necessidade de estratégias para aumentar o orgulho e o interesse pela cultura tradicional entre os jovens.
2. A impossibilidade de realizar um evento com a presença dos calangueiros devido a fatores externos (chuvas, transporte escolar, período de provas) foi um obstáculo. Isso indica a necessidade de planejamento flexível e de considerar alternativas, como dar continuidade ao trabalho em outro momento.

Os alunos (E) avaliaram a atividade de forma positiva, demonstrado pelo interesse contínuo em discutir a tradição dos calangos e pelo desejo de organizar um evento, mesmo sabendo das dificuldades. As sugestões para aprofundar o conhecimento e a interação com os calangueiros mostram um interesse genuíno e um reconhecimento da importância cultural do tema.

Em relação a (E) autoavaliação: a atividade foi bem-sucedida em termos de engajamento e impacto educacional. Para futuras atividades, algumas melhorias podem ser consideradas:

- Desenvolver estratégias para aumentar o orgulho cultural e o interesse dos jovens pela tradição dos calangos.
- Incluir alternativas para eventos presenciais e considerar a continuidade no ano subsequente, caso seja necessário.

As atividades realizadas foram eficazes em promover a reflexão crítica e a consciência cultural entre os alunos. A organização e a execução mostraram áreas para melhorias futuras, especialmente em termos de planejamento flexível e estratégias para aumentar o engajamento dos jovens. O envolvimento e a recepção positiva dos alunos são indicadores claros de que tais atividades são valiosas e devem continuar a ser parte integrante do currículo.

4.3 MÓDULO 2: DIÁLOGO COM A LÍNGUA

Conforme informamos no capítulo do referencial teórico, procuramos ancorar as operações de linguagem e as reflexões decorrentes de tais operações nos pressupostos da Teoria das Operações Enunciativas ou Predicativas (TOPE), de autoria do linguista francês Antoine Culioli, por intermédio de autores brasileiros filiados a essa corrente teórica. Portanto, nas atividades relacionadas às cantigas de calango procuramos trabalhar por meio da epilinguagem. Essa nossa opção prevaleceu devido ao nosso entendimento de que a abordagem do tema no ambiente escolar precisava ser mais reflexiva e priorizar o protagonismo dos alunos, com enfoque na criatividade. Foi com essa perspectiva que procuramos elaborar o “Módulo 2: Diálogo com a língua”, composto por duas oficinas; uma relacionada ao “o uso da linguagem na produção de calangos” e a outra voltada à escrita criativa, destinada à “produção de calangos”.

4.3.1 Oficina 01: “A linguagem dos calangos”

A reflexão acerca do uso apropriado da linguagem nas cantigas de calango, durante os estudos da Oficina 01 do módulo “Diálogo com a língua”, revelou-se como um momento propício para a discussão das variações linguísticas típicas de nossa região, comuns entre os moradores de cidades do interior. Foi útil constatarmos que cada termo escolhido para compor os versos do calango é pertinente à situação em

que é empregado, e os alunos perceberam com facilidade que substituir tais termos por palavras mais formais retirava dos calangos toda a sua originalidade, o ritmo, a simplicidade melódica e, em alguns casos, a rima.

Ademais, é possível que tenha sido a espontaneidade com que foram criados que possibilitou que os calangos fossem facilmente memorizados. Uma das conclusões mais instigantes alcançadas pelos discentes foi a percepção de que a simplicidade das palavras e sua perfeita harmonia com os cantadores que as entoam permitiram sua memorização, de modo que, mesmo com pouca prática, os calangueiros recordassem com facilidade diversos versos.

A aula a seguir intitulada “A linguagem dos calangos” tratou sobre a adequação da linguagem nesse tipo de manifestação.

I – Planejamento

Título da aula 1:	“A linguagem dos calangos”
Descrição:	adequação do uso da linguagem em diferentes textos e situações.
Duração:	02 aulas de 50 minutos.
Objetivos:	● identificar as variações linguísticas presentes nos calangos; ● compreender e conceituar linguagem formal e linguagem informal; ● analisar as palavras que sofreram alteração na reescrita do calango; ● refletir sobre o tipo de linguagem que é mais adequado na produção de calangos.
Metodologia:	material impresso; atividade em duplas; correção compartilhada: leitura das respostas e reflexão com a turma;
Avaliação:	a avaliação deu-se por meio da participação dos alunos na aula e da correção das respostas discutidas em sala de aula e registradas no caderno.

II – Desenvolvimento

Atividade 1: reflexão sobre a linguagem dos calangos

Leia com atenção os calangos 1 e 2. Essa atividade pode ser realizada em dupla para que você e seu(sua) colega reflitam juntos sobre o uso da Língua Portuguesa nas cantigas tradicionais de calango.

CALANGO 1

Calango tango
no calango tererá
Nunca vi dançá calango
Sem o corpo balançá.

Na vorta que eu dô no corpo
A garota tamém dá
Eu danço com meia dúzia
Deixo meia discansá

Joguei meu chapéu pra cima
Meu chapéu parou no ar
Eu rezei pra Santo Antõe
E meu chapéu tornou vortá.

Calango do conhecimento popular da cidade de Caparaó

CALANGO 2

RODA DE CALANGO

Pergunta quem é o Fofo
que o Fofo já vai falá
ai ai ai meu Deus me livre
da volta que eu vou te dá [...]
a pergunta eu ensino
a resposta eu não vou dá

a pergunta eu ensino
a resposta eu não vou dá
se chover sessenta dias
quantas gotas de água dá?
o canto do trinca-ferro
não pode com o sabiá
[...]

Ele fez uma pergunta
eu não sei o que eu vou falá
eu já tó é gaguejando
que eu não soube explicá
ele veio perguntando
o que é maximbambá
é um cacho de banana
que eu botei prá madurá.

(Desafio entre os calangueiros Leandro, Fofo e Feijão, respectivamente, do grupo Itakalango, retirado da dissertação de mestrado de Daniel Costa Fernandes*)*

"O calango é uma manifestação cultural, social, poético-musical, performativa, coreográfica e festiva, difundida em algumas áreas dos estados do Sudeste brasileiro. [...].
Calango é desafio; é música de baile; é o próprio baile; é arte de versejar e de cantar estórias rimadas; é, principalmente, um complexo meio de expressão de certas visões de mundo."

Daniel Costa Fernandes[16]

"No calango contam-se estórias, discorre-se livremente sobre o meio físico e social, mas o assunto mais recorrente é o *desafio*, modalidade onde uma série de critérios, variáveis conforme o grupo atuante, determina o vencedor numa disputa encetada através dos versos. Neste aspecto, o calango aproxima-se de outras manifestações musicais brasileiras, como o repente, a cantoria de viola, o cururu e o coco de embolada. O desafio pode ser descrito como um conjunto de práticas que se adaptou a diversos estilos musicais, constituindo ainda um gênero musical, presente na indústria fonográfica na primeira metade do século XX."

Daniel Costa Fernandes

1. Observando as marcas linguísticas dos textos/calangos 1 e 2 e os dados já coletados em nossa pesquisa sobre os calangos, respondam:
   1.1 O que é possível inferir sobre o eu-lírico desses calangos? Vocês acham que, pelas marcas linguísticas, é alguém da área rural ou da área urbana? Justifique.

   1.2 A linguagem utilizada no calango é parecida com a sua linguagem ou de seus amigos e familiares? Explique.

   1.3 á algum termo ou palavra que vocês não conseguem compreender? Se sim, qual (quais)?

2. Você deve ter observado que o calango apresenta muitas variações linguísticas e apresenta palavras que são corriqueiras na linguagem informal. Reescreva o **calango** 1, adequando a linguagem a um nível mais formal.

3. Após reescrever o calango...
   3.1 O que vocês acharam do "calango" escrito com a linguagem formal? Vocês acharam adequado fazer essa "correção"?

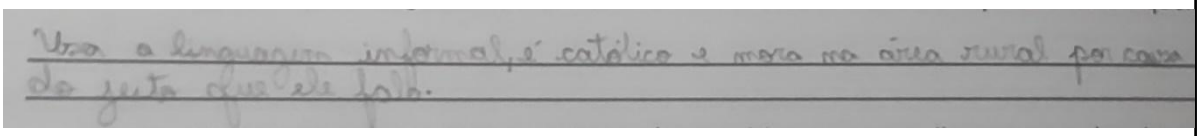
   3.2 Houve alguma recorrência (repetição) de palavras escritas na linguagem informal que você considera comum no seu dia a dia? Se sim, quais foram essas palavras?

   3.3 Se você fosse produzir um calango, você utilizaria a linguagem formal ou a linguagem informal? Por quê?

[16] Daniel Costa Fernandes fez Mestrado em Música na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010 – 2012. As informações descritas nessas atividades são de sua dissertação de mestrado intitulada "O calango no Vale do Paraíba – estudos etnográficos em Duas Barras e Vassouras (RJ)" e trazem informações muito pertinentes a respeito dos calangos. Esse trabalho pode ser acessado no Repositório de Teses e Dissertações da UNIRIO, por meio do link: *http://www.repositoriobc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11285/daniel.fernandes2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y*

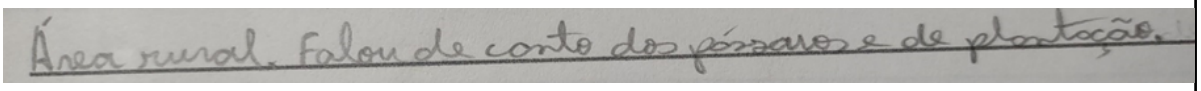
O primeiro questionamento que discutimos está relacionado à identificação e apresentação de possíveis características do eu-lírico, por meio de pistas linguísticas das cantigas de calango. Apresentamos a seguir as respostas de três alunos.

Resposta à questão 1.1 do aluno 07:



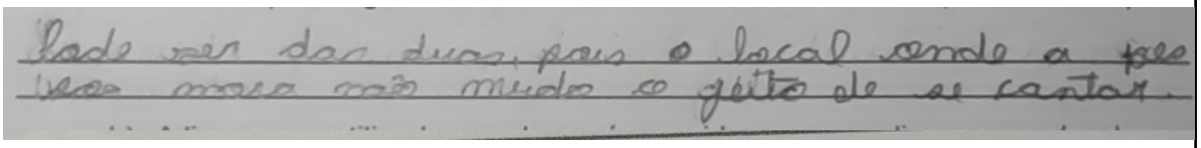
Usa a linguagem informal, é católico e mora na área rural por causa do jeito que ele fala.

Resposta à questão 1.1 do aluno 15:



Área rural. Falou de canto dos pássaros e de plantação.

Resposta à questão 1.1 do aluno 18:



Pode ser das duas, pois o local onde a pessoa mora não muda o jeito de se cantar.

Conforme os alunos 07 e 15, o eu-lírico pertenceria à área rural. O aluno 07 fundamentou sua resposta atribuindo tal conjectura "ao jeito como ele (eu-lírico) fala". O aluno 15, por sua vez, observou os elementos da natureza evidenciados no texto, daí a sua inferência. Já o aluno 18 argumenta que a maneira de cantar de quem reside na área rural ou urbana não apresenta diferenças. Tanto este discente quanto vários outros consideraram o ambiente urbano que conhecem. Alguns até justificaram a ausência de variação entre os dois contextos pelo fato de residirem e/ou conhecerem apenas a cidade de Caparaó, um município com pouco mais de cinco mil habitantes e predominantemente agrícola.

Outra constatação feita pelo aluno 07 foi a identificação do eu-lírico como católico. Embora o estudante não tenha justificado sua resposta por escrito, relatou em sala de aula que os elementos linguísticos que o conduziram a tal conclusão foram as palavras que constituem o verso "Eu rezei pra Santo Antõe". Este verso, além de empregar o termo "rezar" em vez de "orar", atribui a oração a um santo, e não diretamente a Deus.

Em relação à questão 1.2, as respostas dos discentes foram bastante diversificadas. Alguns manifestaram identificação com o modo de falar do eu-lírico, enquanto outros demonstraram total ausência de familiaridade com tal forma de expressão. Houve também aqueles que, embora não se identificassem pessoalmente com esse tipo de linguagem, conhecem amigos e familiares que a utilizam.

As palavras apontadas como mais desconhecidas pelos discentes, conforme a indagação 1.3, foram “tererá” e “maximbambá”. As discussões em torno desses vocábulos revelaram-se instigantes, dado que não encontramos definições para tais termos em compêndios lexicográficos, o que nos permitiu inferir que, aparentemente, em determinadas ocasiões, os calangueiros recorrem a neologismos, visando a não perder a oportunidade de rimar os seus versos.

A proposta de reescrita de um dos calangos utilizando a linguagem formal foi a tarefa da questão 02. Os alunos não encontraram dificuldades em realizar a tarefa, no entanto, não gostaram do resultado. A reflexão após a reescrita, foi muito proveitosa e, embora os alunos não tenham registrado suas respostas por escrito, pois foi uma reflexão oral, algumas considerações precisam ser expressas. Todos os alunos que se manifestaram durante a discussão disseram que não gostaram do calango reescrito em linguagem formal. Chegamos à conclusão de que os textos perdem a essência, ficam sem graça, parecem outro tipo de poema, perdem o ritmo e, em alguns casos, até a rima.

Não foi difícil constatar que os verbos no infinitivo, normalmente, na fala, têm o som da letra “r” suprimido e que isso ocorre de maneira ainda mais acentuada nas cantigas. Esse foi o exemplo de uso recorrente de termos informais mais observado pelos discentes.

Os discentes foram unânimes ao considerar que a linguagem coloquial é a mais apropriada para a composição de calangos. Durante a discussão, alguns afirmaram que, para eles, enquanto adolescentes contemporâneos, a linguagem informal difere da utilizada pelos calangueiros de outrora. Todavia, permanece dentro do âmbito da informalidade. Portanto, caso fossem impelidos a produzir calangos, não o fariam empregando termos eruditos ou uma linguagem formal.

Ao propor a reescrita de um dos calangos utilizando uma linguagem formal da língua, operamos sobre a própria linguagem, comparamos palavras e expressões e experimentamos um novo modo de construir o texto. Nessa “brincadeira” com a linguagem, a reflexão sobre a língua aconteceu espontaneamente.

III – Análise da Atividade

A (A) recepção dos alunos foi bastante positiva, com um envolvimento significativo na discussão e realização das atividades. Os alunos participaram ativamente, apresentando argumentos variados e fundamentados sobre a origem do eu-lírico e a sua identificação religiosa. A diversidade de respostas e a disposição em compartilhar experiências pessoais demonstram um alto nível de engajamento e interesse no tema.

A atividade foi (B) organizada de maneira adequada, com etapas claras e objetivos definidos. A estrutura seguiu uma progressão lógica, começando com a identificação do eu-lírico, passando pela análise da linguagem utilizada, até a reescrita dos calangos em linguagem formal. A organização facilitou a compreensão e a execução das tarefas pelos alunos, promovendo uma reflexão profunda sobre o tema.

Os alunos demonstraram uma boa (C) compreensão da atividade. Eles foram capazes de identificar elementos linguísticos e contextuais que caracterizam o eu-lírico como pertencente à área rural e como católico. Além disso, a reflexão sobre a linguagem utilizada nos calangos e a reescrita em linguagem formal mostraram que os alunos entenderam a essência da linguagem coloquial e sua importância na composição dos textos.

Elencamos a seguir os (D) problemas identificados na resolução que precisam ser ajustados:

1. Alguns alunos consideraram a ausência de variação entre o contexto urbano e rural pelo fato de residirem em uma cidade pequena e predominantemente agrícola. Isso indica a necessidade de explorar mais a diversidade linguística e cultural de outras regiões para ampliar a percepção dos alunos.
2. A dificuldade em encontrar definições para termos como “tererá” e “maximbambá” sugere a necessidade de um maior enfoque na investigação de neologismos e expressões regionais, talvez convidando calangueiros ou especialistas para discutir esses termos em sala de aula.
3. Embora, após a reescrita, a reflexão oral tenha sido proveitosa, a ausência de registro escrito das considerações pode ser vista como um ponto a melhorar. Registrar essas reflexões por escrito ajudaria a consolidar o aprendizado e permitiria uma análise mais detalhada dos pensamentos dos alunos.

Os alunos (E) avaliaram a atividade de forma muito positiva. Eles consideraram a linguagem coloquial essencial para a composição dos calangos e perceberam que a reescrita em linguagem formal fez os textos perderem sua essência e ritmo. A unanimidade na preferência pela linguagem informal reforça a compreensão dos alunos sobre a importância do contexto cultural e linguístico dos calangos. Isso coaduna com o que nos orienta Franchi ao dizer que

> A atuação do educador deve levar a configurar-se situações mais específicas de linguagem, para propósitos também mais específicos e próprios, onde faça sentido a escrita, o relato, a descrição, a argumentação e todos os instrumentos verbais da cultura contemporânea [...]. Em outros termos, há que se criarem as condições para o desenvolvimento dos recursos expressivos mais variados e exigentes que supõem a escrita, o exercício profissional, a participação na vida social e cultural (FRANCHI, 1992, p. 53).

Em relação à autoavaliação, a atividade foi bem-sucedida em envolver os alunos e promover uma reflexão profunda sobre a linguagem e a cultura dos calangos

A atividade foi eficaz em engajar os alunos e promover uma compreensão aprofundada da linguagem e cultura dos calangos. A organização e execução foram bem-sucedidas, mas há espaço para melhorias, especialmente na exploração da diversidade linguística e no registro das reflexões dos alunos. O envolvimento ativo

dos alunos e suas avaliações positivas indicam que atividades desse tipo são valiosas e devem ser continuadas e aprimoradas.

4.3.2 Oficina 2: Produção de Calangos

Refletir sobre a linguagem dos calangos e não só explorar as possibilidades de transformar seus versos, mas também de preservá-los em sua forma original, tornou nossa proposta de produção mais significativa. A primeira criação de cantigas de calangos pelos estudantes ocorreu após o estudo do "Calango 14", quando foram incentivados a compor calangos antirracistas.

Na ocasião, a principal motivação era o tema, embora ainda houvesse pouca familiaridade com o gênero. Ao longo das oficinas, tivemos a oportunidade de ouvir outros calangos, aprender mais sobre alguns calangueiros, experimentar a linguagem formal nos calangos, e perceber a presença e também a ausência de “essência” nos seus versos. Essas vivências amadureceram os estudantes para este momento de criação.

Examinemos agora as propostas apresentadas aos discentes na Oficina 2, intitulada "Produção de calangos".

I – Planejamento

Título da aula 2:	“Produção”
Descrição:	propostas de produção; escrita, definição e adequação do uso da linguagem formal e linguagem informal em diferentes textos e situações.
Duração:	02 aulas de 50 minutos.
Objetivos:	● evidenciar a cultura local; ● escrever com adequação ao gênero proposto; ● compreender e a proposta de produção; ● atender ao tema sugerido; ● produzir calangos com autonomia.
Metodologia:	distribuição da turma em duplas; material impresso; duas opções de propostas de produção de calango; produção de calangos a partir de uma das sugestões

	propostas. Um período para a primeira produção e um período para a reescrita após orientações da professora anotada nas produções.
Desdobramentos:	Todo o material produzido pelos alunos foi divulgado no ambiente escolar por meio de um e-book produzido no Canvas e foram disponibilizadas cópias impressas para os alunos autores.
Avaliação:	a avaliação deu-se por meio do resultado da produção final dos alunos.

II – Desenvolvimento

Para iniciarmos o relato da Oficina 2 intitulada “Produção”, apresentamos a seguir a atividade com as propostas que foram apresentadas aos discentes.

Atividade 1: produção de calangos

Sobre a gênese dos calangos, veja o texto de Fernandes:

> “Uns versos são oriundos da tradição; outros, criados durante a performance. Há ainda a mistura de versos decorados e inéditos, num procedimento que, assim como a utilização de versos inteiramente originais, é entendido pelos praticantes como improviso.”
>
> *Daniel Costa Fernandes*

Conforme vimos ou pudemos apreender, as cantigas de calangos têm algumas características, como:
- é um texto composto em versos e estrofes;
- há preocupação com métrica e rimas;
- os autores não se preocupam com regras gramaticais ou as desconhecem;
- a conexão temática entre as estrofes pode se estabelecer por meio do ritmo, da forma e, até mesmo da performance do cantador;
- os autores se autoelogiam, provocam outros calangueiros ou até, depreciam determinada situação;

- os textos são geralmente curtos para facilitar a memorização.

Observando essas características, escolha uma das propostas de produção de texto abaixo, escreva seu <u>calango</u> e comece a pensar em nosso evento de apresentação ou em nossa roda de calangos!

Proposta 1
Levando em consideração as definições de “calango” apresentadas pelo pesquisador Daniel da Costa Fernandes e tomando por exemplo os calangos estudados, escreva um calango que apresente algumas características da nossa turma. Vamos simular um baile e a sua produção será apresentada em uma roda de calangueiros. Veja um exemplo iniciado pela professora.

Calango tango No calango tererá Essa turma é muito boa Já começo a te fala Só tem gente de primeira Foi por Deus que eu vim pra cá. O Will parece um lord Sabe desenvenená A Isla, maravilhosa, Veem de Pancas pra encantá Joice tem “cor de pele” De quem qué tudo mudá. Mãe Leia é uma lady Não deixa nada falta Fabiana come empada Sem deixa esfarela Monize, “adevogada” Cusinski vai devorá	Eliana é minha irmã Na hora de disserta Irmã por parte de Gomes Que brilhou em me adotá Andreia é uma militante E vai “elisalucindá” Regina, nossa blogueira, Tem muito a nos ensiná Marcella e seu “Pensa em Deus” Me fez rir e até chorá Claudia na pior hora Soube sempre me animá.

Proposta 2
Levando em consideração as definições de “calango” apresentadas pelo pesquisador Daniel da Costa Fernandes e tomando por exemplo os calangos estudados hoje, convide um colega para formar dupla com você e reescrevam o calango antirracista produzido na aula sobre o Calango 14 para tentarmos simular um baile e apresentá-lo em uma roda de calangueiros.

Na reescrita, aperfeiçoe o que você já produziu e, desta vez, procure começar com as iniciais que fazem alusão aos calangos que nós pesquisamos. Exemplos:

Calango tango
No calango da lacraia

Ou

Calango tango
No calango da alegria

Ou

Calango tango
No calango do juá

Ou Calango tango No calango tererá.

Diante das propostas apresentadas, os alunos tiveram um período de cinquenta minutos para a realização de suas composições de calango. Alguns optaram por formar duplas, enquanto outros optaram pela elaboração individual de seus textos. A despeito da aula destinada a essa produção, fez-se necessária a reescrita, a qual foi realizada em uma aula subsequente. Como ressaltou Franchi acerca da produção escrita,

> [...] interessa, e muito, levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas lingüísticas disponíveis para suas mais diversas opções. Sobretudo quando, no texto escrito, ele necessita tornar muitas vezes conscientes os procedimentos expressivos de que se serve (FRANCHI, 1992, p.20).

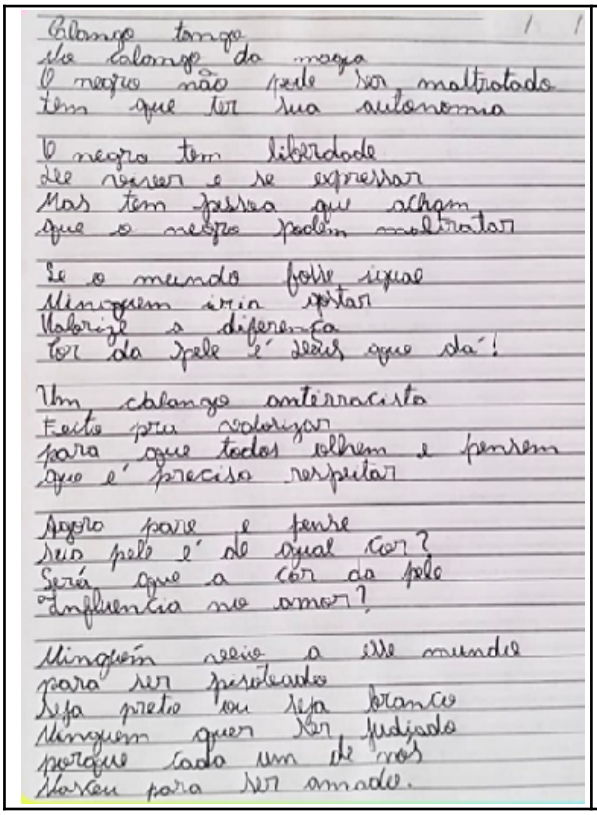
O desfecho desse processo resultou em 21 (vinte e um) calangos que foram reunidos em uma coletânea com o título "O calango vai à escola"[17].

A título de ilustrar os resultados reproduzimos a seguir 03 calangos:

Aluno(a) 01:

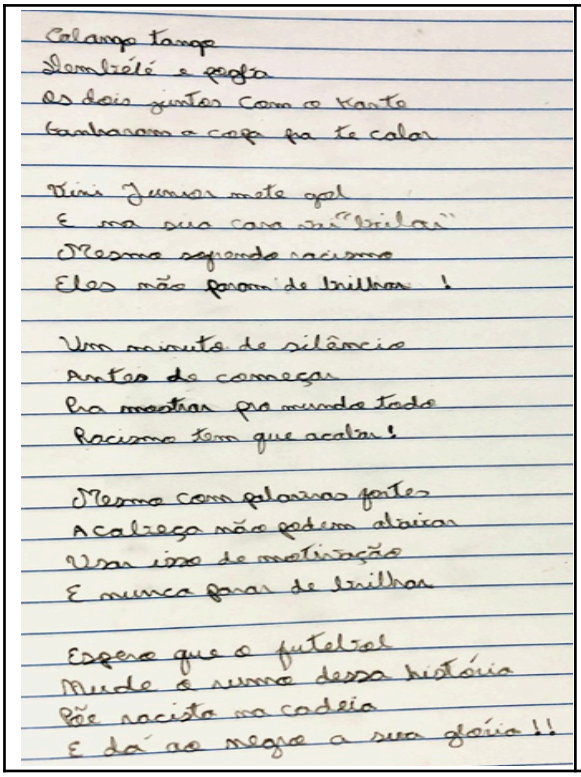
	Calango tango No calango da magia, O negro não pode ser maltratado Tem que ter sua autonomia. O negro tem liberdade De viver e se expressar, Mas tem pessoas que acham Que o negro podem maltratar. Se o mundo fosse igual Ninguém iria gostar Valorize a diferença Cor da pele é Deus que dá! Um calango antirracista Feito pra valorizar Para que todos olhem e pensem Que é preciso respeitar . Agora pare e pense: Sua pele é de qual cor? Será que a cor da pele Influencia no amor?

[17] Disponível em: https://www.canva.com/design/DAF8migjZPw/ncTjHstqh1bGQqD9gQrBUw/edit . Acessado em 04 jun. 2024



Ninguém veio a esse mundo
Para ser pisoteado,
Seja preto ou seja branco
Ninguém quer ser judiado,
Porque cada um de nós
Nasceu para ser amado.

Aluno(a) 02:



Calango tango
Dembélé e Pogba
Os dois juntos com Kanté
Ganharam a copa pra te calar.

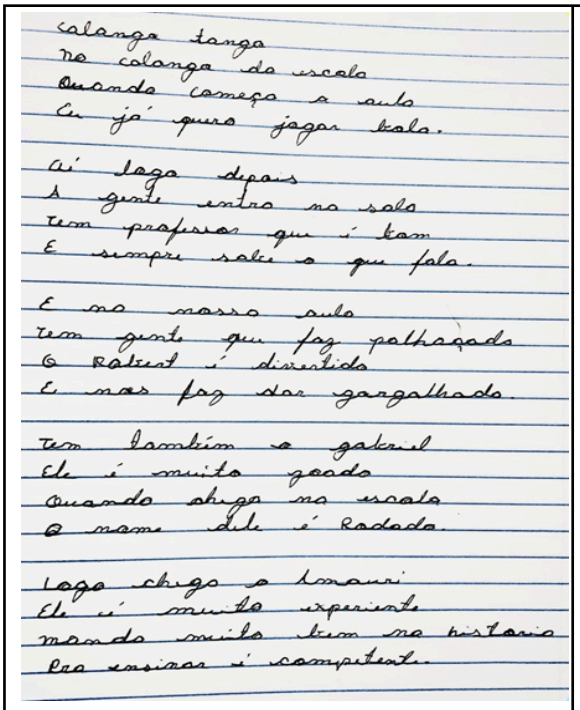
Vini Júnior mete gol
E na sua cara vai “bailar”
Mesmo sofrendo racismo
Eles não param de brilhar!

Um minuto de silêncio
Antes de começar
Pra mostrar pro mundo todo
Racismo tem que acabar!

Mesmo com palavras fortes
A cabeça não podem abaixar
Usa isso de motivação
E nunca para de brilhar.

Espero que o futebol
Mude o rumo dessa história
Põe racista na cadeia
E dá ao negro a sua glória!

Aluno(a) 03:



Calango tango
No calando da escola,
Quando começa a aula
Eu já quero jogar bola.

Aí logo depois
A gente entra na sala,
Tem professor que é bom
E sempre sabe o que fala.

E na nossa aula
Tem gente que faz palhaçada,
O Robert é divertido
E nos faz dar gargalhada.

Tem também o Gabriel,
Ele é muito zoado,
Quando chega na escola,
O nome dele é rodado.

Logo chega o Amauri,
Ele é muito experiente,
Manda bem na história,
É um professor excelente.

Nos calangos confeccionados pelos discentes 01 e 02, os autores elegeram a segunda proposta, cujo tema foi objeto de discussão e proposição durante a oficina

intitulada "Calangos do Caparaó – valorização e crítica". Naquela ocasião, os calangos antirracistas produzidos foram inspirados por um calango de teor racista, conforme previamente mencionado. Importa notar que algumas das produções, como as aqui reproduzidas, não se limitaram a mera paródia do "Calango 14", mas representaram um desabafo dos discentes, valendo-se de cenas e situações de racismo no contexto do futebol, conforme retratado na figura 36, e de versos habilmente elaborados que contemplam reflexões pertinentes ao tema, como evidenciado no verso "Agora pare e pense/sua pele é de qual cor?/ Será que a cor da pele/ Influencia no amor?".

Ademais, é importante mencionar que, a maioria dos discentes optou pela primeira proposta e elaborou calangos nos quais delinearam traços gerais de suas respectivas turmas, bem como de seus colegas mais próximos, destacando sobretudo atributos positivos.

III – Análise da atividade

Os alunos demonstraram um alto nível de (A) envolvimento e receptividade durante a atividade. O fato de alguns optarem por trabalhar em duplas enquanto outros preferiram a elaboração individual indica um ambiente de autonomia e colaboração. A produção de calangos, especialmente com temas relevantes como o antirracismo, refletiu um envolvimento significativo, evidenciado pelas discussões e reflexões aprofundadas sobre o conteúdo.

A (B) organização da atividade foi bem estruturada. Os alunos receberam um período de cinquenta minutos para a composição inicial dos calangos, com uma sessão subsequente dedicada à reescrita e aprimoramento. A orientação individualizada fornecida pela docente, registrada em cada calango, facilitou a reescrita e ajudou a direcionar os alunos para melhorar suas produções. A elaboração do e-book "O calango vai à escola" como produto da atividade é um excelente exemplo de organização e valorização do trabalho dos estudantes.

Os alunos demonstraram uma (C) compreensão clara da atividade proposta. A escolha consciente entre trabalhar em duplas ou individualmente e a capacidade de criar calangos que não apenas parodiavam o "Calango 14", mas que também expressavam desabafos sobre situações de racismo, indicam uma compreensão profunda das expectativas e objetivos da atividade. A capacidade de integrar reflexões críticas sobre temas sociais importantes em suas produções evidencia essa compreensão.

Ainda identificamos alguns (D) problemas na resolução da atividade. Embora ela tenha sido bem-sucedida, alguns ajustes poderiam ser considerados para melhorar futuras implementações:

1. Apesar de o período de cinquenta minutos ser adequado para a primeira versão, talvez seja útil proporcionar mais tempo ou sessões adicionais para a revisão e reescrita, permitindo uma análise mais detalhada e aprofundada das produções.

2. Considerar a inclusão de uma sessão específica para discutir as escolhas de linguagem e estilo nos calangos, ajudando os alunos a entenderem melhor as implicações dessas escolhas em suas produções.

A (E) avaliação da atividade pelos alunos parece ter sido positiva. A produção dos calangos antirracistas e a elaboração de um e-book demonstram que os estudantes valorizaram a oportunidade de expressar suas reflexões e criatividade. A autoavaliação dos alunos pode ter se beneficiado de uma sessão dedicada à reflexão sobre o processo de criação, reescrita e a importância dos temas abordados, oferecendo uma oportunidade para os alunos compartilharem seus insights e experiências de aprendizagem.

A atividade foi bem-recebida e os alunos se envolveram profundamente, demonstrando compreensão e reflexão crítica. A organização foi eficaz, embora pequenos ajustes possam otimizar ainda mais o processo. A produção final, refletida no e-book, indica uma valorização da atividade tanto por parte dos alunos quanto da docente, consolidando um aprendizado significativo e relevante.

Com a conclusão desta oficina, encerramos o relato de resultados das atividades realizadas na nossa pesquisa empírica. Algumas das oficinas aqui trabalhadas compõem o nosso produto educacional em forma de ebook com o título “As cantigas de calango na sala de aula: atividades de leitura e escrita com a cultura do Caparaó”, que é parte constitutiva desta pesquisa. No ebook as oficinas foram reestruturadas a partir de sugestões dos alunos e de questões observadas por nós durante o trabalho com elas na pesquisa empírica.

O produto traz alguns textos teóricos de orientação, dicas para o usuário, atividades envolvendo os calangos e uma coletânea de calangos recolhida por nós e os alunos durante o trabalho de campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este trabalho, colocamo-nos diante deste problema de pesquisa: como explorar os calangos em sala de aula para evidenciar a cultura local, trabalhar a oralidade e enfrentar as dificuldades na leitura e produção escrita? Embora tivéssemos certa noção das dificuldades inerentes ao trabalho com manifestações da tradição oral no contexto escolar, não previámos o quão desafiador seria concretizar o projeto na prática. Inicialmente, houve resistência dos alunos, que preferiam pesquisar na internet ao invés de buscar informações diretamente com as pessoas. Depois enfrentamos a relutância de alguns cantadores de calango, que, mesmo cientes de que poderiam contribuir significativamente com seus conhecimentos, hesitaram em compartilhá-los.

Diante dessas barreiras, é possível afirmar que nosso objetivo foi alcançado. A nossa pesquisa obteve significativos avanços no que tange à exploração dos calangos em ambiente escolar, possibilitou-nos evidenciar a riqueza cultural da Região do Caparaó e trouxe materialidade para o trabalho com a linguagem por meio das atividades orais nas entrevistas, nos depoimentos e na participação dos debates. Pudemos fazer operações com e sobre a linguagem nas leituras, nas escolhas lexicais para socializar com a turma o resultado das pesquisas e nas produções, sobretudo, na produção escrita ao tornar os alunos autores de calangos. Dessa forma, os objetivos específicos delineados foram em boa parte atingidos, principalmente com a imersão no universo dos calangos e elaboração de práticas pedagógicas enriquecedoras.

A despeito das limitações com que deparamos, a pesquisa propiciou o aprofundamento sobre a origem, características e peculiaridades dos calangos como expressão cultural, bem como promoveu reflexões acerca da linguagem em uso, cultura e análise linguística. Além disso, propiciou a elaboração de uma sequência de atividades e possibilitou a produção de um e-book consolidando uma sistematização das práticas pedagógicas em forma de produto educacional.

Embora circunstâncias alheias a nossa vontade tenham impedido a realização da "Roda de Calangos e Prosa" e algumas oficinas correlatas ao planejado, os resultados representaram um marco no contexto educacional, contribuindo para a valorização da cultura local e para experimentar estratégias de trabalho com a língua capazes de motivar os alunos, de criar na sala de aula uma maneira de fugir das aulas monótonas, recheadas de normatizações e de exercícios mecanizados.

Compreendemos, portanto, a premente necessidade de dar continuidade a esse trabalho, a fim de concretizar as metas provocadas e almejadas pelos envolvidos com a pesquisa – tanto docentes quanto discentes – as quais se desdobram em duas tarefas a serem realizadas: 1. a efetivação de uma “Roda de Calangos e Prosa”, eventualmente seguida pela publicação dos calangos resgatados e concebidos pelas turmas participantes; e 2. a concepção e implementação de, no mínimo, mais três oficinas correlatas ao módulo 2 visando um diálogo mais eficaz com a língua por intermédio de atividades epilinguísticas para que sejam feitos uso ainda mais amplo dos calangos resgatados pelos alunos, bem como daqueles por eles produzidos.

Estamos cientes de que esta pesquisa representa para nós apenas o ponto de partida para uma abordagem mais ampla dos calangos em sala de aula, visando evidenciar seu valor cultural e explorar, por meio deles, a oralidade, a leitura e a produção escrita de alunos. Como pesquisadores, temos convicção de que não podemos exaurir um tema. No entanto, é possível destacá-lo e assim fizemos ao introduzir os calangos na esfera escolar.

Com a nossa pesquisa, conferimos tratamento pedagógico a um gênero textual marginal, inexistente nos livros didáticos, na produção acadêmica e nos documentos normativos da política nacional. Retiramos as cantigas de calango de um lugar de apagamento e conferimos a elas um tratamento de modo a transformá-las de um saber social a um saber escolar, objeto de ensino. A sistematização de um saber cultural mostra nosso comprometimento com a educação. Nesse sentido, ecoa em nossa prática as palavras de Freire:

> Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. (FREIRE, 2022, p. 25)

Uma questão orbitava nossa prática, isto é, como explorar os calangos nas aulas de Língua Portuguesa se eles não faziam parte do universo letrado dos livros? Por isso esta pesquisa trouxe-nos um pouco de alento quando nos mostrou que, na educação, especialmente no ensino público, somos nós mesmos – professores e alunos – que temos que lutar contra o silenciamento de culturas originárias e mostrar nossas tradições por meio da palavra falada pela voz do povo e escrita pelas nossas mãos. E, mais uma vez, retomamos Freire

> [...] para compreender a “cultura do silêncio”, é necessário primeiro fazer uma análise da dependência como fenômeno relacional que dá origem a diferentes formas de ser, de pensar, de expressar-se, as da cultura do silêncio e as da cultura que “tem uma palavra” (FREIRE, 1979, p. 34).

O que precisamos é escutar atentamente o outro, mesmo quando ele disser timidamente que “não quer falar”. Perceber o silenciamento disfarçado de “vergonha”, colocar o texto do pobre e do preto no papel e gritar esses versos na praça e, ao fazer isso, ver o “senhorzinho vergonhoso”, que não teve coragem de cantar o seu calango para uma pesquisa da escola do seu neto, abrir um sorriso confortável e dizer: “Nossa, ficou bonito! Até que calango é bonito, né...”.

Valeu a pena!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

ASSIS, Maria da Penha Ferreira de. Oralidade e ensino. In.: **_____. Língua portuguesa:** quando ensinar e aprender se conjugam juntos. No prelo: UEMG, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática**: opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1985.

BOAS, Franz Uri. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOAS, Franz Uri. **Antropologia cultural**. Textos selecionados, apresentação e tradução, Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida SP: Ideias & Letras, 2006

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. /Ouro sobre azul, 2004. Disponível em: antonio-candido-o-direito-a-leitura.pdf (usp.br) Acesso em: 29/05/2024.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTANHI, Yaralice Fabri Pereira. **A leitura de mundo em humanidades:** discutindo os preconceitos com operações de linguagem na educação de jovens e adultos. Disponível em: https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/74/DISSERTA%c3%87%c3%83O_Leitura_de_Mundo_em_Humanidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 18/07/2022.

COSTA. André Willian Jardim da. **Calangos e calangueiros**: um canto marginal no caminho do ouro/ André Willian Jardim da Costa. – 2018. 98 f. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/7204. Acesso em 06/09/2022.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FÁVERO, Leonor Lopes e ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira e AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita:** perspectiva para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

FERNANDES, Daniel Costa. **O calango no vale do paraíba** – estudos etnográficos em duas barras e vassouras (RJ). 2012. 204 f. Dissertação (Mestrado em Música), Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11285?show=full. Acesso em: 06/09/2022.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. Trabalhos em Linguística Aplicada, 1991. p. 05 – 45. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4199956/mod_label/intro/FRANCHI_Criatividade_e_Gramatica_1992.p df. Acesso em 17/07/2022.

FRANCHI, Carlos; FIORIN, José luiz; ILARI, Rodolfo. **Linguagem**: atividade constitutiva - teoria e poesia. Org. Eglê Franchi, José Luiz Fiorin. São Paulo: Parábola, 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_ liberdade.pdf. Acesso em: 24/01/2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 42. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Arquivo em PDF. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Conscientiza%C3%A7%C3%A3o_pp.5-19.pdf. Acesso em: 25/01/2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Arquivo PDF. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5019418/mod_resource/content/1/Pedagogia%20da%20Autonomia%20-%20livro%20completo.pdf. Acesso em: 25/01/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Arquivo em PDF. Disponível em https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1992-pedagogia-da-esperanca. pdf /view. Acesso em: 25/01/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. Arquivo em PDF. Disponível em: https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna %C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 24/01/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Arquivo em PDF. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 24/01/2023.

GERALDI, João Wanderley. **A linguagem em Paulo Freire**. Apresentado nas Conferências Plenárias, no IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado na cidade do Porto em Portugal, durante os dias 19 e 22 de setembro de 2004. Artigo disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3918. Acesso em: 12/04/2023

GERALDI, João Wanderley. **Atividades epilinguísticas no ensino de língua materna**. Revista de Humanidades e Letras ISSN: 2359-2354 Vol. 2/ Nº. 1/ Ano 2015. Disponível em;

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, Antônio Carlos. **As operações de linguagem com a marca "quando".** 2007. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras "Júlio de Mesquita Filho", Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/1146.pdf. Acesso em: 10/09/2022.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, C., Brasil, E., Maia, E., Casazza, I., & Serva, M. (2019). **"Calango tango no calango da lacraia"**: Intelectuais, Cidadania e Cultura Política. *Revista Cantareira*, (14), 2009. Recuperado de https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27857

RAMALHO, Maria José da Silva. **Em busca dos tesouros de Ceará-Mirim:** (re)escrevendo histórias, valorizando culturas / Maria José da Silva Ramalho. – 2017.106f.: il. Disponível em file:///C:/Users/F5TECH/Desktop/MariaJose DaSilva_DISSERT.pdf. Acesso em: 18/07/2022.

REZENDE, Letícia Marcondes. **Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa**. Revista do GEL, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/136/116. Acesso em: 12/04/2023.

REZENDE, Letícia Marcondes. **A indeterminação da linguagem e o conceito de atividade no ensino de língua materna**. São Paulo: Estudos Linguísticos, p. 707-714, 2011. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1331. Acesso em: 17/04/2023.

REZENDE, Priscila. **Antropologia cultural.** Curitiba/ PR: IESDE, 2009.

SCHNEIDER, Sabrina. **O apagamento da oralidade na historiografia da literatura brasileira.** Porto Alegre: Letrônica, v.2, n.2, p.262, dez. 2009. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/ view/5711 Acesso em: 06/04/2023.

SODRÉ, Cristiane Santana. **Língua e cultura trançadas na palha:** relação entre ensino-aprendizagem e representações identitárias em Porto do Sauípe, Entre Rios, Bahia / Cristiane Santana Sodré. - 2011. 183 f.: il. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8588/1/Cristiane%20Santana%20Sodr%c3%a9.pdf. Acesso em: 18/07/2022.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo.** Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS – 13 de abril de 2023

Aluno(a): _____

Onde você mora? ( ) Área urbana ( ) Área rural

1) Você já viu ou ouviu alguém cantando e/ou declamando “calango” aqui em nossa cidade ou na região?

( ) Sim ( ) Não

Caso sua reposta tenha sido “não”, você não precisa responder as questões 1.1, 1.2 e 1.3. Mas caso tenha sido “sim”, responda 1.1, 1.2 e 1.3.

1.1 Onde você viu ou ouviu calango?

( ) na área urbana de Caparaó
( ) na área rural de Caparaó
( ) Em outra cidade. Qual?

1.2 Tratava-se de quantos cantadores?

( ) Apenas um
( ) Mais de um. Quantos?

1.3 Você gostou do que ouviu?

( ) Sim. Por quê?
( ) Não. Por quê?

2) Antes das informações trazidas nesta pesquisa e aula de hoje, você já havia lido algum texto sobre o calango, enquanto manifestação cultural, no ambiente escolar?

( ) SIM ( ) NÃO

Caso sua reposta tenha sido “não”, você não precisa responder a questão 2.1. Mas caso tenha sido “sim”, responda 2.1.

2.1 Qual foi a situação em que o texto sobre “calango” foi apresentado?

( ) Por algum professor, na aula de _____(matéria/ disciplina).
( ) Em alguma atividade coletiva, como “Momento Cívico”, por exemplo.
( ) Outra situação. Qual?

APÊNDICE B – RESULTADOS DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS – RESUMO DAS RESPOSTAS – 8º ANO B

Aluno(a): _____

ONDE VOCÊ MORA?
(**23 alunos**) ÁREA URBANA (**24 alunos**) ÁREA RURAL

1)- Você já viu ou ouviu alguém cantando e/ou declamando "calango" aqui em nossa cidade ou na região?
(**8 alunos**) SIM (**39 alunos**) NÃO

Caso sua reposta tenha sido **"não"**, você não precisa responder as questões 1.1, 1.2 e 1.3. Mas caso tenha sido **"sim"**, responda 1.1, 1.2 e 1.3.

1.1 Onde você viu ou ouviu calango?
(**3 alunos**) Na área urbana de Caparaó.
(**4 alunos**) Na área rural de Caparaó.
(**1 aluno**) Em outra cidade. Qual? Carangola.

1.2 Tratava-se de quantos cantadores?
(**4 alunos**) Apenas um cantador de calango.
(**4 alunos**) Mais de um cantador de calango. Quantos? 2 cantadores.

1.3 Você gostou do que ouviu?
(**7 alunos**) Sim. Por quê? Aluno 1: "Porque foi engraçado."
Aluno 2: "Porque foi engraçado."
Aluno 3: "Melodia interessante."
Aluno 4: "Porque é bem legal e muito massa."
Aluno 5: "Porque é bem interessante."
Aluno 6: "As rimas são engraçadas".
Aluno 7: "Porque é legal de se ouvir".

(**1 aluno**) Não. Por quê? Não justificou.

2)- Antes das informações trazidas nesta pesquisa e aula de hoje, você já havia lido algum texto sobre o calango, enquanto manifestação cultural, no ambiente escolar?
(**Nenhum aluno**) SIM (**47 alunos**) NÃO

Caso sua reposta tenha sido **"não"**, você não precisa responder a questão 2.1. Mas caso tenha sido **"sim"**, responda 2.1.

2.1 Qual foi a situação em que o texto sobre "calango" foi apresentado?

( ) Por algum professor, na aula de _____(matéria/disciplina).

( ) Em alguma atividade coletiva, como "Momento Cívico", por exemplo.

( ) Outra situação. Qual? _____ .

APÊNDICE C: PERGUNTAS ELABORADAS PARA ENTREVISTA COM OS CALANGUEIROS

Entrevista: calangos e calangueiros

1)- Qual é o seu nome? Você é mais conhecido por algum apelido? Se não se importar, também registraremos seu apelido. Mas se preferir, podemos não citar tanto o nome quanto o apelido.

2)- Qual é a sua idade?

3)- Quando você começou a cantar calangos? Em que época ou fase da sua vida?

4)- Com quem você aprendeu a cantar calango?

5)- Você já participou de alguma festa em que as pessoas cantavam calango? Se sim, como eram essas festas?

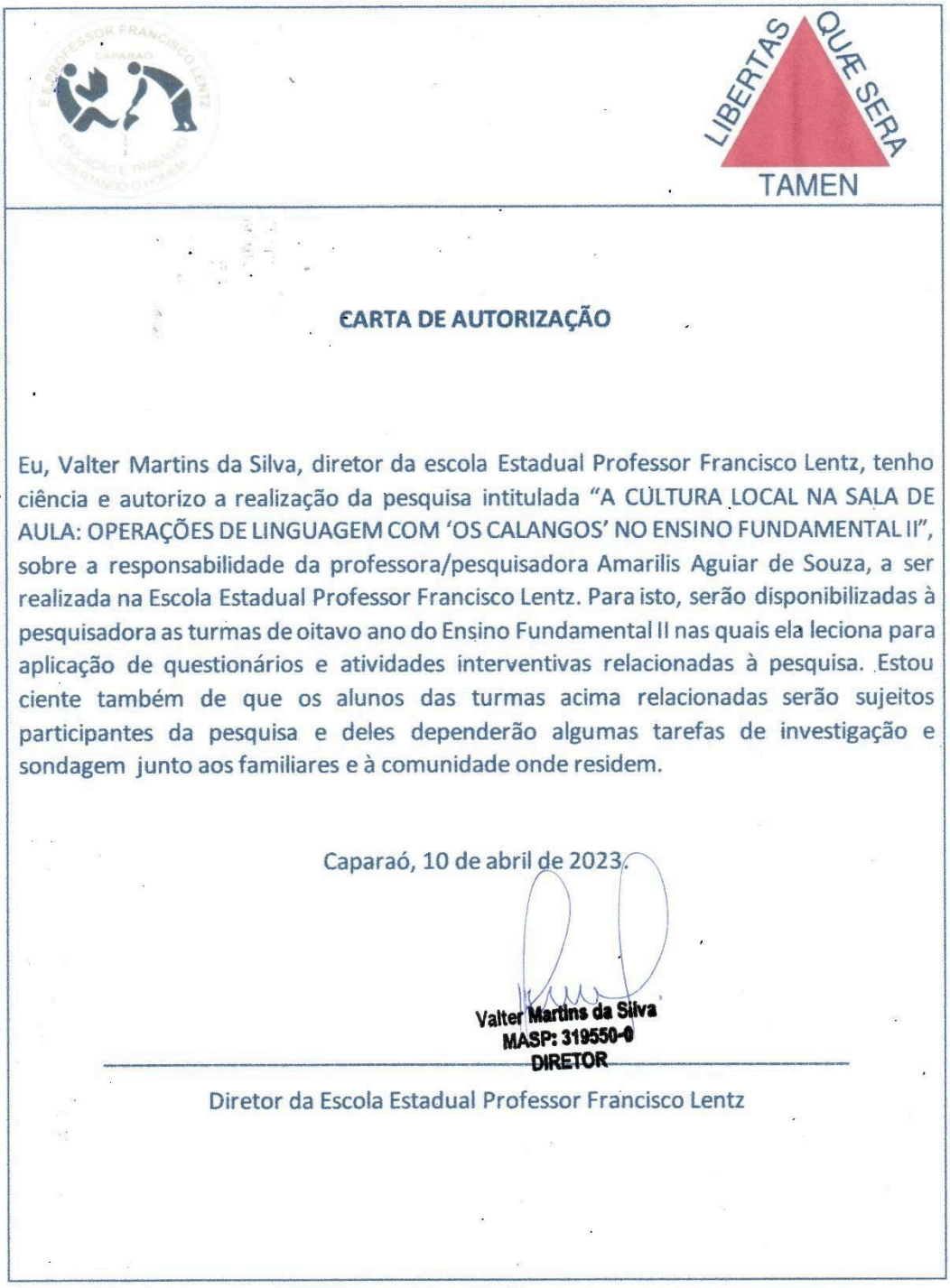
6)- Estamos fazendo uma pesquisa para a escola e percebemos que hoje em dia poucas pessoas conhecem o calango aqui no município de Caparaó. O que você acha disso?

7)- Você acha que seria importante os jovens e adolescentes conhecerem o calango? Por quê?

Respostas:

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO



LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Valter Martins da Silva, diretor da escola Estadual Professor Francisco Lentz, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada "A CULTURA LOCAL NA SALA DE AULA: OPERAÇÕES DE LINGUAGEM COM 'OS CALANGOS' NO ENSINO FUNDAMENTAL II", sobre a responsabilidade da professora/pesquisadora Amarilis Aguiar de Souza, a ser realizada na Escola Estadual Professor Francisco Lentz. Para isto, serão disponibilizadas à pesquisadora as turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental II nas quais ela leciona para aplicação de questionários e atividades interventivas relacionadas à pesquisa. Estou ciente também de que os alunos das turmas acima relacionadas serão sujeitos participantes da pesquisa e deles dependerão algumas tarefas de investigação e sondagem junto aos familiares e à comunidade onde residem.

Caparaó, 10 de abril de 2023.

Valter Martins da Silva
MASP: 319550-0
DIRETOR

Diretor da Escola Estadual Professor Francisco Lentz

ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL
Espírito Santo

PROFLETRAS

Caparaó/MG, 12 de abril de 2023.

Senhores pais ou responsáveis,

Sou Amarilis Aguiar de Souza, professora de Língua Portuguesa de seu/sua filho(a). Possuo graduação em Letras – Português/Inglês/Literatura pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola – UEMG e, entre outros cursos na área de educação, realizei três pós-graduações: uma em Psicopedagogia, uma em Educação Saúde e Meio Ambiente e uma em Educação Especial. Sou professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e atuo no quadro permanente de funcionários da E. E. Professor Francisco Lentz, no município de Caparaó/MG desde 2006.

Atualmente, curso o Mestrado Profissional em Letras no IFES, Campus Vitória/ES e estou realizando uma pesquisa juntamente com meu professor orientador Dr. Antônio Carlos Gomes. O título da nossa pesquisa é "A cultura local na sala de aula: operações de linguagem com 'os calangos' no Ensino Fundamental II". Compreendo a importância da valorização cultural no processo ensino/aprendizagem e vejo que o envolvimento dos nossos alunos com as pessoas que conhecem esse tipo de manifestação contribuirá para edificar o potencial dos estudantes tanto na troca de conhecimentos e experiências quanto na capacidade de envolver-se e valorizar a cultura enquanto conhecimento popular. O objetivo principal da nossa pesquisa é investigar estratégias para abordar os "calangos" em sala de aula, a fim de exaltar seu valor cultural e trabalhar por meio deles a oralidade, a leitura e a produção escrita nas aulas de Língua Portuguesa. Compreendemos, portanto, que a participação dos alunos no processo de construção desse trabalho será um meio propício para que eles aprendam a refletir sobre a língua em uso e tenham a oportunidade de fazer parte de um trabalho científico.

É importante ressaltarmos que todos os participantes da pesquisa não serão, em hipótese nenhuma, identificados e que, tanto a escola de seu filho quanto o Programa de Mestrado Profissional em Letras têm ciência do que foi exposto neste documento. Por essa razão, segue em anexo um termo de assentimento com os devidos esclarecimentos quanto à idoneidade da pesquisa para que seja assinado pelo responsável de cada estudante.

Colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Amarilis Aguiar de Souza

Escola Estadual Professor Francisco Lentz
Decreto nº 8016/64 de 16/11/64
Extensão de série: Resolução 5637/85 de 02/04/85
Rua Oscar Pinheiro, 160 CEP:36.834-000
Caparaó-Minas Gerais Tel.. (32)3747-1005

ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO

INSTITUTO FEDERAL
Espírito Santo

PROFLETRAS

PESQUISA: "A cultura local na sala de aula: operações de linguagem com 'os calangos' no Ensino Fundamental II".
MESTRANDA: Amarilis Aguiar de Souza
ORIENTADOR: Dr. Antônio Carlos Gomes

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu,_____,
de número de CPF_____, responsável pelo aluno(a) _____,
matriculado no oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Francisco Lentz – Caparaó, MG – autorizo a participação desse educando na pesquisa "A cultura local na sala de aula: operações de linguagem com 'os calangos' no Ensino Fundamental II" – do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – IFES (Campus Vitória), conduzida pela pesquisadora Amarilis Aguiar de Souza. Entendo que neste estudo o aluno irá realizar atividades dentro e fora da escola com o objetivo de investigar estratégias para abordar os "calangos" em sala de aula, a fim de exaltar seu valor cultural e trabalhar por meio deles a oralidade, a leitura e a produção escrita nas aulas de Língua Portuguesa.

Sei que poderei entrar em contato com o Instituto Federal do Espírito Santo – IFES (Campus Vitória), para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail profletras.vi@ifes.edu.br ou pelo telefone (27) 3331-2188, bem como com a pesquisadora Amarilis Aguiar de Souza, também professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Professor Francisco Lentz pelo telefone (32) 98427-2833.

Ficam claros para mim que, embora mínimos, sempre há a possibilidade de pequenos riscos ao participar da pesquisa bem como o desagrado com algo que alguém diga ou faça. Também tenho ciência que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para a escola e para a sociedade. Sei também que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do aluno.

Caparaó, 12 de abril de 2023.

_____
Assinatura do responsável pelo participante

ANEXO D – CALANGOS RESGATADOS

Calango 1

Você diz que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que mais mata
É o zóio de alguém.

Subi no alto do morro
Pra avistá o Rii de Janeiro
Avistei o moreninho
Pelo cacho do cabelo.

Calango 2

Calango tango
No calango do juá
Nunca vi tirá miolo
Na cabeça sem quebrar.

Você diz que canta muito
Deixa eu também cantá
Você pra cantar provoca
Eu canto sem provocá.

Sou duro no que é meu
Mas quando os outro qué tomá
O que é meu ninguém me toma
Só se eu mesmo quisé dá.

Calango 3

Morena dos olhos pretos
Cabelo longo, comprido
Mais longo que o seu cabelo
É o chifre do seu marido.

Calango 4

Eu não vou na sua casa
Pra você não ir na minha
Você tem a boca grande
Vai comê minhas galinha.

Prantei um pé de cravo
Na porta do cemitério
Se não for para casar
Namorar também não quero.

Calango 5

Uh, cumpadre, vem cantá
Vem aqui que eu desafio
Cantador que nem você
Fecha a boca e não dá pio.

Quê que é isso, meu colega
Cê não tem educação
Tem um cheiro de gambá
E um rosnado de leão.

Calango 6

Calango tema
No calango nego taia
Nunca vi dançar calango
Sem a saia balançar.

E nessa mão tem cinco dedo
Na de cá cinco terá
Com essa mão eu tiro dama
Com a de cá eu vou dançá.

Mas eu mamei em sete vaca
Na porteira do currá
E a moça de quatorze anos
Chora pra me acompanhá.
Uh!

Fala, menina,
Que eu também quero falá
Cantador que nem você
Eu carrego no emborná.
Uh! Uh!

Minha mãe me deu uma coça
Com galhim de jequiri
Eu chorei a noite inteira
Não deixei ninguém dormi.

Fala, menina,
Que eu também quero falá
Debaixo do seu pescoço
Só prantá repôi que dá.

Na boca do seu nariz

Vou botá pata chocá
E cantador que nem você
Eu carrego no emborná.

Calango 7

Calango tango
No calango do juá
Nunca vi dançar calango
Sem o corpo requebrá.

Calango tango
No calango da lacraia
quem tem horta come couve
Quem não tem come serraia.

Calango 8

Fala, moço,
Do batido que lá ia
Piso na água, não molho
Na folha seca não chia.

Passei na cerca de arame
Meu corpo tudo tremia
Uma grande tempestade
Naquela tarde havia.

Não tinha chuveiro quente
Tomei bãe na bacia
Perguntei a dona da casa
Como o mundo lá ia.

Bem depressa respondeu

Lá vai tudo a reveria
O mundo está virado
Está uma cavalaria

Cheguei em casa
Na sexta-feira passada
Para vê se eu arranjava
Pra mim uma namorada.

Eu cheguei numa fazenda
Já era de madrugada
Num cantinho tinha u'a véia
Um pouquinho disligada.

Com um cacete na mão
Querendo dar porretada
Minha fia está sortera
Mas num tá desesperada.

Pra casá com vagabundo
E andá pelas estrada
A véia deu um subii
E chamou as cachorrada.

Calango 9 – Calango vascaíno

Tô sem consolo
Ninguém vem me consolar
Vou cantar o meu calango
Que é pra vida melhorá.

Meu calango
Até a vida melhorá
Minha única alegria

É ver o Vasco ganhá.

Minha alegria
É ver o Vasco ganhá
Eu tô cansado de derrota
Mas não vou me entregá.

E de derrota
Mas não vou me entregá
E se a morte é um discanso
Eu não quero discansá.

Lá no alto daquele morro
Passa boi, passa boiada
Só não passa o moreno
De cabelo cacheado.

Calango 10

O Quico vei na mina
Vei tocado a gasolina
Vei no sarto do sapato
Vei no bico da butina.

O bicho pegou a galinha
No mei do capim angola
O bicho grita: “Meu Deus!”
Galinha: “Nossa Senhora!”

Calango tango
No calango da lacraia
A mulher do Zé Maria
Foi dançar perdeu a saia.

Calango tango
No calango da Rebeca
O sapo saiu correndo
Atrás da perereca.

Calango 11

Quando eu chego numa vila
Confusão aumenta mais
Mulher larga do marido
A filha despreza os pais.

Uai! Uai!
Quem trupica tamém cai
Trupiquei no pé da mãe
Fui parar no pé do pai.

Calango 12

Fala, ô menino,
Deixa eu tornar falá
No dia que eu tô azio
Num me importo pro azar
Você vem de pulo em pulo
Eu vou de sarto mortá.

Fala, ô menino,
E miá que eu vou falá
Quem quiser beber cachaça
E manda o calango cá
O calango é bicho doido
Vai depressa e vorta já.

Fala, ô menino,

Escuta o que eu vou falá
Quero que você me conta
Quantas pinta tem o gambá
Uma na ponta do rabo
E outra na vorta da pá.

Calango 13

Calango tango
No calango da lacraia
A mulher do Zé Maria
Foi dançar perdeu a saia.

Calango tango
No calango do remelexo
A namorada do Marcinho
Foi dançar caiu o queixo.

Calango 14

Cambalelê
Cambalelá
A casa de nego
Não tem banco pra sentá.

Igreja de nego é venda
Santo de nego é garrafa
Doutor de nego é cachorro
Remédio de nego é cachaça.

Nego não vai à missa
Nem companha procissão
Fica na porta da venda
Fazendo malcriação.

Seu branco compra passagem
O nego compra tamém
Seu branco anda embarcado
O nego corre atrás do trem.

Calango 15

Que aí tamém
Bebo da amarela
Quando não tem copo
Bebo na tigela
Este cabo um dia
Vai morrer sem vela.

Sai o hospício
Sai do corpo

Quer ir lá pro céu
Portão tá fechado
São Pedro não abre
Porque tá enfezado
Lá no céu não entra
Gente embriagado.

Calango 16

Fui chamado
Pra cantá com o Malaquia
Cantei sexta
Cantei sábado
No domingo té mei dia
Quando foi segunda-feira
Perguntei se inda queria.

Perguntei se inda queria

Lá em cima tá chovendo
Cá embaixo tá moiado
Quem quisé me dá cumê
Me dá um prato carculado.

Não quero que o povo diga
Que eu sou nego fomiado
Comi sapo com arroz
E lagatixa com quiabo.

Calango 17

Quem quisé cahaça boa
Manda o calango buscá
O calango é bicho esperto
Vai depressa e vorta já.

Eu andei sessenta légua
No lombo do piriá
O bichinho tão danado
Danado pra caminhá.

Eita perna quebrada
Eu também sei remendá
É com leite de tajuba
E raiz de jatubá.

Quando eu vim da minha terra
Truce facas e facão
Pra cortá crista de galo

Topete de valentão.

Calango 18

Ei, que agora vou falá
O bode preto Garipo
Quando berra qué mamá.
Ei, que agora eu vou falá.

Galinha tem duas asas
Mas não tem duas mulhé
Com essa mão eu tiro dama
Com essa aqui eu vou dançá.

Você diz que dá a bola
A bola você não dá
A bola custou dinheiro
Dinheiro custa ganhá
Custou mile e quinhento
Lá na venda do bazar.

Calango 19

Calango tango
No calango da lacraia
A mulhé que pula muito
Rebentou o cordão da saia.

Você diz que quer-me bem
Eu te quero muito mais
Eu não sei se querer bem
É da moda que ocê faz.

Menina dos olhos preto

Olhos de jabuticaba
O dia que não te vejo
O mundo pra mim acaba.

A flor do mato cai
Quando é tempo de calor
Eu também quero cair
Nos braços do meu amor.

Você diz que vai embora
Bana o lenço pra eu ver
Na tua saída eu choro
Bom será se não morrer.

Calango 20

Calango tango
No calango da alegria
O seu pai morreu de fome
E sua mãe de anemia.

Calango tango
No calango da lacraia
Eu trabái semana inteira
Pra domingo jogá maia.

Calango 21

Calango tango
No calango tererá
Nunca vi dançar calango
Sem o corpo balançá.

Na vorta que eu dô no corpo

A garota tamém dá
Eu danço com meia dúzia
Deixo meia descansá.

Joguei meu chapéu pra cima
Meu chapéu parou no ar
Eu rezei pra Santo Antõe
E meu chapéu tornou vortá.

Eu pedi peneira fina
Me deram peneira pá
Enquanto peneira chega
Meu chapéu coou fubá.